Dark Gero



Obscura

Surpreendente
Apavorante
PERTURBADOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou

quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir

a um novo nível.





BIBLIOTECA
DO EXILADO

Obscura

Dark Gero

[2ª Edição revisada 2012 – Por Peter Arcano]

Aos que disseram que eu não conseguiria.

Os pontos de vista e crenças apresentados neste livro não são necessariamente os mesmos do autor. *Só alguns*...

****

Os personagens deste livro são fictícios, mas qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência...

Índice

INTRODUÇÃO
A CADEIRA DE RODAS
ESPANTALHO
CAIM
OBSCURA
ARLEQUIM
MENSAGEM DO AUTOR

INTRODUÇÃO

Medo. Essencial à sobrevivência, parte de nossas vidas. Temos medo de elevador; medo de animais peçonhentos como aranhas, ou simplesmente nojentos como sapos; medo do ridículo; medo da solidão; medo de dirigir; medo de assaltos; medo de morrer; medo do que não conhecemos...

O desconhecido. O sobrenatural. O além. Basta sermos confrontados com algo que não possamos explicar para

que o velho medo venha à tona. Haveria vida após a morte ou espíritos vingativos presos em nosso plano de existência? Haveria magia negra capaz de nos fazer mal? Haveria demônios ao nosso redor prontos para acabar com nossas vidas?

Sentimos até prazer com o medo quando vemos filmes de terror ou andamos de montanha russa. O medo nos faz sentir vivos... Mas até que ponto gostamos de sentir medo? Até que ponto uma simples história de terror pode ultrapassar os limites da razão e alimentar nossos piores pesadelos?

Descubra neste livro de contos incrível que explora as várias facetas do medo e do sobrenatural. Mergulhe nesta apavorante viagem ao mundo dos mortos - e pior - dos vivos!

Dark Gero.

A CADEIRA DE RODAS

A jornalista apertou forte o cabo do guarda-chuva que segurava. O coração batia acelerado, embora o que sentisse por dentro fosse algo bem mais nostálgico que o medo. Estava parada a uma certa distância do aglomerado de pessoas que se fazia diante do casarão de dois andares, o maior daquela curta rua. Os carros de polícia estavam ao redor da construção. Alguns policiais tentavam afastar os

curiosos, mas não precisavam ter muito trabalho, pois os mais supersticiosos queriam distância daquela casa e aproximavam-se apenas para terem certeza de que a morte havia se abatido novamente sobre aquele endereço. Dessa vez, de forma ainda mais sinistra e misteriosa

Não estava chovendo, mas a garoa ameaçava uma nova tempestade a qualquer momento, por isso, todos se mantinham preparados com seus guarda-chuvas, agasalhos ou capas. Um policial alto, o que havia arrombado a portado casarão, avisava para que não tocassem no

corpo até que a perícia chegasse.

Corpo...

A cena mais sinistra e inexplicável que o policial já vira em sua carreira. Ali, no meio da espaçosa sala, jazia o corpo de uma jovem mulher sobre uma cadeira de rodas. Estava sentada, com o corpo caído para um lado. O pescoço pendido de forma estranha, como se estivesse quebrado. Haviam vasculhado toda a casa, que estava totalmente trancada por dentro, desde as portas até a menor janela, com ferrolhos. Aparentemente, quem quer que houvesse assassinado a jovem, ainda estava dentro da

casa.

Porém, essa hipótese foi logo descartada após uma revista por todos os cômodos. A alternativa lógica que restara era que ela havia se suicidado. Mas como, e porque sobre a velha cadeira de rodas?

O que intrigava a polícia arrepiava os moradores vizinhos que presenciavam a cena do crime naquele momento. Não fora nenhum louco assassino, tampouco um suicídio. Todos sabiam a quem culpar: o velho morador da casa, o sinistro senhor Cabral. O idoso macabro que ali morava, realizando rituais

satânicos. Alguns diziam que ele matara a própria esposa em sacrifício às trevas, mas o fato que realmente assombrava os moradores da região, fazendo-os temer e odiar o velho, foi que a babá paga para cuidar dele após seu derrame, que o deixou paralítico foi encontrada morta há um ano ao seu lado, naquelas mesmas circunstâncias: Portas e janelas trancadas por dentro. Como o velho teria assassinado a jovem, já que era paralítico, nem mesmo falava? E por que agora, após sua morte, aquela outra pobre infeliz fora parar morta em sua cadeira de rodas?

Eram esses e outros rumores que circulavam entre a pequena multidão na frente da residência. O velho Cabral e sua magia negra, os gritos que ele dera nos dias antes de sua morte, choro da velha esposa dele altas horas da noite... Mas a jornalista estava alheia a todos esses comentários. Ela sabia a verdadeira história do velho

Cabral e o que acontecera com sua amiga, morta na cadeira de rodas. Detalhes mórbidos e apavorantes, que as mentes perversas e fofoqueiras seriam incapazes de entender. Ela sabia, porque a vítima havia lhe contado

pouco antes da tragédia. Ela soube dos dois dias que sua amiga passara na casa, dos terríveis acontecimentos que se sucederam, mas que ninguém conheceria. Não. Porque ela prometera guardar segredo à última, prometera enterrar para si todo o terror que lhe fora relatado por sua melhor amiga. A única coisa que pôde fazer foi chamar a polícia após o ato consumado.

Limpou o rosto com as costas das mãos, enxugando as lágrimas. Voltou para seu carro, estacionado logo adiante. Não estava ali a trabalho, viera apenas dar um último adeus à sua melhor

amiga...

... e que continuava ali, morta, pendida de lado sobre a velha cadeira de rodas...

Alessandra discou o número e ficou esperando ansiosa que atendessem logo. Atenderam.

— Alô?

— Alô, Jéssica?

— Alessa! Como vai, amiga?

— Melhor que nunca, Jessy. Adivinha só... - fez um gemido de suspense, esperando a reação da outra.

— O que é maluca? Fala logo!

— Eu consegui menina, eu

passei no concurso pra professor aí na tua cidade. Sou concursada agora!

— Sério? Parabéns, amiga! Você merece, merece mesmo!

— Aiiii, eu tô tão ansiosa...

— Estou orgulhosa Alessa Finalmente você vai sair dos colégios escrotos daí, né.

— Não, escrotos não Jessy. Até que eu gosto daqui, mas o dinheiro é maior... Na capital...

— Quando você começa?

— Eu ainda vou passar por algumas entrevistas, resolver

uma papelada, umas burocracias, coisa rápida. Enquanto isso, eu vou ficar numa casa alugada, dividindo com umas três pessoas que nunca vi na vida... Mas é só até as entrevistas, depois eu compro uma casa por aí.

— Parabéns, parabéns mesmo Alessa. Boa sorte nas entrevistas, tá? Eu te chamaria pra ficar aqui em casa, se você não fosse cismada com o Diego...

— Esse seu marido é que não me suporta.

— Azar o dele...

— É.

As duas riram e conversaram mais um pouco antes

que Alessandra desligasse. Combinaram de se encontrar no dia seguinte, o da entrevista. Já havia chegado a cidade e dirigia-se para a morada temporária, em um táxi. Um amigo de sua mãe era o atual dono do casarão onde ela ficaria. Alugara barato, mas advertindo que alguns parentes seus, andavam na casa, de vez em quando, sem aviso, pois cada um tinha a sua chave. Avisou-a também de que não eram comunicativos e até um pouco arrogantes, mas que não mordiam nem nada parecido. Era a oportunidade de sua vida! Trabalhar concursada na capital

era tão magnífico quanto assustador. E pensar que isso só dependia de algumas entrevistas...

Olhou para o relógio de pulso, fazendo uma careta ao ver que estava anoitecendo tão rápido. Estava com a bagagem ao seu lado, no banco traseiro do táxi, a chave e algum dinheiro no bolso. E... não havia esquecido nada. Exceto um guarda-chuva.

Lá fora, trovões ameaçavam uma noite de tempestade. Benzeu-se, rezado para que tudo desse certo...

Alessandra teve de correr do táxi até a varanda do casarão para que suas coisas não se

molhassem. Como era previsível, a chuva despencou do céu, acompanhada de relâmpagos e trovões. Girou a chave na maçaneta, entrando e trancando a porta em seguida. Procurou um interruptor na parede e ascendeu a luz.

Era uma bela sala. Antiga, mas bela. Havia um grande tapete no centro, alguns móveis de carvalho e mogno e quadros nas paredes. Alguns eram de paisagens, outros, retratavam um casal com vestes antigas. Em uma das fotos, no centro da sala, estava o casal lado a lado, posando da região dos ombros

pra cima. Deviam ser os ex-moradores, pensou.

À esquerda, uma escada dava acesso ao andar de cima. Resolveu explorar primeiro o térreo. Havia uma cozinha, três quartos, dois banheiros, uma minibiblioteca, uma sala de jantar e um quintal atrás da casa, um espaço relativamente grande, mas difícil de vislumbrar naquela

chuva torrencial. Voltou à sala e esparramou-se em um sofá, esticando-se toda. Estava exausta da viagem.

Até então estava sozinha naquela casa, pensava. Era melhor guardar as suas coisas no

andar de cima, onde dormiria. Dirigiu-se as escada escadas e subiu alguns degraus.

Parou.

Um barulho abaixo dela.

Inclinou-se sobre o corrimão para descobrir o que era. Sob a escada havia um compartimento com porta, que estava com um ruído estranho... como algo batendo. Alessa sorriu, imaginando que espécie de rato safado estava tentando assustá-la bancando o fantasma.

Continuou a subir. O barulho cessou.

No andar superior, Alessandra procurou logo por seu

quarto, onde descarregou as bolsas, estirando na confortável cama de casal. Era uma cama branca, com uma cobertura, como as que se vê em filmes de época. Não demorou muito para que cochilasse, entregue ao cansaço.

Acordou três horas depois. Consultou o relógio. Santo Deus, alguém poderia ter chegado, eram mais de nove! Ao levantar da cama, sentiu um leve arrepio... seu ombro estava um pouco dormente, como se algo houvesse estado sobre ele. Afagou-o com a mão, intrigada, olhando para o lado da cama onde não deitara. Afinal, só havia

ela na cama, mas ninguém...

Ainda chovia lá fora, ainda mais forte. Andou até a porta do quarto, mas teve a ideia de fazer algo para comer. Trouxera comida na bagagem. Virou-se para pegar.

Deu um grito.

A cama, de onde acabara de se levantar, estava arrumada! Como era possível? Será que tinha arrumado sem perceber, ou não bagunçara tanto ao deitar? Devia ser algo assim, com certeza.

Era o que ela esperava...

Saiu do quarto, esquecendo-se da fome. Começou

a descer o lance de escadas. Sobressaltou-se.

O barulho, de novo!

Abaixo da escada, como algo batendo para sair. Não era o vento nem ratos, já que as pancadas eram fortes demais para os roedores. Era mais, para algo repetitivo, como um galho batendo em uma janela. Desceu os degraus restantes, dando a volta até a portinha retangular. O que diabos seria? Girou a maçaneta.

O cubículo, abaixo da escada, tinha apenas um objeto aparente...

Uma cadeira de rodas.

Estranho. Ou a casa estava se inclinando e movendo a cadeira, como em uma embarcação, ou a cadeira estava se movendo sozinha... estava ali, estática, como se detivesse os movimentos ao ser liberta.

Besteira.

Alessa fechou a porta novamente, pondo em sua cabeça que haveria alguma explicação lógica. Trovejava forte. Voltou suas preocupações para outro fato: e se faltasse luz? Não trouxera lanterna, e morria de medo do escuro. Em sua cidade bastava uma chuvinha para a energia ir embora. Andou até a

cozinha. Achou dois maços de velas. Pegou três, o suficiente para emergências.

Havia comida na geladeira, mas resolveu não mexer, temendo a reação do dono. Optou por algo que trouxera consigo na bagagem. Pegou uma caixa de fósforos e subiu as escadas quase correndo.

Se não estivesse distraída, notaria que a cadeira de rodas estava do lado de fora do compartimento da escada...

Já no quarto, retirou da bagagem um gravador portátil e o conectou em uma tomada. Escolheu um CD bem agitado do

Marilyn Manson, e colocou no mais alto volume. A música era a única coisa que afazia relaxar de verdade, esquecer do medo. E era exatamente o que estava sentindo com a forte chuva lá fora e as sensações estranhas na casa.

Um forte trovão explodiu no céu, como um sinal de fúria por causa da música. Alessa assustou-se, principalmente porque o temível aconteceu: as luzes se foram, junto com as blasfêmias de Manson. A casa mergulhou no mais profundo breu.

Uma sensação familiar assaltou a jovem professora. Sensação esquecida desde os

seus tempos de criança, de estar na escuridão, sozinha na casa, com uma forte chuva lá fora... Era o medo. Há tempos na experimentara-o daquela maneira. Não era medo de bandidos ou quaisquer outros perigos urbanos... era o primitivo e angustiante medo do sobrenatural.

Deixara as velas no bolso, junto com os fósforos. Acendeu uma delas tremendo. Dizia a si mesma que era adulta, que não existiam essas baboseiras sobre o além, fantasmas e afins. Sorriu nervosa. De que estava com medo? Acendeu as outras duas e as pôs sobre o criado mudo. E

agora? Sem som ou TV, não tinha nada para distraí-la para passar o tempo. Lembrou-se do seu celular. Podia ficar olhando fotos, vídeos ou jogando algum jogo inútil até o sono bater. Pegou o aparelho na bolsa, virando-se sobressaltada para a porta. Alguma coisa passara no corredor? Andou até a porta, trêmula. E se houvesse alguém na casa além dela? Alguma coisa havia passado apressada de um lado ao outro da porta. O que seria? A chama da vela que segurava estava trêmula, e se não estivesse vidrada na porta do quarto, teria notado no canto

esquerdo do cômodo...

...uma velha senhora joelhada de costas, com as mãos em prece.

A vela iluminou o corredor. Haviam outras portas fechadas. Experimentou cada maçaneta, certificando-se de que estavam trancadas. Ouviu um barulho estranho, vindo do andar de baixo. Aguçou os ouvidos, tenteando superar o barulho da chuva. O que era? Seria... choro?

Chegou até as escadas, já de olhos arregalados. Não estava preparada para o que aconteceria. No meio da escadaria, viu, até o limite que a vela iluminava, um

homem alto, andando em direção à cozinha.

O coração disparou.

Bandido? Fantasma?

Suspirou aliviada ao lembrar de uma terceira alternativa: os outros inquilinos da casa. Devia ter chegado e achado que não havia ninguém. Sorriu, batendo na testa. Como não pensara? Cada um tinha a sua chave, podia entrar e sair quando quisesse. Ficou em dúvida. Fazia contato com o outro hóspede logo, ou esperava o amanhecer, temendo assustá-lo como ele fizera?

Fez a opção mais lúcida:

— Olá?... Eu sou a hóspede novata. Não sabia que tinha mais alguém em casa... - esperou ansiosa uma resposta.

Não houve.

— Oi!

— Silêncio.

A voz causou um susto tremendo em Alessa. Vinha do sofá, onde antes estivera sentada. Havia uma mulher sentada, com o rosto enterrado entre as mãos. Estava chorando.

— Você me assustou... eu... eu sou a hóspede temporária da casa...O que você tem, por que está chorando?

— Me deixe sozinha!

Cortou a outra, logo em seguida levantando-se do sofá, dando a volta e entrando por uma porta, trancando em seguida.

Alessandra intrigou-se. Definitivamente os outros moradores não estavam a fim de bater papo ou arranjar novos amigos. Deviam está cheios de estresse do dia e de outros problemas... Mas o importante é que não estava sozinha mais na casa, o que lhe dava um certo conforto.

Subiu o lance de escadas e sentiu uma certa sonolência. Trancou-se no quarto, já apagando a vela que carregava.

Rezou à beira da cama e apagou as outras velas, despencando em um sono profundo.

Teve um terrível pesadelo em que uma velha dormia ao seu lado. Acordou com o barulho do despertador do seu celular, pela manhã.

Deu um grito.

Sua mente não acreditava no que estava diante dos seus olhos...

Jéssica tocou a campainha do casarão. Ouviu uma movimentação lá dentro, então a porta abriu-se.

— Alessa! O que houve, estava chorando? Disse

abraçando a amiga.

— Oh, Jéssica, você não vai acreditar, não vai acreditar... Entra.

Jéssica entrou no casarão, admirando brevemente seu interior, mas voltou sua atenção para a amiga, que estava com os olhos vermelhos de quem chorara. Estava visivelmente abalada. Sentaram-se no sofá. Jéssica segurou-lhe as mãos, preocupada. Alessandra contou com detalhes os estranhos acontecimentos da noite anterior, do contato com os outros hóspedes e de como acordara naquela manhã.

— Foi horrível, Jessy. Não há explicação para o que ocorreu. Eu havia trancado a porta por dentro, então como... como... Ela olhava para um ponto distante, imaginando a cena com horror. — Como aquela cadeira de rodas foi parar ao lado da minha cama?

— Como? Você tem certeza de que trancou a porta realmente?

— Claro, absoluta.

Jéssica pensou por um momento e disse, com ar inteligente:

— Algum dos outros inquilinos deve ter a chave de seu

quarto e resolveu te pregar uma peça. Onde estão eles? Ela deu uma olhada ao redor.

— Quando saí de manhã não havia mais ninguém aqui.

— E a entrevista, como foi? Jéssica mudou de assunto.

— Péssima, amiga. Não poderia ter sido pior. Estava nervosa demais, impressionada com o que ocorreu ontem. É por isso que estou tão triste...

— Calma, Alessa, calma. Confortou-a Jéssica.

Conversaram por algum tempo, então resolveram dar uma volta, para relaxar, esquecer aquilo. Passaram o dia no

shopping e em outros pontos interessantes da cidade. No meio da tarde, Jéssica teve de ir. Não a convidou a ir a sua casa porque sabia que ela não aceitaria. Alessa tivera um desentendimento com seu marido Diego. Um bate-boca para defender a amiga que virou um rancor não esquecido.

Alessa despediu-se de Jéssica e voltou para a casa, para enfrentar seus demônios. Talvez se fosse bem na próxima entrevista, eles ainda a aceitassem. Estava prestes a entrar no casarão, quando uma velha senhora, da casa vizinha, chamou sua atenção.

— Ei, minha jovem!

— Hum...? Ela virou-se para a mulher.

— Você viu? Você já viu ele?

— Ele quem? De quem você está falando?

— Do velho Cabral. Você já viu ele?

— Não, não senhora. Quem é Cabral?

— E a mulher dele? Você viu?

— Desculpe, não vi nenhum deles, não sei quem são.

— O Cabral era metido com o diabo, mocinha. Sacrificou a própria mulher em nome de

Satã. Matou a babá mesmo estando com derrame, moribundo. Benzeu-se. — Tome cuidado, pode ser a próxima.

A mulher virou-se, deixando Alessandra pasma. Entrou no casarão, sentando-se desconfortavelmente no sofá. Aquele lugar lhe dava arrepios. Olhou para o compartimento abaixo da escada, onde havia recolocado a cadeira de rodas. Fechou os olhos, rezando para que nada bizarro voltasse a lhe acontecer.

As palavras da vizinha maluca deixaram-na intrigada. Talvez o casarão tivesse suas

lendas, seus fantasmas no imaginário do povo. Não tinha como saber. O atual dono da casa só a comprara por causa do preço ridículo, mas raramente pisava lá. Dos outros inquilinos ela pouco sabia. Ao pensar neles sentiu uma repentina raiva. Como ousavam tentar assustá-la daquela maneira?

Ouviu um trovão.

Sentiu um arrepio só de imaginar ficar na escuridão novamente. Providenciou logo algo para comer, para não precisar ter que ficar descendo e subindo aquelas desagradáveis escadas. Só então prestou atenção

na pequena biblioteca. Andou até ela, admirando aquelas três estantes de livros velhos e empoeirados. Havia um livro de capa preta e marrom, com letras vermelhas, caído. Agachou-se e o pegou. O título a fez arrepiar-se: RITOS E MAGIAS NEGRAS.

Outro trovão ribombou no céu. Uma tempestade começou a cair. Era como se o dia anterior estivesse se repetindo, o que era suficiente para apavorá-la. Resolveu ficar na biblioteca, assim poderia ver quando os outros inquilinos entrassem, para não ser pega de surpresa novamente. Não estava tão

escuro, mas apanhou algumas velas e acendeu duas sobre a escrivaninha da biblioteca, pois o interruptor estava queimado. Deixou a porta aberta. Folheou o livro que encontrara caído. Pura e simples curiosidade. Na situação em que se encontrava, a última coisa que deveria fazer era folhear um livro com um título como aquele. As gravuras eram bizarras e satânicas, ilustravam rituais de magia negra e o texto era um manual de como realizá-los.

Um deles lhe chamou a atenção: Como conjurar os mortos. O ritual era simples de se

realizar, mas era assustadora a ideia de se invocar pessoas que já morreram. Os passos a se seguir eram:

1. Desenhar um símbolo satânico no objeto mais próximo e precioso da pessoa (o símbolo estava desenhado no livro);

2. Fazer uma oração negra de conjura (também citada no livro);

3. Acender uma vela, tendo em mente a pessoa que se deseja conjurar, caso contrário o espírito mais próximo será conjurado;

4. O espírito invocado ficará materializado enquanto a

vela durar. Caso a pessoa queira encurtar a permanência do espírito, basta apagar a vela.

5. O encerramento consiste em apagar a vela, ou esperar que se esvaia, fazer a oração negra de encerramento e apagar o símbolo desenhado.

Caso esse procedimento não fosse feito, uma grande quantidade de magia negra se concentraria no local em que o símbolo fosse desenhado, o que poderia causar um distúrbio no mundo dos mortos, então cada vela acesa no domínio do objeto conjuraria um espírito qualquer, geralmente um atormentado ou

vingativo. A alma do conjurador se tornaria então sentinela eterna do objeto. E o símbolo levaria a maldição onde quer que fosse levado.

Leu sobre os espíritos atormentados que o livro mencionara. Segundo ele, tais espíritos, por não terem paz após a morte, ficam extremamente confusos quando estão de volta entre os vivos e descontam suas mágoas e raivas neles. Costumam confundir vida e morte, vivos e mortos. Algumas vezes pensam estar vivos e apenas sofrem. São pouco comunicativos e muito violentos.

Alessa estava tão fascinada quando assustada com aquelas palavras. Embora fosse muito cética, o livro parecia exercer-lhe uma veracidade absurda. Resolveu deixá-lo de mão e subir para seu quarto, mas quando se levantou da cadeira, teve um súbito susto.

Havia um homem entre as estantes, olhando para ela.

Arrepiou-se por completo. Não só pela inesperada visão do estranho, mas por causa de sua expressão... Ele a olhava como se estivesse bravo.

— Q-Quem... Quem é você? Perguntou com a voz

trêmula, embargada de pavor.

Não houve resposta.

Ela afastou-se da escrivaninha, mas o homem nem se moveu, nem mesmo tirou os olhos dos dela. Há quanto tempo ele estivera ali? Talvez fosse um dos hóspedes, que já estava na biblioteca quando ela chegou, mas por que não dissera nada? Por que não dizia nada? Por que a olhava de forma tão furiosa? Era assustador!

— Por que não diz nada? Conseguiu perguntar.

O homem nem se moveu. E se fosse um ladrão?

— Meu nome é Paulo.

Disse o homem, finalmente.

— Paulo? Você também mora aqui? Tentava disfarçar o nervosismo, mas sua voz a denunciava.

— Não. Disse secamente.

Claro. Nenhum deles morava ali, iam até o casarão apenas casualmente. Pergunta idiota.

Ele continuava com o olhar bravo. Alessa não entendia o motivo. Talvez ela o estivesse incomodando.

— Você quer ficar sozinho?

— Quem é você? Foi a vez de ele perguntar.

Então era isso. Ela não se apresentara em momento algum. Ela era a estranha na casa, Por isso ele estava bravo.

— Eu sou Alessandra, sou hóspede da casa como você. Desculpe-me não ter me apresentado antes, e...

Seu celular tocou.

Aproveitou essa desculpa para afastar-se do estranho. Saiu da biblioteca sem dizer nada ao homem. Atendeu o celular, nervosa. Era o dono da casa, um velho amigo de sua mãe. Perguntou como fora na entrevista e o que estava achando da casa. Ela mentiu sobre a casa, mas não

omitiu o desastre que fora a entrevista.

— Lamento, Alessandra. Deve ter ficado nervosa por passar esses dias sozinha nesse velho casarão.

— Não estou sozinha. Tem um parente seu aqui. Ontem havia dois, e...

— Do que você está falando? Fora você, apenas meus dois sobrinhos e minha cunhada têm a chave da casa. E eles vieram jantar comigo hoje. Estão aqui na minha frente!

Alessa sentiu o coração gelar.

Estava pálida, trêmula,

apavorada. Virou-se num impulso para trás. O homem estava parado diante da escrivaninha, com o mesmo olhar furioso. Então, de repente, abriu um bizarro e macabro sorriso, que distorcia seu rosto de uma forma assombrosa.

Caminhou na direção de Alessa.

Ela fechou a porta, desesperada, com as mãos trêmulas. Procurou a chave no molho de chaves, mas estava nervosa demais para acertar.

O molho caiu no chão.

Ela abaixou-se em pânico para agarrá-lo, enquanto os

passos aproximavam-se da porta.

Trancou-a.

A maçaneta ficou girando furiosamente. Respirava ofegante, com o corpo todo tiritando. Virou-se, seguindo o instinto de sair da casa.

Gritou.

Na porta principal, de olhos fixos nela, estava a mesma mulher que vira chorando na noite anterior. Mas ela não mais chorava. Havia uma mancha vermelha na blusa, na altura do peito. Estava com uma faca na mão, suja de sangue.

— Viu o que eu fiz? Disse com um tom infantil.

Alessa se viu sem alternativa a não ser correr para a cozinha e trancar-se. O corpo arfava, transbordando adrenalina.

Discou o número de sua amiga. Esperou impaciente. Estava ocupado. Retornou a ligação do dono da casa. Nada. Três violentas batidas na porta a fizeram afastar-se com o coração na boca. As pernas estavam bambas, perdendo a coordenação motora.

— Abre a porta, querida. Disse a voz suave da moça que há pouco vira com a faca na mão.

— Não! Não... por favor... A voz saía apagada,

quase inaudível.

— Abre a porra dessa porta! Explodiu ela.

Alessa começou a chorar de medo, como nunca antes.

— Sabe o que me fez fazer com o bebê, mãe? Eu matei ele! Fui dar banho nele e o afoguei. Eu afoguei o coitado, mãe! E sabe o que eu fiz depois? Adivinha, sua vaca! Adivinha!

Alessa não entendia por que a mulher a estava chamando de mãe, mas sua mente estava congestionada demais para preocupar-se com esse detalhe.

— Eu enfiei a faca no peito, mãe. Eu me matei, sua

prostituta! Eu me matei! Tá feliz? Eu tô morta!

Um fantasma? Era um deles que batia na porta? Eram eles que ela vira? De repente, o que lera no velho livro começava a fazer sentido.

...tais espíritos, por não terem paz após a morte, ficam extremamente confusos quando estão de volta entre os vivos e descontam suas mágoas e raivas neles...

Alessandra começou a rezar, de forma tão desesperada que tropeçava nas palavras e nem ao menos prestava atenção no que proferia.

...costumam confundir vida e morte, vivos e mortos...

Os trovões começaram a ficar mais violentos, e Alessa temeu que a energia elétrica fosse embora. A cozinha era totalmente fechada e forrada, o que dificultava a entrada de luz. Não tinha acendido as lâmpadas ainda. Onde era a droga do interruptor? Encontrou-o e o ligou. Procurou o local onde encontrara velas na noite anterior. Era apavorante a ideia de ficar no escuro com aqueles demônios.

— Mããe!

Voltou a rezar, de olhos fechados.

— Aparece, sua vagabunda!

Os trovões pareciam mais altos, a tempestade parecia mais violenta. Ninguém ouviria seus gritos. Acendeu uma das velas e a pôs sobre uma mesa. Depois acendeu outra com a chama da primeira, e outra... Devido ao nervosismo, tinha dificuldade em fixá-las na mesa. Em pouco tempo havia acendido quase dois maços de velas.

Foi quando as luzes das lâmpadas se apagaram ao som de um estrondoso trovão.

Não ficara no escuro graças às velas. A mulher parara

de gritar lá fora. Alessa continuou com suas preces, de olhos fechados. Quando os abriu, foi dominada pelo terror.

Na penumbra, vários rostos a observavam.

Rostos medonhos. Rostos de pessoas mortas.

Todos de olhos fixos na figura apavorada de Alessa. Estava cercada. As luzes bruxuleantes tornavam ainda mais fantasmagórico o macabro ambiente. Começaram a aproximar-se. Uma das velas tombou, derrubando outra e ambas apagaram-se ao chocarem-se com o chão.

Ao mesmo tempo dois fantasmas desapareceram.

Simplesmente esvaíram-se.

A mente apavorada de Alessa então começou a raciocinar de forma veloz.

...então cada vela acesa no domínio do objeto conjuraria um espírito qualquer, geralmente um atormentado ou vingativo...

Alessa agarrou a mesa e virou-a violentamente.

...Caso a pessoa queira encurtar a permanência do espírito, basta apagar a vela...

Mergulhou na terrível escuridão.

Ficara ali, encolhida em um canto por um longo tempo. Talvez as velas que acendera na biblioteca houvessem se apagado e o homem de sorriso medonho e a assassina suicida tivessem sumido também. Pensou em esperar mais um pouco, talvez ainda estivessem esperando-a abrir a porta... Quando pensava nisso, seu sangue gelou, pois...

... ouvira a porta sendo destrancada, rangendo ao ser aberta.

Arregalou os olhos. Ouvia o nítido e fantasmagórico barulho de rodas adentrando a cozinha. Como as de uma cadeira de

rodas...

Estava na escuridão, não podia acender velas, ou aquelas coisas reapareceriam. Entrou em pânico. Nem mesmo conseguiu mover-se. O barulho agudo e irritante de engrenagens parou de repente.

— Está tudo bem, minha filha. Tudo bem.

Era a voz de um velho.

Alessa ficou estática, sem reação. Do fundo do seu íntimo, algo lhe dizia que aquele era o velho Cabral que a mulher mencionara.

— Não se preocupe, não quero nem vou lhe fazer nenhum

mal. Quero apenas que confie em mim, e que me ajude a descansar em paz.

— N-Não me machuque.

— Sou apenas um velho em uma cadeira de rodas. Que mal eu poderia fazer a você, jovem?

— O... O que você quer? A voz lhe saía num fio. Ela não acreditava que estava falando com um velho falecido.

— Quero que me liberte, que termine o que comecei há anos.

— Mas...

— Siga-me. Disse a voz, e a cadeira voltou a fazer barulho

ao dar meia-volta e afastar-se.

As luzes acenderam-se repentinamente, iluminando a cadeira de rodas vazia que ultrapassava a porta da cozinha. Alessa levantou-se vagarosamente, ainda tentando digerir o que estava presenciando. Deveria seguir o fantasma? Caminhou até a porta, e viu a cadeira de rodas estava no meio da sala. Se prestasse atenção na sombra da cadeira, teria visto a sombra encurvada de uma figura sobre ela.

Alessa não sentia mais medo, não mais tremia. Fora invadida por um sentimento

estranho com as palavras do velho. Um sentimento fraternal.

— Você é minha neta, Alessa. Disse a voz vinda da cadeira de rodas.

— Meus avós morreram. Protestou ela com a voz embargada de emoção.

— Seus avós de criação, querida. Eu sou o verdadeiro pai de sua mãe. Não foi por acaso que veio parar aqui. Só você pode me libertar dessas correntes que me prendem a esse mundo.

Sua mãe um dia lhe dissera que nunca conhecera o pai. Algo naquela voz lembrava sua mãe. O fantasma falava a

verdade. Cabral era seu avô.

— Como... Como posso ajudá-lo? Ela estava chorando.

— Aproxime-se, minha neta. Sente-se na cadeira.

— Sentar?

— Isso, não tenha medo.

Ela aproximou-se cautelosamente. Seu coração estava confuso e emocionado. Como sua mãe quisera conhecer o pai verdadeiro! Tocou a cadeira. Sentou-se lentamente.

Seu corpo então pareceu levar um choque. Contorceu-se na cadeira aos gritos, com os olhos repentinamente brancos.

Jéssica esperou a décima

chamada do celular. Finalmente atenderam.

— Alessa?

— Oi. A voz saíra inexpressiva.

— O que houve? Estava preocupada. Por que demorou pra atender?

— Não houve nada.

— Olha... A outra começou, entusiasmada. ...eu falei com o diretor do jornal e ele aceitou fazer uma reportagem especial sobre esse casarão. Como você disse, dizem que é assombrado. O velho morador daí matou a própria esposa...

— Bobagem! Interrompeu

Alessa com raiva. — Ele não matou ninguém. Ninguém conhece sua verdadeira história!

— E você conhece? Surpreendeu-se Jéssica com a reação de Alessa.

— Escute com atenção, e não me interrompa.

Contou que Cabral amava muito a esposa, ao contrário do que todos achavam. E como era sozinho no mundo, só tinha a ela. Quando esta morreu, ele entrou em depressão e não suportando a solidão, apelou para a magia negra para se comunicar com a amada. Contou quais eram os passos para se fazer o ritual, e o

realizara diversas. Um dia, porém, iniciou o ritual, mas no meio, sofreu um derrame e ficou impossibilitado de mover-se e proferir a oração negra de encerramento e de apagar o símbolo satânico de conjura, que estava desenhado em um objeto especial para ele. Isso o amaldiçoou, pois seu espírito se tronaria sentinela eterno da abertura para o mundo dos mortos, ou seja, do objeto cujo símbolo fora desenhado. Sua babá fora morta por ter acendido velas na casa. Espíritos malignos acabaram com sua vida, enquanto o pobre Cabral mal podia mover-

se. Depois de morto, ficou prisioneiro da casa. A única maneira de se libertar era se alguém com seu sangue tomasse seu lugar. Alessa então revelou ser neta de Cabral.

— Você é neta dele? Como? Alessa, pelo amor de Deus que história maluca é essa que você está me contando?

— Ele era o verdadeiro pai de minha mãe. Já tomei minha decisão, Jéssica. Eu tomarei o lugar dele. Minha mãe sempre quis conhecê-lo. Não é justo que ele fique preso pra sempre aqui. Um dia eles terão de se encontrar...

— Alessa! Para de falar bobagem. Jéssica estava terrivelmente preocupada com a seriedade com que Alessa falava. — Você não vá fazer besteira! Você é jovem, menina. Que loucura é essa de tomar o lugar do velho?

— Escute, amiga. Se um dia você realmente gostou de mim, terá de demonstrar lealdade agora. Eu decidi e ninguém poderá me fazer mudar de ideia. Eu tenho o direito de fazer minhas escolhas e eu já decidi.

Jéssica tentou dissuadi-la às lágrimas, mas não havia jeito. Alessa estava irredutível. E a fez

prometer que nunca, jamais contaria aquilo a ninguém, acontecesse o que acontecesse. Jéssica teve de concordar, chorando convulsivamente. Alessa deu um ultimo adeus:

— Obrigada, amiga. Adeus. E desligou.

Alessa estava na cadeira de rodas, com o celular na mão, mas não era ela quem falava.

Era Cabral.

Ela articulava a boca, mas falava em pânico contra a sua vontade. Estava possuída. Cabral tinha de desabafar a verdadeira história para alguém, para que esse alguém carregasse sua cruz

aqui na terra e que ele não precisasse levá-la para onde iria. Segredos são coisas terríveis para se carregar no inferno. Cabral sorriu, no corpo de sua "neta". Conseguira convencê-la de que era o avô, o que não fora difícil já que conhecera o verdadeiro pai de sua mãe no mundo dos mortos. Bastara imitá-lo. Mesmo assim, ela nunca iria aceitar trocar de lugar com ele, claro. Por isso era preciso fazer isso à força. Possuí-la. Os outros que visitaram a casa não serviam, pois eram batizados. Alessa por sorte, não era.

Era chegada a hora.

Alessa sentia a morte aproximando-se, mas era um destino pior que a aguardava.

— Desculpe, criança. Você achará outro para te substituir... E dizendo isso, agarrou a própria cabeça e girou-a com violência, quebrando o pescoço.

A professora Alessa foi enterrada e ninguém conseguiu desvendar o crime. A hipótese da polícia era o suicídio. A perícia estava investigando a cadeira de rodas onde ela fora encontrada morta. O que era estranho já que segundo a família, ela não era deficiente física.

Os dois peritos estavam em uma sala, analisando a cadeira de rodas. Era noite. Estavam irritados por terem de trabalhar tão tarde.

— Eu queria saber que diabos a moça fazia... Disse o mais velho, de luvas, virando a cadeira. — Ei, Bráulio, olha só isso.

— Que merda é essa?

— É um símbolo esquisito, deve ser satânico. Disse o outro se benzendo, ao ver o símbolo desenhado embaixo da cadeira de rodas.

— Vamos incluir no laudo, deve ser importante.

Súbito, as luzes se apagaram.

— Caralho! Não pode dar uma chuvinha que a luz pifa!

— Calma, Brau, relaxa. Acendeu um fósforo. — Devem haver umas velas na estante... Aqui, achei! Só tem uma nessa porra!

Acendeu.

— Pronto, mas vamos ter que esperar a luz voltar.

— Melhor, vamos deixar pra amanhã. Vamos... Ahhh!! Bráulio quase caiu para trás.

O amigo notou o motivo do susto.

— Ei, senhora! Como

entrou aqui? A... a senhora está bem? Senhora?

E o símbolo levaria a maldição onde quer que fosse levado.

ESPANTALHO

[Com coautoria de I. N. Guimarães]

O carro despencou ao longo da ribanceira, indo chocar-se com as rochas vários metros abaixo, provocando uma deslumbrante explosão. Os quatro ficaram vendo a cena de cima, tomando cuidado para não caírem. O de barba, que segurava um rifle, foi o primeiro a afasta-se da beira do precipício.

— Vamos logo, está

escurecendo. Temos que encontrar um local pra passar a noite.

— O que a gente faz com esse cara, Abreu? Perguntou o que aparentava ser o mais jovem, de no máximo vinte e cinco anos, segurando uma bolsa de viagem.

— Vamos decidir depois. Podemos precisar dele. Respondeu o de barba, adentrando o mato.

Os outros o seguiram. Um estava de mãos atadas e boca amordaçada. Havia dois hematomas no rosto, um próximo ao olho, outro no canto da boca. Atrás de todos vinha uma loira

segurando uma pistola. Era atraente, perigosamente atraente. Os quatro afastaram-se o máximo possível da estradinha que dava na ribanceira. Embrenharam-se no mato, caminhando com dificuldade. O céu começava a escurecer, dando espaço às primeiras estrelas, trazendo-os novas preocupações, principalmente ao amordaçado. Sabia que não viveria até o amanhecer.

Chegaram ao alto de um morro. O de barba, Abreu, sorriu ao avistar uma casa no meio de um milharal a vários metros à frente.

— Olha lá, Felipe. Ele disse, apontando. — Lá está, tem mesmo uma casa no meio do milharal. É isolado. Perfeito!

Felipe sorriu, abraçando a loira.

— Conseguimos gata! Está tudo dando certo! Eu te disse que daria. Não foi fácil?

— Estamos ricos amor. Ricos!

O amordaçado arrepiou-se, sentindo o pânico crescendo dentro de si. Por dois motivos: estavam falando os nomes uns dos outros e mostrando os rostos, sinal de que não tinham a intenção de libertá-lo; e sabia histórias

terríveis sobre aquele casebre do milharal. Aquele lugar era maldito, era um suicídio profaná-lo...

Os três notaram a agitação do refém. Ele suava frio e balançava a cabeça grunhindo, de olhos arregalados.

— O que deu nesse cretino? Perguntou a loira, irritada com o comportamento do dono do carro que tinham acabado de se livrar.

Abreu deu um violento soco no homem, fazendo-o cair desacordado.

— Por que fez isso, Abreu? Tá louco?

— Ele tava me dando nos nervos. Deve ter dado um acesso de pânico.

— É, mas agora vai ter de carregar ele. Vamos precisar de um refém caso a polícia apareça.

— Relaxa Nina. Disse o barbudo, dirigindo-se à loira. — Eu carrego esse verme, não se preocupe.

Abreu colocou o corpo sobre o ombro a contragosto, pois faltava um bocado para chegar à casa do milharal. Tinha de parar de agir por impulso, pensou, ou cedo ou tarde iria se ferrar.

Depois de alguns minutos, estavam diante da cerca de arame

farpado que rodeava o milharal. Abreu levantou o refém, soltando-o sobre o arame. O corpo caiu rolando pesadamente do outro lado. Os dois bandidos riram. A loira repreendeu-os:

— Vão acabar matando o traste antes do combinado, seus babacas!

— Essa quedinha não matou ele, Nina. Defendeu-se Abreu.

— Ele é forte, aguenta. Debochou Felipe, passando entre o arame.

Adentraram o milharal. Estava meio ressecado, com as espigas mortas. Fosse quem fosse

o proprietário, estava falido se dependesse daquele milho. Haviam alguns túmulos espalhados em algumas partes, feitos de montes de terra e cruzes improvisadas. Deviam ser dos familiares... Nina acendeu uma lanterna que trazia consigo. O céu havia escurecido totalmente. Uma brisa fria arrepiou os bandidos. Uma sensação de desconforto tomou conta deles. Não comentaram nada uns com os outros. Eram orgulhosos demais para isso.

A casa.

Era um velho casebre, não muito grande, mas bem

construído. Tinha uma varanda, onde uma cadeira de balanço movia-se em um vaivém ao sabor do vento. Não havia sinal de luz na casa. Ou não havia energia elétrica, ou estavam dormindo, ou...

— Será que está abandonada?

— Não duvido, Nina. Com o estado desse milho, eu não... Virou-se de repente com o rifle na direção do milharal. Sorriu em seguida.

— Há, há, há! Pensei que fosse alguém...

Todos olharam na direção apontada pelo rifle. Nina

arrepiou-se. Ali, amarrado a uma cruz de uns três metros fincada ao chão, estava aquela figura de braços abertos.

Um espantalho.

Estava distante, mas pelas roupas e pela palha saindo das mangas e das pernas da calça, não havia dúvidas. Felipe aproximou-se para ter certeza. Levantou a cara perto da cruz, fazendo uma careta. O rosto era horrível! Sob o chapéu de palha, escondia-se uma mascara com feições distorcidas. Uma boca torta e costurada por um arame em um dos cantos, que estava rasgado. Os olhos eram fundos, apenas as

órbitas escuras. Pôde jurar vira vermes mexendo-se lá dentro. O nariz era distorcido, repuxado para um lado, costurado a arame, também. Era repugnante. Quem quer que o colocara ali, queria mesmo assustar os corvos.

Felipe levou a mão ao nariz, olhando instintivamente para os lados. Um cheiro forte o assaltara. Era algo morto. Carniça. Devia ser de algum animal por perto. Afastou-se indo se unir aos outros bandidos e ao refém.

— É só um espantalho feioso rodeado de carniça. Vamos entrar logo nessa casa.

A porta estava aberta, encostada apenas. Estranharam.

***

Ele acordou, mas continuava na escuridão; seus olhos abertos nada enxergavam. Moveu o corpo, percebendo estar preso em um cubículo de madeira. Notou que agora os pés estavam amarrados. Continuava amordaçado, totalmente imóvel. Estava sentado naquela posição desconfortável. Arrepiou-se. Santo Deus! Será que havia sido enterrado vivo, ou coisa parecida? Não... havia ar ali dentro, vindo de alguma fresta.

Onde diabos estava? Sentiu o rosto doer; a pancada do soco fora forte demais.

Começou a debater-se, tentar chamar a atenção. Como não obteve nenhuma resposta, começou a rezar. Rezar para sair vivo daquela prisão de madeira; rezar para ser encontrado e salvo; rezar para que as lendas sobre aquele local, não fossem verdadeiras.

As lendas.

Talvez não passassem de boatos, mas assustavam. Faziam qualquer um dar uma volta enorme, só para não atravessar aquele milharal. Era um homem

supersticioso que acreditava naquelas histórias macabras... Diziam que um velho, que morara ali, havia sumido sem deixar rastros. Umas crianças que costumava pular a cerca para roubar as espigas de milho do pobre, ficaram traumatizadas ao verem o espantalho saltar da cruz e partir atrás delas. O pai de uma delas, vendo o estado em que se encontrava o filho, voltou ao local com o garoto e deu três tiros com a sua espingarda, dizendo que o espantalho era apenas um boneco com enxerto de palha. Mesmo assim, o garoto e os seus colegas nunca mais foram roubar

as espigas de milho. O velho também nunca mais foi visto nas redondezas, mas o espantalho ainda continuava no mesmo local.

Por um tempo, algumas pessoas que passavam próximas do milharal se queixavam do mau cheiro. Os mais curiosos que tentavam descobrir o que era, saíam assombrados. Houve rumores de que algumas pessoas entraram no milharal à noite e nunca mais foram vistas. Dizem que o velho reencarnara no espantalho e enterrava os corpos, mas ninguém tinha coragem suficiente para conferir.

Continuou rezando,

mentalmente, claro. Mas no fundo sabia que nunca sairia vivo dali...

Ouviu passos.

Eram mais de duas pessoas. Seriam os bandidos? Resolveu ficar quieto, ou poderiam querer desacordá-lo de novo. Os passos afastaram-se, depois se aproximaram novamente. Espalharam-se, reuniram-se. Estranho... Por que não estavam com a usual alegria de quando o sequestraram para usar o seu carro no roubo do banco? Ouviu passos de uma pessoa que se aproximava do local onde estava enclausurado.

Bateram.

Três vezes, como se bate em uma porta esperando ser atendido. Ele não responderia. Estava confuso e assustado, mas sabia do que aquele barbudo e aquele casal eram capazes. Ouviu todos os passos seguindo em uma mesma direção, depois um abrir e fechar de portas.

Silêncio.

Teriam ido embora? E se o abandonassem lá? Morreria com certeza. Não! Não queria morrer ali dentro. Fez mais barulho, debateu-se. Inútil. Tentou gritar ao máximo, mas tudo o que conseguia eram grunhidos. Esfregou o rosto com

força na parede de madeira do cubículo, tanto que sentiu a pele rasgar com a fricção. Sentiu lacas de madeira entrarem em seu rosto... Mas finalmente a mordaça cedeu. Cuspiu a parte que estava em sua boca e gritou, com todas as forças de seu pulmão:

— Por favor! Me tirem daqui! Façam o que quiserem, mas me tirem daqui! Socorro! SOCORRO!!!

***

Abreu jogou o pesado corpo no chão, olhando em seguida para a sala da casa. Era modesta, mas visualmente

confortável. Estava coberta de poeira e teias de aranha, mas com os móveis devidamente colocados.

— Será que não tem ninguém mesmo?

— Olha o estado disto, Abreu. Claro que não tem ninguém. Embora os móveis...

Felipe abraçou Nina por trás, beijando-lhe o pescoço. Ela deu um sorriso de satisfação, mas afastou-se. Queria escolher o quarto onde passaria a noite. Vasculharam a casa, descobriram que havia dois com cama. Uma delas de casal. Abreu, é claro, ficaria com a de solteiro. O casal

ficaria no outro. Abreu voltou à sala, constatando que o refém ainda estava desacordado.

— O que fazer com ele? Perguntou coçando a barba preta.

Nina viu um móvel de madeira de um metro, com porta dupla. Abriu-o. Estava cheio de livros. Jogou todos para fora e apontou para dentro, sorrindo.

— Este será o cômodo dele.

Os bandidos riram. Eram impiedosos e cruéis. Era a primeira vez que Felipe e Nina roubavam um banco, mas Abreu já era veterano. Convidara o primo e sua namorada para o

assalto, usando o carro roubado do refém. Em breve estariam longe dali.

Puseram o refém dentro do móvel, amarrando antes os seus pés. Ele ficou com as pernas encolhidas como se estivesse sentado, a cabeça pendida para frente, completamente imóvel. Havia frestas na parte de trás. Não morreria sem ar.

— Por que colocar ele aí?

— Ora, amor, ele pode se soltar e fazer muito barulho à noite. E nós precisamos descansar um pouco antes de seguir viagem pela manhã. Vamos trancar e encostar outro móvel.

Os três riram. Comeram um lanche que estava em um dos compartimentos da bolsa em que estava o dinheiro do roubo. Sentaram à mesa e conversaram sobre o resto do plano que deviam seguir...

No quarto, com a porta trancada. Felipe estava deitado, segurando uma lanterna, iluminando Nina à sua frente, que fazia um lento *strip-tease*. Tinha os seios fartos, um corpo escultural. Felipe sorriu malicioso ao vê-la baixando a última peça, a calcinha. Partiu para cima da cama beijando-o. Baixou para o pescoço. Um

pouco mais, para a barriga. Continuou descendo o beijo...

Bateram à porta.

Os dois olharam na direção dela, sobressaltados. A voz de Abreu se fez ouvir:

— Felipe, eu ouvi algo lá fora. Vou verificar o que é. Fiquem atentos, pode ser a polícia.

Os passos afastaram-se. Seria a polícia lá fora, ou o dono da casa? Nina acalmou-se. Abreu estava armado com um rifle. Aliás, poderia ser só um animal ou coisa parecida. Resolveram continuar o que estavam fazendo.

Felipe adormecera. Nina

levantou nua, indo verificar a hora no celular que ela deixara na penteadeira. Era muito tarde. Será que Abreu havia voltado? Vestiu-se e saiu do quarto com a lanterna. Foi até o quarto onde Abreu dormiria. Vazio. Olhou todos os cômodos. Nada de Abreu. Voltou ao quarto, e foi logo acordando Felipe.

— Felipe, Felipe!

— O que foi? Respondeu sonolento.

— O Abreu não voltou.

— Ainda? Levantou-se. Constatou que a bolsa do dinheiro estava ali, guardada. O que diabos houvera com o barbudo?

Felipe vestiu-se, pegou a pistola de Nina.

— Espere aqui, eu vou atrás dele. Deve estar fumando por aí ou vigiando a casa.

Beijaram-se. Felipe saiu da casa e nina trancou a porta. Esperou impaciente. Acendeu um cigarro. Quando este se extinguiu, abriu uma das janelas, preocupada. Não viu nada além do milharal imerso nas trevas da noite. Súbito, assustou-se. O coração acelerou e um calafrio percorreu a espinha.

A cruz... A cruz do espantalho...

... estava sem o

espantalho.

Felipe adentrou o milharal gritando pelo nome do primo. Já havia rodeado a casa e nada. Começou a se preocupar, mas não conseguia imaginar o que houvera com Abreu.

Estacou. Uma brisa o fez arrepia-se. Movia o milharal de forma fantasmagórica, assustadora. Empunhava a arma, mas o medo era constante. Olhava para os lados, cauteloso. Foi quando...

...esbarrou em algo.

Algo mole, como um... Apurou a visão e abaixou-se para enxergar melhor. Deu um salto

para trás, apavorado. Era um corpo. O corpo do...

Não concluiu o pensamento. Uma lâmina perfurou suas costas, atravessando-o. Seu corpo caiu pesadamente.

A foice foi retirada com violência do corpo imóvel e sem vida, do bandido.

Felipe foi arrastado vagarosamente.

Nina estava em pânico. Se não fosse o refém preso no móvel, ela estaria sozinha. Nem sinal de Abreu ou Felipe. Nem sinal do espantalho. Voltou para o quarto, nervosa. Sentou-se na cama. Só então notou uma carta

sobre o criado mudo. A curiosidade a fez abrir o envelope, que não havia sido colado ainda. Leu-a. Fora escrita por um velho, e seria enviada ao seu neto, que morava em uma capital distante. Nela, ele falava da colheita do milho, da saúde e de uma travessura que faria com uns garotos que invadiam o seu terreno para roubar o seu milho. Iria vestir-se de espantalho para assustá-las, como um daqueles filmes de terror americano.

Nina largou a carta. Ouviu um barulho na sala. Seria Felipe ou Abreu voltando? Andou cautelosa até a porta. Estava

desarmada, indefesa. E se fossem outros bandidos? Sorriu nervosa. Ladrão que rouba ladrão...

Virou a lanterna para o corredor. Voltara a ouvir o barulho. Eram... Passos? Ficou parada, trêmula.

— Felipe?

Sem resposta.

— A-Abreu...?

Nina andou até a sala. Vasculhou com a lanterna todo o cômodo, antes imerso na escuridão. Deu meia- volta.

Gritou.

Tentou correr, mas um golpe desferido por aquela figura derrubou-a no chão. Um golpe de

foice, que já estava suja de sangue. Seus olhos começaram a escurecer, pouco antes de receber outro golpe, no pescoço.

Faltavam três horas para amanhecer. Estava suando exausto. Jogou a última pá de terra e contemplou os dois túmulos que acabara de criar. Dois montes de terra. Faltava algo. Deu uma volta e encontrou alguns pedaços de pau. Amarrou-os em forma de cruz com tiras de pano que havia na varanda da casa. Voltou aos túmulos. Fincou uma cruz em cada um, ambos diante da cruz maior...

Sorriu.

Estava rico. Agora toda a grana do assalto seria sua. Era um gênio!, pensou. Armara tudo: o local para livrar-se do carro, o milharal que ninguém ousava invadir... Povo bobo e supersticioso. Retirara o espantalho, que ao que constatou, era um cadáver. Estava fétido. Seria a lenda verdade? Quem colocaria um cadáver no lugar do espantalho? Lembrou do susto do Felipe ao esbarrar no corpo do espantalho, pouco antes de assassiná-lo; e do rostinho de Nina ao ver seu rosto barbudo na casa com a foice com que matara o primo...

Abreu sorriu. Livrara-se das provas, limpara o sangue e enterrara os corpos. O refém morreria no cômodo, não precisava se preocupar. Colocou a bolsa do dinheiro no ombro. Voltou-se para onde deixara o espantalho, mas...

... ele não estava!

Olhou ao redor, realmente assustado. O feitiço voltara contra o feiticeiro. O vento balançava o milharal, deixando o barbudo ainda mais nervoso.

Virou-se.

Deu o maior grito de sua vida. E o último. Ali, parado, com a cabeça pendida, com o

canto da boca e o nariz costurado e distorcido, com o chapéu de palha sobre a máscara que cobria o rosto cadavérico, estava o espantalho, segurando a foice assassina. O espantalho que julgara ser só um simples cadáver. O espantalho que tiraria sua vida... Abreu viu-o levantar a foice. Virou-se no ímpeto de correr, mas sentiu a lâmina fria penetrar com violência a carne de sua coxa.

Caiu no chão dando um grito agonizante de dor.

Não conseguiu se levantar. A criatura ficou estática atrás dele, como se se deleitando

com seu sofrimento. Abreu começou a rastejar com todas as forças. Aquilo era loucura, não podia ser verdade! Ridículo! Não acreditava que estava fugindo de um espantalho.

Olhou para trás.

Não havia nada. Aonde a criatura tinha ido? Respirou fundo, olhando ao redor. Ele poderia ter entrado no milharal. Era sua chance. Virou-se.

O rosto cadavérico, putrefato estava a menos de um palmo de seu rosto. O espantalho estava agachado, fitando-o com suas órbitas vazias. Abreu pôde sentir a respiração podre da

coisa. Gritou novamente, ao mesmo tempo em que numa velocidade impressionante, a criatura levantava-se, erguendo a foice até as costas e descendo-a com o dobro da velocidade no pescoço de sua vítima.

***

Os policiais invadiram a cerca de arame farpado empunhando seus revólveres. Seguiram os rastros dos assaltantes de banco e chegaram até ali, naquele milharal abandonado. Logo chegaram na casa. A porta estava entreaberta. Os três entraram. Eram oito da

manhã, fazia um certo frio. Queriam achar logo os cretinos; passaram a madrugada inteira atrás deles.

Reuniram-se na sala. Em silêncio, apenas com sinais, espalharam-se pela casa, vasculharam cada cômodo. Não encontraram ninguém. Aquele seria o esconderijo perfeito, mas pelo visto, os ladrões não pensaram o mesmo. Alias, não era tão perfeito assim, se eles tinham encontrado... Um dos policiais pensou ter ouvido um barulho vindo de um móvel de mais ou menos um metro, de madeira, com porta dupla. Havia

um outro menor encostado, com vários livros em cima. Estranhou a posição dos móveis. Andou até lá e bateu três vezes consecutivas. Como não houvera resposta, achou que poderiam ser ratos. Fez um sinal para os outros saírem.

Do lado de fora, um dos policiais viu aquele espantalho horrendo preso a uma cruz. Mas em frente, outra coisa também chamou a sua atenção: aqueles três túmulos, cada um com uma cruz fincada. Benzeu-se. Quem estaria naquelas três covas?

Dentro da casa, dentro do móvel, o refém tentava gritar, mas a mordaça o impedia. E chorava.

Nunca mais veria a luz do sol, ou outra pessoa ou qualquer coisa além da escuridão do lado interno do pequeno cômodo.

Os policiais já estavam longe quando ele finalmente conseguiu rasgar a mordaça junto com a pele do rosto, esfregando na madeira. Em sua mente, não havia nada além do medo de ficar ali sozinho. Gritou com todas as forças dos pulmões:

— Por favor! Tirem-me daqui! Façam o que quiserem, mas me tirem daqui! Socorro! SOCORRO!!!

Gritou o dia inteiro, até ficar rouco. Sabia que ninguém

viria ao milharal maldito. Ficaria sozinho ali dentro, passando fome e sede até a morte, talvez dias depois.

Ou coisa pior...

O CEMITÉRIO SECRETO

I

Ele agarrou os ombros dela e a empurrou para baixo, bem na hora em que o facho da lanterna iluminou os arbustos onde tinham acabado de se esconder. Assim que o vigia sumiu atrás da parede, os dois se levantaram. Raissa ia na frente, com seu namorado Eric logo atrás, carregando a lanterna até então apagada. Chegaram até a base da janela da salinha da

SERVISAN. Eric forçou a fechadura com um canivete, danificou a tranca e conseguiu abrir. Fez um sinal. Raissa entrou primeiro e logo após dar uma olhada ao redor, penetrou também na escuridão.

Eric localizou na parede o molho de chaves que dava acesso ao segundo andar da escola. Iluminou o próprio rosto com um sorriso triunfal para a namorada.

— Pode ligar pra galera, baby. Até aqui sucesso.

Raissa sorriu. Idolatrava o namorado ousado que tinha. Sua coragem era excitante, e contagiante. Só ele mesmo para

convencer os outros de irem até a escola à noite fazer aquilo. Era loucura. Loucura cheirava a emoções fortes. Sua mãe não gostava muito dele; dizia que por sua causa ela estava ficando rebelde. Era verdade. Mas e daí? Já tinha quinze anos. Um corpinho em formação de fazer inveja. Não precisava dos conselhos dela. Tudo o que precisava era dele...

Discou um número em seu celular.

— A barra tá limpa!

Irromperam pela porta que dava acesso ao corredor. Eric iluminou a escuridão total com a lanterna. Ela estava

abraçada a ele por trás.

— Amor, a escola fica assustadora há essa hora. Ela disse sentindo um arrepio.

— Sinistro mesmo! Os olhos dele brilharam.

Andaram cautelosos, temendo fazer barulho.

Seriam expulsos caso pegos ali. Ambos estudavam na mesma sala, no primeiro ano do Ensino Médio. Namorava há alguns meses, e juravam um ao outro passar o resto da vida juntos.

Adolescentes.

Movidos pela busca de emoções, de uma razão para suas

vidas em fase de metamorfose para a vida adulta. Não eram diferentes de tantos outros no mundo; só queriam viver no limite.

Era o que estavam fazendo.

Mais da metade da escola temia até mesmo ir às aulas depois do que começou a acontecer com alguns alunos. As mortes inexplicáveis geraram uma lenda urbana. Não havia assassinos, não havia crime. Só mortes. Primeiro um dos garotos mais encrenqueiros do colégio morreu em plena rua, atropelado por um caminhão. Depois um

grupinho de playboys caiu morto pelos corredores; duas alunas morreram afogadas na piscina durante a aula de natação. Uma outra desapareceu misteriosamente. O diretor solicitara proteção policial, pelo menos para acalmar o pânico crescente entre os alunos; era por isso que durante o dia o colégio estava parecendo uma penitenciária. As mortes haviam cessado depois que a polícia apareceu.

Mas ninguém ousava ficar ali à noite. Os alunos diziam que havia uma maldição se abatendo sobre o colégio. Eric tivera de

ser bem performático para convencer sua namorada e seus amigos para irem até ali... Principalmente para fazer algo que muitos céticos não se atrevem a fazer em lugar nenhum.

O jogo do copo.

Subiram as escadas na penumbra. Dobraram o corredor do segundo andar. Raissa sentiu um leve desconforto ao olhar para escuridão às suas costas. Era a primitiva sensação de estar sendo observada. Finalmente chegaram ao fim de um corredor onde havia letras bem grandes: BIBLIOTECA.

Eric destrancou a porta.

Entraram.

Milena foi a última a passar pela porta da biblioteca, logo após Moisés e Heitor. Eric e Raissa já os esperavam sentados ao redor de uma grande mesa redonda, a razão de terem escolhido a biblioteca para fazer o jogo. Já havia preparado tudo: Havia vários recortes quadrados espalhados em forma de círculo pela mesa. Cada quadrado tinha escrita a caneta uma letra diferente do alfabeto, de A a Z. Outros dez quadrados tinham escritos números de 0 a 9. Outros dois tinham escritos SIM e NÃO. No meio do círculo havia um

copo de vidro emborcado.

— A gente quase era pego. Informou Heitor, o mais jovem deles, o CDF da turma. Usava óculos de grau e uma camiseta do Super-Homem.

— É, o vigia viu a juba vermelha da Mile. Caçoou Moisés, o mais extrovertido deles. Adorava fazer piadas, principalmente à custa dos outros.

Milena fez uma careta, mas não disse nada. Seu rosto sardento estava focado na mesa.

— Vamos logo. Chamou Eric. — Trouxe as velas, Mile?

— Sim. Disse ela tirando um pacote de velas da bolsa.

Distribuiu entre eles. Acenderam em pontos estratégicos para iluminar o centro do tabuleiro improvisado.

O ambiente ficou tenebroso.

Aquelas estantes repletas de livros velhos pareciam esconder algo na penumbra. Sentaram-se ao redor da mesa.

Eric sorriu. Dava pra ver o medo estampado no rosto de cada um deles. Mexer com os mortos não era brincadeira, era o que diziam. Claro que ele não acreditava naquela besteira toda. Mortos são mortos. Estão embaixo da terra e em nenhum

outro lugar. Mas estar ali era excitante. Dava uma descarga de adrenalina, e de certa forma, até ansiedade. E se algo realmente acontecesse? Claro que não iria. Moveria o copo sem que os outros vissem só pra assustá-los. Sorriu só de pensar na reação deles.

— Vamos começar!

Todos se entreolharam. Não tinha como voltar atrás. Ninguém ia bancar o medroso.

— Coloquem o dedo indicador sobre o copo. Falou Heitor lembrando-se das instruções que lera em um site na internet. Os outros obedeceram.

Ele continuou: — Isso é pra criar um elo que vai abrir o portal para os mortos, segundo o que eu li. Agora, alguém que realmente acredite no outro mundo tem que rezar em voz alta.

Com exceção de Eric, todos acreditavam, mas não dariam o braço a torcer.

— Reza aí, Moisés. Desafiou Eric.

— OK, OK... Pai nosso que estás no céu. Santificado seja o nosso nome...

— Vosso nome, sua anta!

— Ah! Reza você mesmo, Heitor. Retrucou Moisés. Você sabe de tudo mesmo...

— É, reza aí, Heitor. Reforçou Raissa.

— Tudo bem. Pai nosso... Continuou a rezar, enquanto os outros o ouviam em silêncio, cada submerso em seus próprios pensamentos, afundando cada vez para longe da realidade e da razão. Estavam aceitando o sobrenatural. —... mas livrai-nos do mal. Amém!

Ficaram por um segundo em silêncio.

— Ah, ia esquecendo! Lembrou Heitor. — Não retirem o dedo do copo antes de tudo acabar, ou o elo é rompido e o espírito vai ficar preso nesse

mundo...

— Tá bom, tá bom! Essa parte eu vi nos filmes. Forças das trevas, espíritos medonhos e vingativos que habitam essa escola...

— Para com isso, Eric! Que história é essa de espíritos medonhos e vingativos? Interrompeu Milena assustada, sussurrando baixinho como se para evitar que os espíritos a ouvissem.

— Relaxa! Tava brincando! Ele riu.

— Não tem graça, amor!

— Tem alguém aí? Perguntou Heitor em voz alta.

Eric viu aí sua chance. Os dedos de seus colegas e de sua namorada estavam tensos demais para perceberem o movimento que fez no copo, movendo-o lentamente até o quadrado com o SIM.

— Sacanagem! Quem foi que mexeu? Perguntou Moisés.

— Ora quem! Vocês mesmo, seu babaca! Acusou Milena.

Heitor, embora assustado, estava concentrado:

— Quem é você?

Eric moveu o copo para a letra D, logo depois para a Letra I, em seguida para a letra A.

— D-I-A... Soletrou assustada Raissa.

Eric ia mover o copo para a letra B, mas o objeto parou de obedecer ao seu movimento. Ficou rijo, imóvel.

Sentiu um calafrio lamber sua espinha. Os pelos de seu braço se arrepiaram. O mesmo acontecia com os outros. O clima havia mudado. De repente um livro caiu de uma das prateleiras. Olharam na direção do barulho com o coração na garganta. Tinham agora uma estranha sensação incomodando cada um deles.

— Você é o diabo? A voz

de Heitor saiu num fio.

O copo moveu-se rapidamente para o NÃO, dessa vez sem a intervenção de Eric. Este, ficou realmente assustado.

— Muito bem, quem foi que mexeu?

— Ninguém, ora! O copo tá movendo sozinho!

— Besteira! Eu que tava movendo o copo agora há pouco. Desta vez foi um de vocês!

— Você que tava mexendo, amor? Indignou-se Raissa, sendo em seguida dominada por uma onda de terror.
— Então quem tá mexendo agora?

O copo voltou a mover-se

com a mesma rapidez de antes, indo de uma letra à outra, formando uma palavra.

— N-A-T-A-N-A... E-L. Natanael!

— Natanael? Não é esse o nome do cara do segundo ano? Aquele que morreu?

Todos estavam mais tensos do que nunca. Até mesmo Eric estava completamente seguro de que nenhum deles tinha movido o copo. Heitor estava suando.

— Onde está agora, Natanael? No céu? Ou... O copo moveu-se furiosamente:

P-R-E -S-O – A-Q-U-I -

N-E -S-A - M-E -R-D-A

— Preso aqui nesa merda? Preso aqui nessa merda! Moisés estava nervoso, tão apavorado quanto seus colegas, mas não podia perder a piada:

— Com certeza é o Natanael. Diziam que ele era burro pra caralho.

Mal falou, Moisés sentiu um formigamento na língua.

— O que... Não conseguiram distinguir o que ele estava falando. Sua língua estava ficando dormente.

Arregalou os olhos. Heitor sentiu o que Moisés estava prestes a fazer, e apressou-se em

gritar:

— Não tira o dedo! Não tira o dedo!

Moisés respirava ofegante. Não conseguia falar. Os outros estavam aterrorizados com aquilo.

— Pelo amor de Deus, Moisés! Não é brincadeira! Ficaram em silêncio, com os dedos rijos sobre o copo.

— O que você quer? Perguntou finalmente Eric, não acreditando que aquilo pudesse estar acontecendo.

O copo moveu-se. L-I-B-E-R-D-A-D-E

Era quase possível ouvir

os corações quase explodindo em seus peitos.

— Como a gente pode te ajudar? — Milena começava a chorar.

M-A-T-E-M...

— Matem... Soletrava apavorado Heitor. ...O-P-I-R-A-L-H-O...

— O Piralho... O Pirralho... Corrigia Heitor sentindo a voz tremer.

...M-A-U-D-I-T-O

Nem que pudesse falar, Moisés não caçoaria do erro ortográfico do fantasma.

— Matar o pirralho maldito? Heitor entrou em pânico.

Quem era o pirralho maldito? Ele? O espírito de Natanael queria se vingar por ele o ter invocado?

M-A-T-E -M-O-M-I-G-U-E L

— Miguel? Quem é Miguel? Perguntou a voz trêmula de Raissa. Heitor estava aliviado de não ser ele.

Eric procurava na memória alguém que se chamasse Miguel. Uma voz trêmula embargada pelo pranto falou:

— Eu sei quem é.

— Sabe quem é, Mile?

— Sim, eu sei, Raissa. Miguel é um menino estranho que

o Natanael vivia infernizando. Eu morria de pena do moleque...

— Que absurdo! Você quer que a gente mate o moleque? Não somos assassinos!

Moisés começou a sorrir de forma estranha. Olhou para eles com um olhar sinistro. Por um lapso momentâneo, Eric pensou que tudo fosse uma brincadeira de Moisés. Mas bastou que ele começasse a falar para que ele mudasse de ideia:

— Se não matarem ele, eu mato vocês. A voz era estranha, uma variação mais rouca da voz de Moisés. — Um a um...

Milena deu um grito e

jogou o copo na direção das estantes. Ele estilhaçou-se na penumbra. Moisés caiu no chão, piscando várias vezes, com a mesma cara de apavorado de antes.

— Não era pra soltar o copo! Desesperou-se Heitor. — Era só mandar ele ir embora e rezar!

Uma fileira de livros de uma das estantes caiu pesadamente no chão. As luzes das velas, que antes apenas bruxuleavam, agora se moviam violentamente como se uma ventania estivesse acontecendo na biblioteca. Logo todas as velas

apagaram-se. Os livros continuaram a cair, agora de todas as estantes.

Correram para a porta, em pânico total, atravessando o corredor em direção às escadas.

O vigia ouviu o barulho vindo do lado leste da escola, do segundo andar. Correu pelo pátio com a lanterna acesa, segurando a arma que carregava pronto para qualquer coisa.

Menos para aquilo.

Estagnou diante daquela parede, olhando de olhos arregalados de baixo até a janela da biblioteca no segundo andar.

Benzeu-se.

Na parede, haviam marcas alternadas, como passos; só que não eram pegadas que estavam estampadas ali... Eram marcas ensanguentadas de mãos abertas indo do chão até a janela, como se fosse possível alguém engatinhar contra a gravidade, ou escalar daquela maneira.

Coisa do demônio, pensou.

Correu dali.

II

O professor atravessou o corredor da escola e caminhava em direção à última sala. Passou por dois policiais que

conversavam encostados numa parede. A escola estava parecendo uma prisão, pensou. Nos últimos dias havia policiais espalhados pela escola inteira. Resmungou algo que só ele mesmo ouviu. As mortes e desaparecimentos que começaram a acontecer no colégio estavam assombrando a todos. Os boatos corriam de que havia um assassino que estava causando os acidentes, uma espécie de lenda urbana, por isso fora solicitada a proteção policial. Um número considerável de pais transferiu seus filhos para outras escolas, temendo que seus entes se

tornassem vítimas também.

Abriu a última porta, sua sala de aula.

A menina não parava de chorar, soluçando incessantemente. Miguel apenas a observava, calado.

— Isso dói... Faz isso parar...

— Calma, garota, calma. Disse finalmente.

— Pega ele pra mim...

— Desculpa, não posso fazer nada.

— Por favor... Isso dói muito...

— Não posso mais fazer isso.

— Por favor...

A porta foi aberta. O professor entrou, indo até a mesa onde havia esquecido sua pasta. Reconheceu seu aluno.

Arrepiou-se.

— Miguel? Com... Com quem está falando? Não tem ninguém aqui... Enquanto falava, sentia um estranho desconforto.

— Ninguém, professor.

Miguel.

Era de longe o mais tímido e mais estranho aluno da escola. Nunca falava com ninguém, era constantemente alvo de provocações de seus colegas, e tinha um olhar perturbador...

— Miguel, não ouviu o diretor? Todos os alunos têm de deixar a escola nesse horário.

O garoto levantou-se e andou até a mesa do professor. O desconforto aumentou.

— Você comeu ela, não foi?

O professor empalideceu.

— O-O que você disse?

—Foi você, não foi? Você que a estuprou e matou?

— Do que você está falando, garoto? Não pode me acusar dessa maneira! Ele começava a suar frio, sentindo o corpo tremer por inteiro. Estavam apenas os dois ali na sala. Se

alguém ouvisse aquilo...

— Filho da puta! O garoto esticou o braço subitamente e puxou o cabelo do professor. Este, se retraiu com um grito.

— Moleque! Ia avançar sobre o garoto, mas a porta abriu-se e os dois policiais do corredor entraram. Ele se conteve.

— O que está havendo? Perguntou um dos policiais.

— Nada. Nada... O professor pegou sua pasta passou por eles, com o cabelo ligeiramente desarrumado. Os policiais olharam para o garoto, preocupados. Ele estava sorrindo.

Nem toda criança é

normal, cada uma tem suas peculiaridades. A maioria brinca de carrinho ou de bonecas, ou, se não tem brinquedos, cria uma diversão alternativa. Para Miguel, essa "diversão alternativa" era secreta. Ninguém poderia saber... Atravessou a rua escura e entrou por uma abertura em uma cerca viva, olhando antes ao redor para se certificar que não havia ninguém o observando. Passou entre o mato do terreno baldio e enfim, chegou...

Estava ali seu segredo.

Dezenas de pequenas cruzes improvisadas, feitas com pequenos gravetos, fincados em

túmulos em miniatura. Estavam embaixo de uma árvore de copa espessa, que os protegia da chuva. Andou cautelosamente por entre as cruzes e agachou-se em um ponto.

Pegou a espátula no bolso e retirou um tufo de terra do chão. Abriu a mochila, pegando uma caixa de fósforos e a pequena criatura.

Um gafanhoto cinzento.

Amarrou alguns fios de cabelo do professor na perna do inseto, em seguida, colocou-o ainda vivo na caixa de fósforos. Enterrou-o no buraco que fizera, colocando uma pequena cruz de

gravetos numa das extremidades do montinho de terra formado. Benzeu-se ao contrário. Iniciou a oração maldita que sua mãe lhe ensinara. Concentrou-se no professor.

Ele não conseguira dormir. Perguntara-se onde tinha errado, onde tinha falhado. Como o maldito garoto descobrira que ele estuprara a menina? Era o crime perfeito! Depois que as mortes começaram a acontecer, ele viu ali sua chance de saciar seu desejo secreto. A bela e esnobe garota da quinta série. Aquela vadiazinha iria ser sua! E toda a culpa seria atribuída ao

misterioso causador das mortes. Sumira com a droga do corpo. Como o garoto descobrira?

Pegou um DVD e colocou no aparelho, sentando- se na poltrona. Tinha de relaxar... Na tela, começou a passar imagens da garota sendo morta por ele. Boa ideia gravar tudo, pensou. Assim poderia se deliciar de novo e de novo...

De repente, sentiu uma falta de ar, um acesso repentino de asma. Mas ele não tinha asma! Começou a sufocar. Abria a boca em desespero, procurando algum ar para respirar. Estava em pânico. Foi até a janela de seu

apartamento, tentando respirar. Desequilibrou-se.

Caiu do décimo quinto andar.

— Eu fiz de novo, mãe.

— De novo? Ainda há garotos caçoando de você?

— Dessa vez não foi um dos babacas, mãe, foi por uma garota. Matei um cara que a estuprou e matou. Ela deixou de aparecer para mim.

A mulher sorriu amavelmente.

— Filho, tenho pena dos pobres insetos. Colocou os pratos sobre a mesa de jantar.

— Mãe, e se

desconfiarem de mim?

— Não irão, filho. Tudo o que você fez foi enterrar alguns insetos... Lembre-se: pessoas são pessoas, todas desprezíveis, e merecem morrer. Você tem um dom, filho. Use-o.

— Mas quando eles vão embora, mãe?

— Todo dom é uma maldição, Miguel. Lide com a sua. Agora, vamos logo comer.

Miguel assentiu. Começou a comer, com seu professor e todos os alunos e pessoas que matara com magia negra de olhos fixos nele.

Era o seu dom.

Era sua maldição.

III

— Não vai ter aula hoje? Quem foi o professor que morreu?

— Mais uma morte? Não pode ser! Isso é assustador!

— Não pode ser coincidência. Essa escola está amaldiçoada!

— Pobre professor! Era tão gente fina!

— Eu vou sair dessa escola! Todo mundo daqui vai morrer!

— Ouvi dizer que acharam um monte de velas na

biblioteca com um tabuleiro Ouija numa mesa...

— O vigia jura que viu umas marcas de mão ensanguentadas nas paredes da biblioteca, como pegadas, alguém caminhando com as mãos...

— Tem algum demônio na escola!

Os rumores assombravam a escola inteira. Não havia outro assunto a ser comentado. A direção tentava acalmar a todos, mas era inútil. Até mesmo o diretor supersticioso achava que algo muito estranho estava ocorrendo. Não era normal tantas pessoas morrerem em tão pouco

tempo em um colégio.

Para cinco dos alunos, a preocupação era outra.

Reunidos no pátio, estavam ainda traumatizados com os eventos da noite anterior. Só foram à escola mesmo para não causar suspeitas... E decidir o que fariam.

— E se for verdade? E se ele matar a gente?

— O que você quer que a gente faça, Raissa? Matar o moleque? Irritou-se Milena.

— Ou o quê? Eric abriu os braços olhando cada um deles duramente. — Vocês vão esperar um de nós morrer pra acreditar no

tal Natanael? Ele possuiu o Moisés e fez a língua dele ficar dormente. Ele pode nos atingir fisicamente.

— A gente nem devia ter feito aquilo. Lamentou Heitor. — Brincar com os mortos dá nisso...

— Mas fez! Vamos ter que dar um jeito nisso! Eric olhou severamente para o colega. Heitor nunca gostara muito de Eric, mas achava Raissa legal, por isso andava com eles. Eric por outro lado só aceitava andar com Heitor de vez em quando para conseguir cola nas provas.

— A gente tem que falar pra alguém! Milena ainda estava

apavorada.

— Não vai contar pra ninguém, porra! Gritou Eric. — A gente fez a merda que fez e pronto. O que tá feito tá feito! Ninguém vai entender por que diabos a gente invadiu a escola pra conjurar os mortos.

— A culpa foi sua por ter chamado a gente!

— Minha o caralho! Você que quebrou a porra do copo! Foda-se! Não sei vocês, mas eu não estou a fim de morrer!

— Então como é que vai ser. Eric? A gente vai matar mesmo o guri? A voz de Moisés saía trêmula. A sensação de

perder a fala por alguns minutos fora aterrorizante. Não queria experimentar o que mais o tal espírito poderia lhe fazer.

— Não vou matar ninguém! Disse Milena.

— Nem eu! Acompanhou-a Heitor.

Raissa olhou para o namorado, como se temendo a reação dele, mas disse:

— Não vamos virar criminosos...

— Vocês é quem sabem. Depois não digam que não avisei. Eric saiu irritado, deixando a namorada para trás. Ela o seguiu.

— Amor, espera!

— Ela é tão gatinha e parece uma cachorrinha perto dele. Comentou Moisés assim que se afastaram.

— Não vamos virar criminosos à toa. Quem sabe nada acontece. Vamos ter fé em Deus.

— Falar é fácil Milena. Difícil é esperar algo acontecer pra tomar alguma providência...

Ficaram os três pensativos.

Não houve aula naquele dia na escola devido à morte do professor. Milena aproveitou o dia livre para passear e tentar esquecer a história macabra em que se envolvera. Tinha certeza

de que não aconteceria nada. Seus pais viraram. Ela estava só com sua irmã mais velha na casa. Mirela, sua irmã tinha dezenove anos. Era bem mais atraente também, tinha que admitir. Odiava as sardas que tinha; achava que era por causa delas que não conseguia a atenção dos garotos. Mirela tivera vários namorados, desde mais nova que ela. Era como se tivesse sugado a beleza da prole só para ela.

Naquela noite Mirela saiu com o namorado. Sorte sua, pensou Milena. Teria o computador só para ela. Estava tentando ao máximo esquecer o

copo movendo-se, Moisés possuído e tudo mais. Conectou-se à internet e começou um chat com sua amiga de Belo Horizonte.

Via sua amiga e era vista por ela via webcam. Teclava sobre vários assuntos, mas acabou tocando na noite anterior. Contou o que estava havendo na escola e como acabara naquela situação. A princípio a amiga não acreditou, mas viu a seriedade de Milena.

— É sério isso que está me contado? Tem certeza? —Na tela, via o rosto preocupado de Milena e seus braços, tendo ao

fundo uma estante com uma TV e a porta aberta à esquerda.

— Juro pelo que há de mais sagrado, amiga.

— Você é louca? O que você quer se metendo com isso? Não se brinca com quem já morreu!

— Eu sei, eu sei! Mas agora não tem como voltar atrás. Os outros estão pensando na possibilidade de matar mesmo o menino. Loucura!

— Loucura mesmo! E crime! Não faça isso, amiga, por favor!

— Ai, amiga, o que é que eu faço?

— Mile, você disse que estava sozinha...

Milena viu pela *cam* a estranheza no rosto de sua amiga.

— Mas eu estou. Digitou.

— Então quem foi que passou na porta atrás de você?

Milena sentiu todos os pelos do corpo de eriçarem. O pânico de estar sozinha a assombrava. Mas sorriu nervosa.

— Não vou cair nessa. Não tem graça! Sério!

— Sério, Mile! Juro por Deus! Vi alguém passando de um lado da porta pro outro!

Milena virou-se para a porta, apavorada. Levantou- se

sentindo as pernas trêmulas. Sua irmã nunca chegaria tão cedo. Seria um bandido?

As luzes apagaram-se. Milena deu um grito.

Tanto tempo pra faltar a maldita energia! Estava em pânico. Andou às cegas até a estante e a apalpou em desespero até encontrar seu celular.

Clicou num dos botões, criando uma luminescência. Funcionaria como lanterna. Só teria que apertar os botões quando a luz apagasse.

Virou o facho furiosamente pelo quarto. Nada ali. Direcionou-o para a porta

aberta.

— Mirela? Mirela, é você?

Deu passos vacilantes em direção à porta.

Iluminou o corredor. Nada. Seu coração palpitava.

— Sou eu, menina! Deixa de ser boba!

A voz de sua irmã acalmou-a por completo.

— Mirela! Ai, por que você não disse que tinha chegado?

A voz da irmã vinha de um quarto à sua frente. Sentiu-se mais segura e voltou para seu quarto. Mirela devia estar com o

namorado no outro quarto. Não queria atrapalhar.

Trancou-se no quarto. O computador devia ter queimado.

Sofreu um súbito sobressalto. Seu celular em sua mão vibrou e tocou. No visor do celular, o nome MIRELA.

Atendeu com estranheza. Pra que estava ligando do outro quarto?

Ouviu um barulho altíssimo de música e carros. A voz de sua irmã saía quase gritando para ser ouvida:

— Mi, eu vou dormir na casa do Rômulo, tá? A gente vai sair tarde da festa aqui...

As mãos trêmulas de Milena soltaram o celular. Suas pernas perderam as forças, seu estômago revirou. Seu coração começou a bater como se comprimido por uma mão esmagando-o. Tentou arranjar forças para gritar, mas não conseguiu nenhuma.

Ouviu passos vindos em sua direção.

Teve tempo apenas de pegar o celular no chão para tentar iluminar o quarto.

Iluminou aquele rosto cadavérico, olhando-a furioso.

Agarrou o rosto da adolescente com as duas mãos em

decomposição e pressionou os dois polegares em seus olhos.

Apertou com força até toparem.

O corpo de Milena caiu inerte, sem mesmo ter emitido um grito sequer. Apenas um barulho era ouvido no quarto: o som quase insignificante de Mirela chamando o nome da irmã no celular.

O caso fora parar nos jornais. A lenda urbana tomou proporções assustadoras. A escola por decisão do diretor e por imposição dos professores e dos pais dos alunos foi fechada por tempo indeterminado, até o

caso ser resolvido e o misterioso assassino aparecer. A imprensa surgiu como um monte de abutres criando teorias fantásticas.

Miguel não gostou disso. Duas das mortes não foram culpa sua. A menina que desaparecera fora morta pelo professor que ele matara; a jovem assassinada fora vítima de algum outro assassino. Não era isso que queria. Estava chamando muito a atenção. Só queria que o deixassem em paz e parassem de implicar com ele. Se não fosse por isso, muitas das mortes teriam sido evitadas. Ao contrário do que sua mãe dizia, sentia um desconforto ao matar as

pessoas. Além do mais os espíritos deles ficavam vigiando-o o tempo todo, onde quer que fosse, encarando-o com olhares furiosos... Mas não diziam nada. Pelo menos isso.

Miguel estava numa pracinha sentado em um banco, lendo uma revista de terror: Calafrio. Como não haveria aula por um bom tempo e sua mãe trabalhava o dia todo, decidiu ficar por ali até encontrar algo para fazer.

Estranhou quando aquela linda garota se aproximou.

Sentou-se ao seu lado. Parecia nervosa.

— Oi.

Ele a fitou intrigado. O que ela queria com ele?

Como não respondera, ela falou:

— A gente estuda na mesma escola né? Lembro de ver você por lá. Todo mundo tá com medo...

— O que você quer?

— Nada, só falar com você. O que você está lendo?

Ele continuou intrigado. Ninguém nunca puxava conversa com ele, muito menos garotas mais velhas e bonitas como ela. Mas respondeu, timidamente:

— É uma revista em

quadrinhos de terror. Calafrio. Mamãe comprou pra mim num sebo.

— Nossa, que legal! Posso dar uma olhada?

— Não.

Ficaram num silêncio constrangedor por alguns segundos.

— Você gosta de histórias de terror? Insistiu ela.

— Sim.

— E filmes, você gosta?

— Sim.

— Sério? Já assistiu Jogos Mortais?

— Sim.

— Todos eles?

— Sim.

— E A Casa De Cera?

— Não.

— Titanic?

— Titanic não é filme de terror.

— Até que enfim! Pensei que estava no automático: Sim, não, sim, não... Ela riu.

Ele deu um sorriso tímido.

— Prazer. Ela estendeu a mão. — Meu nome é Raissa.

— Miguel. Ele apertou a mão dela envergonhado.

— Miguel! Nome bonito! Sabia que Miguel é o nome de um anjo? Em inglês seu nome é Michael.

— Como Michael Jackson?

— Sim. Gosta do Michael?

Os dois começaram a conversar mais descontraidamente. Miguel, embora ainda estranhando a gentileza e simpatia de Raissa, continuou a conversa mais à vontade. Estava adorando conversar com alguém. Há quanto tempo não fazia aquilo apenas com sua mãe? Conversaram sobre filmes de terror e tocaram no assunto da escola.

— Eu acho que não é nenhum humano que está

causando essas mortes, sabia?

— Como assim? Ele ficou sério de repente.

— Eu acho que há uma maldição no colégio ou coisa assim.

— É o que todos dizem. Saiu na TV.

— Você acredita nisso?

— Não sei. Acho besteira.

— Por que não? Muita gente morreu... Por exemplo... Você lembra-se de um cara chamado Natanael?

Miguel ficou calado. Mais sério. Ela continuou:

— Devia ser um bom

rapaz...

— Bom rapaz o caralho! Gritou ele de repente. Ela sentiu a raiva e o rancor no olhar dele. Miguel olhou ao redor, como se procurasse algo. Raissa não entendia o quê. A expressão de Miguel havia mudado. Era de preocupação.

Para Raissa só havia os dois no banco da praça. Para Miguel, havia dezenas de rostos furiosos fitando-o em pé. Mas um em especial ele percebeu estar faltando.

Natanael havia sumido.

— Eu tenho que ir!

— Espera um pouco!

— Tenho que ir. Adeus. Miguel saiu apressado, com a revista embaixo do braço. Os espíritos furiosos o seguiram, caminhando a passos largos.

Raissa pensou em segui-lo, mas ficou onde estava. Pouco tempo depois Eric, Moisés e Heitor se aproximaram.

— Você assustou ele! Acusou Eric. — Deixou ele escapar! Estragou tudo! Agora vamos fazer o quê? Esperar que o próximo de nós morra?

Fora um choque tremendo para os quatro descobrir que Milena havia sido morta de maneira tão brutal. Não houve

mais o que decidir: O garoto tinha que ser morto. O problema era como e onde. Eric tivera o plano de Raissa se aproximar, ganhar a confiança do moleque e atraí-lo até uma construção abandonada, onde eles o matariam a pauladas. Era horrendo, cruel e abominável, mas era o instinto de sobrevivência deles falando mais alto. O plano dera errado.

— Não tive culpa. Ele enlouqueceu e saiu correndo. Já estava ganhando a confiança dele!

— Sem pânico, galera! Vamos partir pro plano B.

— Que plano B, Heitor?

— Eu e o Moisés

pensamos numa maneira alternativa de cometer o crime.

— Qual? Intrigou-se Eric. Não estava sabendo de nada.

— Tocar fogo na casa dele.

— Vocês ficaram loucos? Vão matar os pais dele junto!

— Eu me informei sobre o Miguel. Disse Heitor olhando para baixo, compenetrado. — Ele mora com uma mulher cuida dele desde que os pais dele morreram quando tinha dois anos. A mulher já foi acusada ter matado o ex-marido para herdar os bens dele. Dizem que ela é envolvida com magia negra.

— Magia negra?

— Isso. Parece que a viram numa encruzilhada fazendo um ritual satânico, banhada de sangue... Por isso os alunos na escola o importunavam chamando-a de bruxa.

Eric pensou um pouco. Chegou à conclusão:

— Então ele deve ter alguma coisa a ver com as mortes da escola. Natanael não era flor que se cheirasse; devia ter enchido o saco do moleque e por isso morreu, assim como os outros. Pensando bem... Nenhuma das vítimas dele era nenhum santo. Tirando a guria que

desapareceu e o professor...

— O professor deve ter reprovado ele, e a menina dever ter lhe dado um fora... Teorizou Moisés, pensativo.

— A mãe adotiva e ele são bruxos. Concluiu Heitor ajeitando os óculos.

O menino tinha que morrer. Ponto. Mas se houvesse uma causa para fazerem isso além de suas sobrevivências, se por acaso o garoto merecesse, suas consciências pesariam bem menos. Tudo seria menos difícil.

— Fechado. Vamos incendiar a casa dele hoje à noite — Eric disse com firmeza, como

um veredicto.

— Não, não, esperem um pouco. Deixem que eu fale com ele mais uma vez, por favor! Pediu Raissa sentindo uma súbita compaixão pelo menino. Ao conversar com ele, algo lhe cativara. Ele parecera tão feliz falando com ela! Nem imaginava suas intenções. Era um pobre garoto ridicularizado pelos outros, solitário. — Se foi ele mesmo que causou a morte do Natanael, talvez ele possa nos ajudar. E se depois que a gente matar ele o espírito continuar nos infernizando?

— Não faz sentido,

Raissa. Por que faria isso? Discordou Moisés.

— Vingança. Nós fazemos o que ele mandou, mas e aí? Ele vai continuar sendo um espírito maligno. Quem quer que tenha sido em vida, não é mais depois da morte. Está dominado pelo mal, demoníaco! Nós o invocamos. Ele pode nos matar só por isso.

Todos ficaram tensos, num silêncio angustiante por algum tempo. Heitor balançou a cabeça.

— Ela tem razão. Espíritos malignos não são confiáveis. São alimentados por

vingança.

— Puta que pariu! Explodiu Eric. — Desde quando vocês viraram demonólogos? Não podemos arriscar. Não quero acabar como a Milena!

Raissa aproximou-se dele com o olhar suplicante:

— Por favor, amor. Deixa eu pelo menos tentar. Se não der certo vocês seguem com o plano...

Eric ficou calado por um tempo, encarando a namorada.

— Até o anoitecer. Acho que o espírito só é ativo à noite, já que ele esperou anoitecer pra matar a Milena e a gente ainda tá

vivo. Talvez ele queira matar um por noite até a gente obedecer ele... Então tá. Se não conseguir até nove horas, a gente incendeia a casa com quem estiver dentro.

Raissa sorriu agradecida. Ia correr contra o tempo para arranjar uma maneira de descobrir se Miguel poderia ajudá-los ou não.

— Onde fica a casa dele?

— Mamãe?

— Alô? Filho? Oi, meu querido. O que houve?

— Mãe, um deles sumiu!

— Como assim, filho?

— Um dos espíritos que eu matei sumiu. Não tá olhando

pra mim mais. Desapareceu! Isso é normal?

— Não... Não deveria acontecer. Tem certeza?

— Claro, mãe. Sumiu. Será que os outros vão sumir também?

— Não se alegre, filho. Talvez... Ora, por que não pensei nisso antes?

— No que, mãe?

— Você enterrou os insetos, filho. Isso deve ter aprisionado os espíritos. Algum animal deve ter desenterrado um deles, não sei.

— Então quer dizer que se eu desenterrar os insetos eles

desaparecem?

— Não sei, talvez...

— Tá bom, mãe! Tchau!

— Tchau, filho. Te amo.

Miguel desligou o telefone eufórico. Ia ter paz finalmente. Eles enfim sumiriam! Tudo o que tinha que fazer era destruir seu cemitério secreto.

Sempre tivera prazer pelo mórbido, o que herdara de sua mãe. Gostava de filmes, revistas, livros de terror... Tudo que fosse macabro. Sua mãe lhe dissera que seus pais verdadeiros haviam sido assassinados. Passou a lhe ensinar que humanos valiam menos que insetos. Eles eram

especiais, haviam sido beijados pelas trevas, escolhidos pelo mal. Por isso ela lhe adotara e o ensinara a usar seus dons. Magia negra não funciona com qualquer um; apenas com os preparados espiritualmente. Mas nunca soube de que dom ela tanto lhe falava até que entrou naquela escola.

A maneira como olhavam para ele, as brincadeirinhas de mau gosto... Ninguém lhe dava atenção, ninguém queria brincar com ele, ninguém queria chegar perto. Chamavam sua mãe de bruxa. Um dia partiram para as agressões físicas. Lembrava nitidamente do dia em que

Natanael trancou-se no banheiro com ele.

— Deixa eu sair!

— Cala a boca, viadinho! Tua mãe, aquela vaca é metida com o demônio, não é? Diz!

— Não é não!

Natanael deu-lhe um soco. Caiu no chão chorando.

— Fala! Fala que a porra da tua mãe é puta do diabo! Diz que ela é puta do diabo!

— Vai pro inferno!

Natanael pegou-o pelos cabelos, puxando-o até uma das cabines das privadas. O vaso sanitário sujo estava cheio de fezes. Enfiou sua cabeça lá

dentro.

— Come essa merda, come, viadinho! Deu a descarga.

Tirou a cabeça dele de lá.

— Diz agora! Diz que ela é puta do diabo!

— Pára! Me solta! Me solta! Natanael deu-lhe um soco violento.

— Olha o que tu fez, seu merda! Sujou minha mão com bosta!

Para castigá-lo, deu uma sequência de socos e chutes em Miguel.

— Diz! Diz! Continuou a bater.

— Tá! Gritou em

desespero. Natanael parou de bater.

— Repete comigo: "Minha mãe é uma puta do diabo".

— Minha... minha mãe é... é uma... p-puta do diabo.

— Repete, eu não ouvi!

— Minha mãe é uma puta do diabo! Natanael riu satisfeito.

— Se disser algo a alguém eu te mato. E mato a tua mãe.

Deixou o menino encolhido ali, chorando com o rosto sujo e molhado. Foi para a enfermaria do colégio. Sua mãe foi chamada. Ele insistiu que

havia caído. E m casa, contou a verdade.

Sua mãe ficou furiosa. Disse que era a hora dele mostrar do que era capaz. Ensinou-o uma magia vodu com insetos. Magia simples. Tudo o que tinha que fazer era pegar um fio de cabelo de seu agressor, amarrar em um inseto e enterrar, benzendo-se ao contrário e rezando uma reza maldita, invocando as trevas. O que acontecesse com o inseto dentro da caixa aconteceria com o dono do fio de cabelo.

Foi o que fez. Conseguira roubar a mochila de Natanael e achou um pente que ele usava o

tempo todo. Nele havia alguns fios... Procurou um terreno baldio não muito distante de sua casa, propriedade particular abandonada, repleta de mato e árvores infrutíferas.

Cavou um buraco com uma espátula. Pegou um vidro com uma mariposa pequena. Pegou-a e amarrou alguns fios no corpo do inseto. Colocou-o dentro de uma caixa de fósforos grande. Pegou outro vidro na mochila. Este, com uma aranha colorida, venenosa. Com a ajuda de uma pinça, colocou-a com dificuldade dentro da mesma caixa de fósforos que a mariposa.

Colocou a caixinha no buraco e o enterrou, fazendo um montinho e marcando o local com uma pequena estaca. Benzeu-se ao contrário, fez a reza maldita e concentrou-se em Natanael, lembrando-se da humilhação e da surra que lhe dera.

Testemunhas dizem ter visto Natanael se retorcer de forma aterrorizante em plena rua à noite gritando de dor enquanto feridas terríveis surgiam em seu corpo, do nada. Seu tórax foi-se separando lentamente do resto do corpo, que ia despencando, quando um caminhão em alta velocidade acertou-o em cheio

acabando com seu sofrimento. A morte foi atribuída ao atropelamento. A história das testemunhas era surreal demais.

O espírito de Natanael surgiu para assombrá-lo, encarando-o dia e noite sem fazer-lhe nenhum mal ou proferir nenhuma palavra. Sua mãe o acalmou dizendo que isso era normal, que não se preocupasse.

Depois disso, Miguel foi se aborrecendo menos com seus algozes na escola. Sempre que alguém o importunava, ele criava outro túmulo em miniatura. Um dia um fantasma lhe apareceu pedindo vingança insistiu dia e

noite incessantemente até que Miguel cedeu e fez justiça, matando seu assassino, que entrou para sua coleção. Outros e outros fantasmas foram aparecendo, atormentando Miguel até que ele os vingasse, aumentando seu cemitério de brinquedo. Resolveu parar, nunca mais fazer aquilo. Havia uma multidão de vítimas suas seguindo-o para todos os cantos que ia, sem dizerem uma palavra; seus olhares diziam tudo...

Mas agora ele sabia como acabar com aquilo, como se livrar da maldição. Era só acabar com o cemitério!

Raissa estava atrás daqueles arbustos há cerca de meia hora. Fora o tempo que Miguel demorara dentro da passagem daquela cerca viva. Observou o garoto afastar-se aborrecido, subindo rua acima. Perguntava-se o que teria acontecido lá dentro ao mesmo tempo que pensava desesperadamente em uma forma de abordá-lo. Não podia negar que o menino a assustava. O seguira desde sua casa até ali, escondera-se atrás daqueles arbustos e não conseguira ter nenhuma ideia. Já estava escurecendo e se não corresse

contra o tempo, uma tragédia poderia acontecer. Ou Natanael voltaria a atacar ou seus amigos incendiariam a casa de Miguel.

Pensou em continuar seguindo-o, mas mudou de ideia. O que quer que houvesse atrás daquela cerca coberta de plantas a estava intrigando.

Resolveu ir até lá.

Havia uma espécie de portinhola pequena que ficava camuflada por causa das folhas e galhos emaranhados. Levantou-a e hesitou por alguns segundos; estava com medo do que encontraria lá.

Suspirou fundo. Passou

pela abertura.

Havia muito mato e várias árvores; algumas pequenas, outras bem grandes. Entre a vegetação havia uma estreita trilha. Usou o celular para iluminar o caminho.

Levou a mão à boca, horrorizada.

Haviam dezenas túmulos em miniatura embaixo de uma grossa árvore. Era como se fosse um cemitério minúsculo. Aquilo era assustador.

— Você não devia ter vindo aqui.

A voz atrás dela sobressaltou-a fazendo dar um grito. Virou-se assustada.

Miguel estava atrás dela, com os olhos tristes, olhando para baixo.

— M-Miguel?

— Não deu certo. Desenterrei um dos insetos, mas o espírito continua olhando pra mim... Minha ideia não funcionou.

— Do que... Do que você está falando? Que espírito? Ela deu um passo para trás. As pernas estavam trêmulas.

— Você mencionou o Natanael. Por quê? Miguel levantou o olhar fitando-o nos olhos de Raissa. Ela estremeceu.

Ela pensava desesperadamente em alguma

maneira de enganar Miguel, mas resolveu falar a verdade:

— Natanael está perseguindo a mim e meus amigos. Ele matou uma amiga minha e promete matar a todos se nós não...

— Me matarem?

Ela ficou de boca aberta sem saber o que dizer. Estava em pânico. Baixou os olhos:

— Sim...

Miguel ficou calado. Foi um silêncio eterno que durou alguns segundos.

— Mas isso não precisa acontecer! A gente só quer se livrar dele. Não queremos te

fazer mal! Por favor, ajuda a gente...

— Destruir o cemitério não funciona. O único jeito de fazer eles sumirem é se eu sumir...

— Fazer... Fazer quem sumir?

Miguel olhou ao redor, para os rostos que o encaravam.

Seus olhos se encheram d'água

— Eu quero que eles vão embora. Não sei como. Mamãe não sabe como...

Raissa olhou para os olhos tristes do garoto. Imaginou a dor que ele deveria estar

sentindo. Era só uma criança! Mas Miguel não podia ajudá-los, não sabia como. Falhara em seu plano de encontrar outra alternativa onde não tivesse que se tornar uma assassina.

Miguel teria de morrer para que continuasse viva.

— Você foi legal comigo. A única que foi... Talvez minha mãe saiba o que fazer.

Os olhos dela brilharam.

— Sério? Sua mãe pode nos ajudar?

— Não sei. Ela não sabe como afastar os espíritos de mim, mas talvez saiba como fazer ele parar de perseguir você... Ela

sabe muito sobre os mortos. Me ensinou um monte sobre eles.

A chama da esperança ardeu forte em Raissa.

— Quando ela chega em casa?

— Daqui a meia hora mais ou menos. Às vezes ela vem mais cedo.

— Pode ligar pra ela? Não temos muito tempo! Pode usar meu celular...

Miguel recebeu o celular de Raissa e discou o número de sua mãe. Tocou uma vez. Notou algo estranho. Tocou outra vez.

Os espíritos ao seu redor não o olhavam com raiva. Tocou

outra vez.

Estavam com um sorriso diabólico nos lábios!

— Alô? Disse a voz de sua mãe do outro lado da linha.

Raissa gritou.

Viu um vulto veloz surgir das sombras por trás de Miguel e descer com violência sobre seu crânio uma pá antes que o menino pudesse responder à sua mãe.

O corpo caiu no chão estrebuchando.

— O que você fez, Eric? Raissa olhava horrorizada para o corpo agonizante de Miguel no chão enquanto seu namorado respirava ofegante segurando a pá

de ferro e cabo de madeira.

— Acabei de salvar a gente.

— Você disse nove da noite! Ele ia ligar pra mãe dele e perguntar se ela podia ajudar!

— Eu não ia arriscar. O próximo a morrer podia ser eu!

— Seu nojento! Egoísta! Covarde!

— Vai se foder, porra! Eu fiz o trabalho sujo e salvei a gente. Antes ele do que nós! Para de choramingar! Preferia estar no lugar dele?

Raissa tentava conter o choro.

— Ele ainda está vivo!

Chama a ambulância!

O rosto de Miguel estava coberto de sangue. Ele tremia todo. Esticava a mão como se pedisse socorro.

Eric levantou a pá o máximo que pôde e bateu na cabeça do pequeno Miguel, cessando seus movimentos.

Raissa caiu para trás horrorizada.

— Vamos logo enterrar ele! Olha só esse cemiteriozinho. O menino era metido com o Diabo. Cada covinha dessas deve ser alguém que ele matou. Não estamos cometendo crime nenhum. Estamos salvando vidas.

— A sua vida! Retrucou indignada.

— A nossa vida, porra! O pesadelo acabou! Os outros foram jogar gasolina na casa dele. Caso algo desse errado aqui eles tocariam fogo na casa assim que o moleque chegasse.

Raissa o olhava com nojo.

— Maldito! Tudo isso foi ideia sua! Não há como voltar atrás, mas vou diminuir a culpa. Vou avisar a polícia o que você fez!

— O Quê? O que *a gente* fez! Tá esquecendo que todo mundo tá envolvido nisso? Se eu for preso vocês vão!

— Não me importo! Não vou conviver com isso! Além do mais foi você que matou ele com a pá. Ninguém vai acreditar nessa história de fantasmas. Só você vai se ferrar, seu desgraçado!

Eric olhou furioso para ela.

— Você não vai dizer nada. Os mortos não falam!

Golpeou Raissa com a pá, derrubando-a no chão.

— Vagabunda! Como se atreve a me trair?

Logo em seguida, desferiu vários outros golpes com a ferramenta na sua namorada. Só parou quando seus braços

cansaram-se.

Respirava ofegante. Olhou para o corpo disforme e sem vida de Raissa. Não havia mais volta. Tentou experimentar a sensação de culpa. Nada. Não se arrependia do que estava fazendo. Não sentia remorso por aquilo. Assustou-se com seu próprio sangue-frio.

Cravou a pá no chão e tirou um monte de terra. Repetiu o processo várias vezes até conseguir criar uma cova rasa.

Notou algo no chão.

O celular de Raissa.

Andou até ele, pegou-o e viu na tela que havia alguém na

linha. — Alô?

Do outro lado só pôde ouvir um barulho de fundo. A chamada foi encerrada.

Merda!

Alguém estava ouvindo a conversa deles? Mas quem? De quem era aquele número? Desesperou-se. Seu nome fora mencionado, tinha certeza. Tinha de sair logo dali. Pegou nos pulsos do menino e o empurrou até o buraco, logo em seguida jogou o corpo da namorada ao lado do cadáver dele. Começou a jogar terra sobre os dois. Tinha de pensar em algo para enganar Moisés e Heitor sobre o sumiço

de Raissa, mas não conseguia parar de pensar em quem estava ao telefone.

Finalizou o serviço.

Saiu pela abertura sorrateiramente.

Ouviu sirenes furiosas e logo dois carros do corpo de bombeiros passaram por ele em alta velocidade. Só uma coisa passou por sua cabeça nesse momento: Moisés e Heitor haviam incendiado a casa.

Foi embora rua abaixo.

Seu pai estava na sala, assistindo o noticiário.

Eric parou por um instante na frente da TV. A transmissão

era ao vivo. Mostrava o incêndio da casa de Miguel.

"... Os bombeiros até agora não conseguiram conter as chamas por completo, mas já encontraram dois corpos ainda não identificados. Ao que parece são dois jovens adolescentes de..."

Eric gelou.

Os idiotas incendiaram a casa dentro dela? Algum acidente e acabaram não conseguindo escapar? Não importava. Melhor assim, até. Dessa forma não teria mais testemunhas; era o único sobrevivente. Ninguém nunca o pegaria. Como fizera o que

Natanael mandara, nunca mais seria infernizado por ele.

Subiu para o quarto.

Ficou um tempo olhando para o teto, pensando em Raissa. Ele a matara! Uma ponta de arrependimento pesou sobre sua consciência. Mas passou. Foda-se ela, fodam-se os outros. Ligou a TV para passar o tempo, comeu algo na cozinha, jogou um pouco de Vídeo Game e por fim adormeceu.

Acordou com um vento congelante. O quarto já não mais estava no escuro, fora tomado pela penumbra. A janela estava escancarada.

Notou algo sobre o criado-mudo.

Uma caixa de presentes engaçada. Quem a deixara ali?

Abriu-a.

Um grito ficou preso em sua garganta. Havia um coração humano dentro dela.

Recuou, só então notando que não estava sozinho no quarto. Havia uma mulher sentada numa cadeira, de pernas cruzadas.

— Quem é você? Perguntou instintivamente, ao mesmo tempo que tentava recompor-se do susto.

Era uma linda mulher. Jovem, por volta de vinte e oito

anos. Tinha curvas provocantes. Usava uma blusa de seda e uma saia. Eric ficou sem reação.

— Estava esperando você acordar. Ela disse dando um sorriso.

— Quem é você? Repetiu sem conseguir se mover. Não parecia nada com um fantasma. Muito pelo contrário. Parecia uma de suas fantasias sexuais.

— Você tem mais potencial do que imagina, garoto.

— Do que está falando?

— Você é mal.

Ele nada disse. Franziu o cenho e a encarou.

— O que quer dizer?

Como entrou aqui?

— Sua alma é negra. Você não tem ressentimentos, não sente culpa, não se importa. Para você sua sobrevivência é o que interessa.

Ela sabia de alguma coisa? Quem era ela?

A mulher sentou-se na beirada da cama com ar sereno.

— O egoísmo é uma porta da frente para as trevas. Você está transbordando trevas. Esticou o braço e alisou a perna rígida de Eric com a ponta do dedo. — Você agora é condenado por completo. Perfeito.

— Condenado? Do que

você está falando?

— Você matou sua namorada.

Eric emudeceu.

— E matou meu filho...

O pânico subiu pela garganta dele, propagando-se por todo o seu corpo. Ela era a mãe do pirralho?

— Não... Não sei do que está falando!

— Não precisa mentir. Eu ouvi tudo pelo telefone. Miguel ligou para mim no momento em que você o acertou com a pá. Ouvi toda a conversa de vocês e me preveni sobre os dois outros que queriam me queimar viva...

Sei que não está ligando para eles. Por isso você me interessou...

A mulher retirou a blusa, mostrando os seios fartos espremidos atrás do sutiã. Pegou a mão de Eric, guiou-a até seu seio esquerdo e o fez apertá-lo.

— Isso te excita?

Ela levantou uma das pernas, fazendo a saia descer até a base da coxa. Eric olhou hipnotizado para a calcinha dela.

Ela baixou a mão dele um pouco mais e a colocou entre suas pernas, fazendo-o acariciar a calcinha. Eric não sabia qual era o objetivo dela ali. Se não era

vingança, então o que era? Não importava. Estava excitando-se. Sentiu seu membro ficar duro. Era uma mistura absurda de medo e prazer.

— Miguel tinha muito potencial, mas tinha bom coração. Retirou o sutiã mostrando os seios rijos, depois começou a apalpar o pênis de Eric por cima da calça. — Não dá pra conciliar alma negra a bom coração. Eu tinha que mostrar a ele que os humanos não valem nada, que a vida humana é como lixo... Ele até que ia bem, mas a natureza dele sempre atrapalhava.

Abriu o zíper da calça

pegando o membro adolescente dele e masturbando-o. Eric estava explodindo de prazer. Nunca fora tocado por uma mulher madura antes. Fizera sexo algumas vezes, tirara até a virgindade de Raissa, mas ainda era jovem; quinze anos não eram nada. Ela devia ter o dobro da idade dele.

— Você é muito gostosa. Foi o que conseguiu dizer.

Ela o surpreendeu descendo a boca até onde antes estava sua mão, entre suas pernas. Eric arfou de prazer. Aquilo sim era o tipo de sexo oral que só uma mulher adulta e experiente saberia fazer. Retirou a boca de

seu pênis, sorrindo para ele.

— Você quer me comer?

— Claro que sim! Sorria eufórico.

Ela tirou a calcinha, colocando-a na boca dele.

— Morde.

Subiu em cima dele. Começou a cavalgar.

Eric gemia, mandando a razão para os infernos e concentrando-se naquela vagina. Mudaram de posição; ele ficou por cima, chupando seus seios e penetrando-a com rapidez.

— Goza! Ela ordenou.

Não demorou muito. Ele estava excitado demais para

controlar a ejaculação. Gemeu e sorriu.

— Gostosa.

Ela saiu de baixo dele, com um sorriso estranho no rosto. Vestiu a calcinha e a blusa.

— Você já vai? Fica mais um pouco.

Ela olhou para ele sem tirar o sorriso do rosto.

— Miguel não era meu filho de verdade. Matei os pais dele quando descobri que ele era maldito.

— E pra quê você adotou ele?

— Assim que estivesse pronto, quando sua alma

alcançasse o ápice, plantaria sua semente em mim.

— Você ia transar com ele?

— Sim. O problema, como eu disse, era a natureza bondosa dele. Precisava de um mal puro, por isso usei Natanael para levar você a assassinar Miguel.

Eric estremeceu.

— O quê?

— Eu planejei tudo. Miguel não sabia como se livrar das vítimas dele, mas eu sim. Eu queria que ele aprendesse por si próprio como fazê-los desaparecer. Posso facilmente

controlar qualquer espírito cujo coração esteja manchado de maldade, por isso levei Natanael a aterrorizar vocês até que matassem meu menino.

— Sua vaca! Você que armou tudo? Gritou Eric, furioso.

— Cada detalhe. Se não fosse o telefonema de sua namorada, seria pega de surpresa por seus amiguinhos e queimada, mas fui mais rápida e inverti os papéis. Não precisava mais da casa, não preciso mais dessa cidade. Já tenho o que queria...

— E o que você queria? A raiva de Eric se esvaiu, dando lugar ao medo do que ouviria.

— Todos os poderes de Miguel passaram para você assim que o assassinou. É como uma maldição. E como você já estava pronto, acabou de plantar em mim a semente que eu tanto almejava. Não preciso mais de você.

— É assim? Então vai embora assim? Sua vadia desgraçada! Você me usou!

— Pode gritar mais alto. Seus pais não vão te ouvir. Olhou para ele com tranquilidade e voltou a sorrir. — Estão mortos.

Ele tentou levantar-se, furioso, mas não conseguiu se mover. Algo segurara seu braço. Tentou gritar, mas uma mão

invisível puxou-o para trás, tapando sua boca. Várias outras mãos o imobilizaram. Podia ver as marcas de dedos pressionando sua pele.

— Sabe o presentinho que deixei ao lado da sua cama?

Eric só então se lembrou do coração humano dentro da caixa.

— É o coração de Miguel. Arranquei-o e trouxe a você. Quando alguém usa magia negra para matar alguém é amaldiçoado por seu espírito, e a maldição concentra-se no coração. Você matou o dono do coração, então, os pobres espíritos vingativos

precisam demonstrar sua gratidão. Toda a raiva e rancor deles é irracionalmente endereçada a você.

Eric debatia-se em desespero, seguindo a mulher com os olhos até a porta do quarto.

— Sabe, eu poderia até esmagar o coração e deixar você vivo, livre deles. Mas você foi um puta de um sacana, sabia? Me sentiria mal te deixando impune... Deu uma risada. — Vou deixá-los a sós. Ah! Além das vítimas de Miguel, trouxe também os seus amigos pra se despedirem.

Saiu sorrindo e fechando

a porta.

A janela fechou-se com violência.

Então eles apareceram.

Dezenas de pessoas estranhas surgiram no quarto. Os donos das mãos que o imobilizavam mostraram-se, encarando-o com olhar maligno, odioso. Alunos da escola que foram assassinados, o professor e Natanael estava entre eles. Mantinham a mesma forma de quando morreram, ou de alguns dias ou meses após a morte.

Os mortos deram espaço para alguém passar.

Dois corpos queimados e

um com buracos no lugar dos olhos surgiram por entre eles. Seus amigos. Ex-amigos. Alguém mais surgiu.

Raissa.

Seu rosto estava detonado pelas pancadas da pá. Era a única que sorria. Sorria diabolicamente. Apalpou o pênis de Eric, ainda úmido da ejaculação.

Colocou-o na boca.

Eric estava em pânico. Aquela boca fria em sua genitália não era nada excitante. Sabia que seu fim se aproximava. Sabia que ia morrer. Senhor, perdoe-me por meus pecados! Rezava

mentalmente. — Perdoe-me pelo que fiz! Faz eles irem embora que eu me converto!

Raissa cravou os dentes em seu pênis e o arrancou fora. Eric teria gritado, se pudesse. Muito. Mas não podia. Os mortos sádicos caíram sobre ele e começaram a mordê-lo como canibais. Espíritos sem descanso procurando vingança irracionalmente. Cada um o puxava com sua força descomunal para um lado diferente. Torceram-no ao meio. Trucidaram seu corpo.

Dentro da caixa o coração batia furiosamente.

CAIM

O celular de Luciano tocou. O carro estava em alta velocidade na estrada escura. Era seu pai.

— Algum sinal dele? Perguntou desesperado.

— Nada ainda. Respondeu.

— Eu liguei para a polícia, estão a caminho.

— Tudo bem, vou continuar procurando. Disse, desligando o celular, de olho na estrada, com um milhão de coisas

na cabeça. Tânia estava no banco ao seu lado, rezando para que não acontecesse nenhuma tragédia.

Talvez nada justificasse o que ele estava prestes a fazer, ou, se justificasse, ainda assim seria o mais abominável pecado que já cometera. Nunca fora muito religioso, mas acreditava que se houvesse um Deus ou um paraíso, ele jamais conheceria. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas não deviam. Ele tinha de manter-se frio naquele momento, para que sua consciência não o martirizasse tanto pelo resto de sua vida.

Era tarde da noite. Lucas

estava em seu carro, escondido sob a sombra de uma árvore. Do outro lado da rua, estava a casa de seu irmão Luciano. Estava lá com sua namorada. Ele esperaria pacientemente que ela fosse embora e o deixasse sozinho...

Seu irmão...

Nunca odiara tanto alguém na vida. Era três anos mais velho, mais bonito, mais inteligente. Todos o idolatravam, exceto seus pais, que por ele ser o caçula, talvez, sempre o deram mais atenção. Mas o que era a atenção dos pais comparada à do mundo? Lucas, quando criança, era tímido e introvertido, enquanto Luciano

fazia amizade com todos, fazia com que todos o amassem. Quando adolescentes, todos os professores de Luciano elogiavam seu excelente desempenho na escola, seus talentos múltiplos para o esporte, música e computação. Sem falar que ele era engraçado. As garotas se derretiam por ele, enquanto Lucas nem mesmo era notado. A única garota que se interessou por ele, era uma novata na escola, chamada Teresa. Era bonita, mas ele não a amava. Namoraram pouco tempo e ele terminou, pois não queria fazê-la sofrer.

Luciano passou no

vestibular na primeira tentativa. Lucas só conseguiu na terceira. Lembra-se que seus pais fizeram uma grande festa para comemorar. Não entendia por que não fizeram comemoração nenhuma para Luciano. Seus pais eram o paradoxo de sua vida. Sempre o mimavam, orgulhavam-se, mas eram indiferentes ao seu irmão. Talvez por culpa de ter tido um primogênito tão perfeito e um desastre como segundo filho, ou por pena, simplesmente.

E por isso os odiava.

Não queria a compaixão deles, não precisava. Seu irmão abraçara o mundo e ele ficara

sempre na sua sombra. Poucos sabiam seu nome; ele era mais conhecido como "o irmão do Luciano". Não tinha identidade, nunca cresceria. Não com seu irmão o ofuscando.

O pior era que Luciano era um bom irmão. Generoso, prestativo, sempre educado, compreensivo. Era mais um motivo para odiá-lo, o fato de não ter motivo algum.

Até um certo dia... depois de conhecer Tânia.

Já havia se formado em matemática, era um professor assalariado e Luciano já era a um bom tempo um advogado bem-

sucedido. Lucas lecionava em um preparatório para concursos, quando a conheceu. Ela tinha uma beleza rara, indescritível. Era um pouco acanhada, o que deixava seu sorriso inocente altamente sensual. Lucas apaixonou-se no ato. Ela o abordara na saída do preparatório, para tirar uma dúvida qualquer. Ele aproveitou para convidá-la para tomar algo. Não sabia de onde tirara a coragem, e de tão nervoso, transparecia seu interesse por ela. Ela sorria de forma cúmplice, demonstrando seu recíproco encantamento por ele. Conversaram a noite toda em um

barzinho; Lucas não tinha dinheiro para um restaurante. Ela ria do jeito com que ele falava, como se conhecessem um ao outro há muito tempo. Era dois anos mais nova que ele, estava se formando em História. Se passasse no concurso público, trancaria o curso universitário. Bendito preparatório, pensou Lucas. Fora o que ligara os dois.

Conversavam todos os dias após a aula, e um dia Lucas convidou-a para jantar em sua casa. Sabia que ela não iria, mas para sua surpresa, ela aceitou. Ele ainda morava com os pais, a contragosto. Só não comprava

uma casa para si, porque o salário não permitia. Luciano morava sozinho em um apartamento, mas ia visitar os pais de vez em quando.

Aquele dia fora um deles.

Maldito dia.

Lucas apresentou-a à família como "uma amiga da escola", mas seu desejo era apresentá-la como namorada, futura noiva, qualquer coisa assim. Eles nasceram um para o outro, tinha certeza. Luciano fora mais educado que o habitual, e mais engraçado também. À mesa, Lucas nunca teve sentimento tão forte: o medo da perda, um ciúme

incontrolável Tânia ria o tempo todo do que Luciano falava, de suas histórias, de como as contava. A conversa na mesa resumira-se aos dois; Lucas e os pais estavam sobrando. Seu pai percebera seu desconforto e até que tentou falar bem dele, exaltando suas qualidades para a jovem, mas Luciano, com um comentário ou outro, conseguia prender a atenção dela, seus belos sorrisos, sua admiração.

Lucas não dormira naquela noite. Tivera pesadelos acordado. Imaginava-se o resto da vida com os pais e Luciano casado com Tânia...

Não!

Ele a conhecera primeiro, ela pertencia a ele. Luciano tinha tudo, mas não a merecia. Ele a merecia. Iria conquistá-la, denegrir a imagem do irmão. Custasse o que custasse. No dia seguinte, após a aula, conversara com Tânia muito pouco, pois ela estava apressada para ir embora. A curta conversa resumira-se a como Luciano era interessante e inteligente. Menciona que seus pais eram amáveis apenas por educação, pois não tinha muito a falar sobre eles.

Sentiu que estava perdendo o que nunca teve, para o

maldito irmão que tivera tudo. Resolveu declarar o que sentia para Tânia. Convidou-a para jantar em um restaurante, pois o barzinho não seria nada romântico. Procurava as palavras certas para expressar-se. Foi quando ela falou que tinha algo para lhe confessar. Seu coração gelou, quando Luciano entrou sorridente no restaurante, aproximou-se dela...

Beijou-a.

O chão desabou sob seus pés. Ele sentiu uma náusea estranha, uma vontade de vomitar. Seu corpo queimava de ódio e ciúmes por dentro. Uma mistura

corrosiva, dolorosa.

— Lucas, eu e seu irmão estamos namorando. Desculpa não ter dito nada antes...

— Ela era só sua amiga, você disse. Defendera-se sorrindo Luciano.

Luciano devia ter ligado para ela e ela dito onde estavam. Ficaram os três no restaurante. Lucas sentiu que ia desmaiar, queria acordaria daquele pesadelo...

Mas não acordou.

Luciano comprou uma casa próxima da de Tânia. Namoravam sério, até pensando em noivado. Era demais para ele.

Aquele fora o cúmulo. Seu irmão tinha de desaparecer, para que ele fosse feliz.

Esperava em seu carro pacientemente na escuridão, o momento em que Tânia sairia da casa de Luciano, deixando-o sozinho. Estava lá há horas. Imaginou com profundo nojo e amargura os dois em uma transa alucinada. Mais uma na longa lista de seu irmão.

Finalmente.

Abriram a porta e ela despediu-se dele com um beijo demorado. Lucas viu-a dobrar uma esquina, a de sua casa. Cretino, nem mesmo a deixava em

casa! Saiu do carro com a faca na mão. Era a hora.

A campainha tocou. Luciano foi abrir a porta, antes verificando quem era pelo olho mágico.

— Olá, mano. O que faz aqui a esta... Assustou- se ao ver a faca. — O que é isso, Lucas?

— Você tem que morrer, Luciano. Só assim eu vou existir.

Luciano recuava assustado. O irmão tremia, com os olhos lacrimejando.

— Você me tirou o que eu nunca tive. Não deixou que eu fosse feliz, porque você roubou a felicidade toda pra você! Você

sempre foi o primeiro, Luciano, o primeiro e único! Deus sorriu pra você e cuspiu na minha cara.

— Do que você está falando, Lucas? Eu nunca te tirei nada, eu sempre te amei, maninho.

— NÃO ME CHAMA ASSIM! Explodiu Lucas. —Não seja hipócrita! Você nem mesmo ama a Tânia, mas está com ela pelo prazer de me ver sem ninguém!

— Então é isso? Vai me matar porque roubei sua namoradinha? Escuta aqui, Lucas, cresça! Não sabe lidar com a derrota, problema seu, mas isso não é razão pra agir dessa

maneira! Eu não a forcei a nada e se está comigo, foi porque me escolheu.

— Esse é o problema, você é perfeito demais. Não dá pra competir com a perfeição — falava com a voz embargada de emoção.

— Se fizer essa besteira, Lucas, vai ser o maior fracassado de todos — tentava aproximar-se um pouco, com as mãos espalmadas em defesa. —A Tânia não te merece, mano. Está comigo por interesse. Sabe o que ela me disse? Que você é o cara mais interessante que ela já conheceu. E eu também acho, Lucas. Tenho

orgulho de ser seu irmão...

Lucas largou a faca e caiu de joelhos, chorando desesperado. Luciano ajoelhou-se e o abraçou.

— Desculpa, Luciano! Desculpa! Eu sou um verme invejoso, não mereço viver...

— Calma, mano, calma...

***

Tânia voltava para a casa de Luciano, havia esquecido a bolsa lá. Ao chegar à frente, viu a garagem se abrindo e o carro veloz de seu namorado dar a ré.

— Luciano! Aproximou-se da janela do carro. Ele estava

nervoso. — O que houve?

— O Lucas tentou me matar e foi embora dizendo que ia se ia acabar com a vida! Rápido, liga pros meus pais. Eu vou ver se o encontro antes que seja tarde!

— Não, eu vou com você! Desesperou-se ela. — Eu ligo no carro, do celular!

— Entra, rápido! Ele é capaz de fazer besteira. Disse abrindo a porta para ela.

Rodaram durante uma hora. Nada de Lucas. Tânia chorava de forma convulsiva depois que Luciano recebeu a ligação do pai. Clamara para que

ele lhe explicasse por que Lucas tomara aquela atitude, mas ele disse que não havia tempo.

— Você está alterada, Tânia. É melhor descer do carro. Se o encontrarmos, não será uma boa ideia que esteja presente.

Tânia tentou contestar, mas estava fora de questão. Ele a deixou em casa e continuou sozinho no carro. Dirigiu para a beira de um rio.

Desceu do carro.

Abriu o porta-malas.

Olhou bem para o corpo morto do irmão lá dentro.

***

— Calma, mano, calma... Ele abraçava o irmão que chorava incontrolavelmente. Pegou a faca do chão.

Enterrou-a em seu peito.

— Há anos aguardo esse momento, irmãozinho. Sussurrou ao ouvido de Lucas, torcendo a faca enquanto ele agonizava. — Você sempre ficava com o que mais tinha valor, o que era meu por direito, Lucas. A garota que eu mais amei, a Teresa, se apaixonou por você e você desperdiçou, não a deu valor. Por isso ela foi embora para sempre... E o que eu mais queria, o amor de meus pais, você me roubou

completamente... Eles deixaram claro que você era o preferido. Passei a vida tentando impressioná-los, mas eles só enxergavam você, mesmo sendo um maldito fracassado! Tomei sua garota por maldade, só pra vê-lo sofrer, seu maldito! Eu fui o primeiro, eles deviam me amar! A mim! Lucas golfou sangue em sua camisa. Luciano retirou a faca, afastando-se. O corpo morto caiu no chão.

Contemplou com incontida alegria o fim de anos de vingança. Fizera de tudo para conquistar a atenção dos pais, mas era invisível. Seu maldito

irmão o tomara o que mais queria. Passara a vida inteira dedicando-se àquela vingança sádica e demorada. Queria ver o irmão sofrer, sucumbir no próprio ódio, tornar-se menor que nada. E conseguira. Finalmente. Pudera enfim enterrar todo o seu ódio no peito dele através daquela lâmina.

Foi limpar o sangue do corpo, para livrar-se logo do cadáver de Lucas. Agora tudo seria só seu.

Seria o único.

E seus pais teriam de amá-lo...

No funeral de Lucas,

havia vários amigos, parentes e alunos que o viam mais do que um professor. Luciano estava abraçado com Tânia, que também chorava convulsivamente. Os pais dele estavam desolados. Choravam a dor terrível da perda do filho. Luciano aproximou-se dos pais, afastando-se de Tânia. Por trás de seus óculos escuros, estavam dois filetes de lágrimas para não causar estranheza. Era sua hora de finalmente conquistar a atenção dos pais.

— Pai, mãe, não se preocupem, eu vou cuidar de vocês.

— Por que ele se matou,

meu Deus? Perguntava-se desesperado o pai. — Por que tirou a própria vida?

— Ele não mereceu o amor de vocês, pai. Não deu valor...

— Não mereceu o caralho! Gritou velho de repente. — Você é quem devia ter ido no lugar dele! Você nem devia ter nascido!

Luciano ficou estático. Tirou os óculos, revelando seu olhar em choque.

— P-Pai... O que...

— Amor! Pare, por favor! Implorou a mãe dele, tentando acalmar a fúria do pai.

— Não, querida! Chega de guardar esse rancor no peito! Devia ter abortado esse cara quando teve a chance. Toda vez que olho pra ele lembro que é fruto de um estupro, filho de um maldito bandido que te violentou, meu amor! Passei a vida inteira fingindo que ele era meu filho, mas ele é filho do mal! Filho do diabo! Cuspiu na cara de Luciano.

A mulher caiu de joelhos, em agonizante pranto. O homem deu as costas, afastando-se do aglomerado de pessoas chocadas com a cena. Tânia imediatamente andou até Luciano que estava imóvel.

Ia dizer algo, mas não teve reação perante a expressão no rosto do namorado.

Nunca esqueceria aquele olhar.

Um trovão explodiu no céu. Parecia gargalhada de Deus.

Ou do Diabo. Começou a chover.

OBSCURA

Marina esquadrinhava a neblina tentando enxergar algo à sua frente. Estava completamente perdida sobre o rio, mas tinha certeza de que se a lancha continuasse indo reto chegaria logo à ilha.

Sua vida já não fazia mais o mínimo sentido. A dor que sentira durante todos aqueles anos finalmente estava prestes a acabar. O sofrimento e a solidão, que haviam se tornado seus únicos companheiros constantes

logo não mais existiriam. Tudo acabaria. Chegara ao extremo da fraqueza humana e nada a faria voltar atrás...

Mas precisava ir até aquela ilha. Embora agora fosse apenas um lugar abandonado e sem vida, como dissera o homem que lhe alugara a lancha, era seu último resquício de esperança. Não que houvesse a possibilidade de um milagre acontecer e ela resolvesse viver. Não. Só queria lembrar-se de algum momento alegre da vida antes de acabar com ela. Queria ter certeza de que pelo menos plantara algo de bom naquele mundo. Não tinha

nenhuma lembrança feliz de toda a sua história. Toda e qualquer lembrança havia sido apagada. Havia apenas buracos, lacunas inexplicáveis que não conseguia preencher. Nunca havia estado naquela ilha. Mas sua filha sim.

Era o que dizia uma velha fotografia.

Parecia ter sido um sinal divino, mesmo que não acreditasse em Deus há muito tempo. Recebera por correio aquela carta, sem remetente, com um molho de chaves dentro e a foto, com o nome da ilha escrito a caneta no verso: Ilha do Farol dos Anjos. A princípio não

reconheceu nenhuma das três pessoas sorridentes na foto: um homem e uma mulher abraçados a uma garota no meio, sentada em um balanço, com um casarão ao fundo cobrindo a vista de um farol; mas durou pouco tempo para que notasse alguns traços de semelhança na garota. Aqueles olhos cor-de-mel e aqueles cabelos lisos negros, o contorno do rosto e do nariz... Estava completamente familiarizada com aquela imagem, pois a via todos os dias, quando se olhava no espelho. Era a sua cara. A garota parecia ser sua cópia em miniatura.

Seria aquela sua filha?

Só de pensar na possibilidade, sentiu os olhos umedecerem. Aquele homem e aquela mulher seriam seus pais adotivos? Não tinha nenhuma lembrança do que acontecera depois de sua gravidez; talvez tivesse vendido a filha ou a entregue ao orfanato...

Pela foto, estava mais feliz do que ela nunca fora.

Marina nunca havia conhecido os pais verdadeiros. Fora criada em um orfanato, de onde fugiu aos treze anos. Não tinha nenhuma lembrança de sua infância abaixo dos dez anos.

Tudo havia sido misteriosamente apagado, deletado. Viveu nas ruas por algumas semanas até voltar para o orfanato e ser adotada por um casal que perdera uma filha na sua idade. Seus novos pais, os primeiros de que se lembrava, a trataram muito bem, *a priori*. Mas queriam chamá-la de Luíza, nome da filha falecida, e que vestisse as roupas dela. Depois começaram a exigir que agisse ela, e por não conseguir, começou a ser maltratada, a apanhar todos os dias, até finalmente fugir.

Não lembra para onde fugiu, nem o que aconteceu. Sua próxima lembrança era de dois

anos depois, de estar morando com uma freira, que lhe dera abrigo não lembrava como nem por que, mas que era bondosa e generosa. Tudo o que exigia de Marina era que fosse uma católica devotada, que fosse às missas todos os domingos, rezasse o terço todos os dias e lesse a bíblia. Marina não acreditava muito em religiões. Tinha dúvidas sobre o que ouvia e lia sobre Deus; nem mesmo sabia se acreditava que ele existia. Mas não podia reclamar: a freira a tratava muito bem, lhe dava comida e pagava seus estudos.

Foi quando concluiu o Ensino Médio e conheceu Álvaro, irmão de uma de suas amigas de escola. Ele era sete anos mais velho que ela, trabalhava com entregas para lojas. Os dois iniciaram um romance secreto, tendo em vista que a freira não permitia que ela se envolvesse com homem algum. Marina estava completamente apaixonada por Álvaro, tanto que aceitou sua proposta de ir morar com ele numa casa alugada. Achava que sua vida então seria feliz.

Até descobrir quem Álvaro realmente era.

A primeira vez que

apanhou dele foi quando disse que queria arranjar um emprego. Ele deu-lhe uma surra dizendo que seu lugar era em casa; ele que sustentasse os dois; era um desrespeito da parte dela querer trabalhar. Marina era muito bonita e tinha um belo corpo. Isso era razão suficiente para que ele a proibisse de se aproximar de qualquer homem. Seu ciúme possessivo o levava a trancá-la em casa e espancá-la por qualquer razão. Marina quis deixá-lo várias vezes, mas o medo e as ameaças dele a fizeram continuar com o sofrimento. Quando finalmente tomou a

decisão, descobriu estar grávida.

Álvaro enlouqueceu.

Disse que não ia criar menino nenhum. Alegou que o filho não era seu e deu-lhe várias surras por causa disso; por fim resolveu obrigá-la a abortar.

Marina então fugiu de casa. Mudou de cidade. Queria ter seu filho. Era sua última esperança de encontrar a felicidade, era seu único vínculo com o que viria a ser alegria.

Este foi seu terceiro apagão.

Não lembra o que aconteceu com o filho que esperava, nem como foi trabalhar

para seu cafetão. Havia sido um espaço de aproximadamente três anos sem nenhuma lembrança. Por mais que tentasse, não conseguia nenhum flash do que poderia ter acontecido. Estava nas ruas, vendendo seu corpo para sobreviver, suportando o que havia de mais repugnante e repulsivo nos homens. Às vezes apanhava dos clientes, às vezes de seu cafetão. Era a mais bonita entre as prostitutas dele, e a mais requisitada pela clientela repulsiva, por conseguinte, a mais cara. Transara com políticos, pastores, professores, gente da alta sociedade. Odiava o que

fazia. Chorava todas as noites, não era vida o que estava vivendo. Para aliviar a dor, esquecer a cruel e impiedosa realidade, ela usava todas as drogas que conseguia: Maconha, crack, cocaína quando tinha sorte e cola de sapateiro quando não restava mais opção. Viciou-se apenas nas pedrinhas de crack.

Um dia um de seus clientes se apaixonou por ela. Fez-lhe a proposta de casar e ir morar com ele. Era um homem de meia idade, dono de uma rede de comércios. Claro que Marina aceitou. Tudo para viver longe daquele mundo horrendo. O

homem era bondoso, tratava-lhe bem. Embora fosse um maníaco por sexo. Queria ter Marina todas as noites, realizar todas as suas fantasias... Não amava Marina realmente, ela sabia disso, só queria que fosse seu brinquedo sexual particular. Marina aceitava. Não porque gostasse. Tinha nojo dele, mas tinha uma casa para morar, um esboço do que seria uma vida normal. Pelo menos não era um ou mais de um por noite...

Mas cansou daquilo.

Queria ter a chance de viver. Sabia onde ele guardava suas economias; ele não confiava

em bancos. Marina roubou-lhe uma quantia considerável e fugiu novamente. Uma vida de fugas, de tristeza, de sofrimento. Lembrou da época em que era obrigada a ler a bíblia e a ouvir o que os padres diziam ser a palavra de Deus. Tivera muitos padres em sua cama como prostituta. Em seus vinte e cinco anos não conseguia se recordar de nada que valesse a pena. Não tinha ninguém no mundo. Nenhum parente, nenhuma amiga ou amigo, ninguém que a amasse... Quanto tempo mais aquilo iria durar? Que tipo de tortura a vida lhe reservava? Ainda era bonita,

ainda que agora tivesse um aspecto mais distante, frio, e que as drogas tivessem lhe deixado marcas visíveis na face ainda atraente. A personificação da tristeza. Qual era mesmo a última vez em que havia sorrido por ter achado graça em algo?

Decidiu acabar com tudo.

Passou dias pensando na melhor maneira de finalizar aqueles anos perdidos. Pílulas? Pulsos cortados? Veneno? Um tiro no coração ou na cabeça? Tudo parecia trazer sofrimento, e ela já tivera bastante durante a vida toda. Mas cogitou todas as possibilidades.

Foi quando recebeu o envelope.

Ilha do Farol dos Anjos... Quem poderia ter lhe enviado aquela foto? Quando teria sido tirada? Um, dois, três anos atrás? E aquele molho de chaves? Seriam as chaves do casarão? Tinha quase cem por cento de certeza de que aquela garota sorridente era sua filha. Talvez tivesse sofrido tanto que sua mente tivesse apagado os momentos bons de outrora para não a torturar mais com as lembranças. Pelo menos assim não nutria esperanças... Mas aquilo era uma esperança. Teriam

os pais adotivos de sua filha lhe enviado aquilo? Algum parente que a conheceu por acaso? Algum cliente das ruas que se lembrou de algo? E se o pai adotivo de sua filha tivesse sido seu cliente?

Não.

Aquela ilha tinha as resposta que procurava. Era tudo o que queria antes de pôr fim a tudo. Queria saber a verdade, ou pelo menos, quem sabe, lembrar de algo. Ver sua filha, uma única vez, dar-lhe um único beijo e deixar que fosse feliz, já que nunca seria capaz de dar-lhe a felicidade. A possibilidade era suficiente para emocioná-la.

Pesquisou sobre a ilha. Descobriu depois de um tempo que ela comprada com um milionário americano que se casou com uma brasileira e deixou-lhe de herança. Depois que o americano morreu, a milionária vendeu a ilha por ter que pagar uma série de dívidas deixadas pelo marido. A ilha não era muito grande, mas valia muito, principalmente pela mansão lá construída. Quem a comprou foi um empresário que a usava como refúgio nas férias. O Empresário morreu e seu filho a vendeu para um magnata que transformou a casa em hotel e

construiu o farol que deu nome à ilha. O hotel tinha fama internacional, recebera figuras ilustres. Muitas pessoas pagavam só mesmo para acampar na ilha, devido ao alto custo da hospedagem.

Pelo fato de ser isolado em uma ilha e dotado de certo luxo, o hotel fez sucesso enquanto durou, mas acabou falindo depois de um escândalo que envolveu a morte de alguns hóspedes. A ilha então ficou abandonada.

Já que o farol fora construído na época em que a mansão virara hotel, os prováveis pais de sua filha deviam ter sido

hóspedes. Talvez houvesse alguma pista por lá. Já tinha enraizado a ideia de que aquela era a criança que havia gerado. Não aceitava outra hipótese que sua razão lhe oferecesse. Embora a ilha estivesse abandonada, talvez encontrasse lá alguma pista do paradeiro dela.

Tinha que ir à ilha, pois seria a última coisa que faria na vida.

O homem que lhe alugou a lancha lhe alertou que a ilha era inabitada, mesmo que propriedade particular. Claro que não era permitido fazer um tour por ela, mas ninguém iria

reclamar afinal. Para evitar mais perguntas do dono da lancha, disse que estava fazendo uma pesquisa sobre a ilha, para sua tese de doutorado.

— E cuidado, moça. Avisou ele. — Muita gente tem medo dessa ilha aí. Trouxe muita desgraça a quem quer que tenha pisado lá. Todos os donos ou faliram ou morreram; parece besteira, mas eu não confio muito não. Tem gente que acredita que a ilha tem maldição...

— Não se preocupe. O pior que poderia ter me acontecido já me aconteceu.

— Mas a senhora vai

mesmo sozinha? Digo... Não é da minha conta...

Marina entendeu o que o homem quis insinuar e deu um sorriso triste. O homem tinha razão. Que tipo de louca iria sozinha para uma ilha? Pela lógica ela estaria procurando um lugar isolado para curtir com alguém. Claro que não era seu caso. Mas que ele pensasse assim, era melhor que achar que fosse louca.

Pôs a lancha no rio por volta das seis da noite. O homem ensinou-lhe a direção correta a ir, ou acabaria se perdendo. O farol obviamente não estaria

funcionando para guiá-la. A neblina prejudicava um pouco a visão, mas a ilha não ficava muito longe. Deu uma última olhada para trás, como se estivesse se despedindo do continente. A ilha seria seu túmulo; encontrando ou não sua filha, seria lá que se mataria.

A neblina começava a se dissipar um pouco e Marina pôde finalmente ver um vulto sobre a água: Uma grande silhueta em forma de cilindro sobre a formação rochosa: o farol. Ao aproximar-se mais era possível ver com clareza maior a torre em cima de um grande rochedo. O

farol fora construído exclusivamente para orientar os clientes que se aproximassem. Não havia muitas embarcações passando por ali precisando de uma luz que os guiasse. Deu a volta no rochedo, olhando para o alto da torre, aprisionada pela neblina ao seu redor.

Do outro lado do farol pôde ver a madeira do cais. Apurou a visão pensando ter visto alguma coisa na neblina.

Uma silhueta infantil? — Oi? Oi!!!

Não houve resposta. Não dava pra ver com certeza se aquilo realmente era uma figura

humana escondida nas sombras. Aproximou-se mais. Não havia nada. Era sua imaginação. Não havia cogitado a possibilidade de haver alguém na ilha, mesmo que de uma forma ou de outra esse fosse seu propósito. Prendeu a lancha no ancoradouro e pisou finalmente no solo da ilha após atravessar o cais. Levava consigo uma mochila com uma lanterna, um lampião, uma faca, um vidrinho de cianeto, veneno mortal e um revólver. Conseguira-o não lembrava como, mas o tinha há muito tempo, talvez nos tempos em que se prostituía e se drogava. Estava

realmente pronta para o suicídio.

Ligou a lanterna.

Avistou entre as árvores uma trilha com uma estradinha de madeira. Devia conduzir até os fundos do antigo hotel. Agachou-se, apanhou um punhado de areia e cheirou, de olhos fechados, deixando em seguida os grãos lhe escaparem entre os dedos. Chegara até ali, mas não tinha a mínima ideia do que fazer. Talvez o casarão da foto lhe desse alguma pista, talvez nada acontecesse. Pra ser sincera consigo mesma, esperava mesmo um milagre. Que a ilha fosse uma entidade viva, um oráculo que

fosse lhe dar todas as respostas. Por que estava cheirando a terra? Talvez para se familiarizar, pensou. Descansaria em paz embaixo dela. Morreria ali sozinha, como passara a vida inteira. Mas queria ter certeza se sua filha estava viva.

Tentou parar de pensar na morte por um segundo. Andou até a estradinha de madeira. Constatou que tinha pouco mais de um metro de largura. O barulho seco da sola de seu sapato sobre a madeira ecoava no silêncio da ilha. Seguiu iluminando o caminho com a lanterna...

A vegetação ao redor da trilha era densa, e parecia ainda mais densa naquela neblina. De vez em quando imaginava ter ouvido um barulho à sua esquerda ou direita e direcionava o facho da lanterna na direção. Chegava à conclusão de que poderia animais ou apenas o vento. Experimentou então a sensação de estar sozinha, completamente sozinha, isolada no meio daquele rio. Caso alguma coisa acontecesse, ninguém saberia que estava ali, exceto o homem que lhe alugara a lancha. Ninguém se importava com ela. Estava finalmente só. No meio daquelas árvores escuras, sentiu

um leve calafrio. Medo, talvez. Havia andado um bom pedaço; a ilha não era tão pequena. Olhou para trás e a lanterna não mais iluminava o começo da trilha. A escuridão o havia engolido. À sua frente ainda não conseguia divisar nada.

Olhou para o chão, ouvindo o barulho de seus pés sobre a madeira. Parou de repente de andar. À sua frente, o barulho de passos sobre a madeira a sobressaltou. Havia alguém ali!

— Oi! Tem alguém aí? Está me ouvindo?

Os passos cessaram. Então voltaram, com rapidez.

Vindo em sua direção!

Pegou a arma, com as mãos trêmulas. Nunca havia usado uma antes, mas sabia como funcionava. Segurava-a com uma mão e a lanterna com a outra.

Algo corria ao seu encontro.

Um enorme Husky Siberiano surgiu da penumbra passando direto por ela, de raspão na sua perna, seguindo pela trilha até sumir atrás dela. Marina riu do nervosismo. Era um belo cachorro, lembrava muito um lobo, do qual era descendente; sempre quisera ver um de perto. Era do tipo de pelo

branco com cinza e preto. Os olhos lembravam os dos vampiros dos filmes: branco-azulados, com uma minúscula pupila no meio. Mas se o cachorro estava ali na ilha, deveria haver alguém lá, do contrário, quem cuidaria dele? A ideia de não estar sozinha era ao mesmo tempo reconfortante, desapontadora e assustadora. Só ela mesma saberia explicar essa combinação absurda de sentimentos.

Seguiu em frente.

Finalmente avistou a casa.

Era uma enorme construção de luxo. O tempo

havia se encarregado de envelhecer aquele palácio: A pintura descascara-se em algumas partes, haviam danos feitos pela chuva, mas ele continuava com seu encanto. Tinha três andares. A base das paredes era feita de pedra, o resto era decorado de mármore e granito. A adaptação da antiga mansão para o hotel fora realmente radical. Subindo alguns degraus de pedra, havia uma enorme piscina cheia de água das chuvas e de folhas levadas até lá pelo vento. Marina deu a volta ao redor da piscina, olhando para seu interior. Uma varanda ornamentada dava acesso

à entrada dos fundos. Deu a volta pelo lado direito da construção, ficando em frente à entrada do hotel. Havia uma fachada muito bem decorada com letras douradas: Hotel Gênesis, ao lado de um logotipo de um anjo querubim.

Olhou ao redor, procurando algo.

Onde estava o balanço da foto?

Por causa da neblina, não dava para enxergar o farol, portanto não dava para se orientar pela posição em que a foto fora tirada.

Iluminou a área em frente

ao hotel procurando o balanço. Havia algumas estatuetas de anjos nos cantos da calçada, um jardim sobre ela e uma escadaria que conduzia a uma trilha no chão de terra. Começava a entender porque o antigo dono não modificara a estrutura do hotel. Era tudo lindo! Desceu a escadaria e deu a volta, para o lado oposto de onde tinha vindo. Sorriu ao reconhecer o balanço da foto; havia um playground envelhecido no chão de terra. Além do balanço havia um carrossel com quatro cavalos enferrujados e outros brinquedos.

Pegou na corrente do

balanço, fazendo um som metálico. Sentou-se nele. Fechou os olhos.

Teve uma sensação estranha. Sensação de familiaridade. Tinha certeza agora que sua filha estivera sentada ali. Aquela sensação vinha da ligação mágica de mãe e filha.

Levantou-se e subiu a escadaria indo em direção à porta principal. Era uma espessa porta dupla de vidro fumê colocada em uma extensão semicircular da parede frontal. Experimentou a fechadura. Trancada, como imaginara.

Pegou o molho de chaves na bolsa.

Numa das chaves havia em letras minúsculas o nome: Entrada Principal. Colocou-a na fechadura e girou.

A porta destrancou-se.

Agora tinha certeza. Quem lhe enviara a fotografia com as chaves realmente queria que ela fosse até lá. Talvez houvesse algo dentro do hotel que fosse de seu interesse. Algo que lhe levasse à sua filha.

Entrou.

Varreu o local com a lanterna, inquietando a escuridão predominante. No meio do hall de

entrada havia uma estátua de anjo querubim de braços e asas abertas dando as boas-vindas; havia um balcão circular da recepção à esquerda, com alguns compartimentos quadrados na parece ao fundo, com as chaves e os números dos quartos. À frente, estavam alguns largos degraus que levavam até o lobby e ao lado dos degraus, um elevador. As paredes tinham um detalhe em madeira bem trabalhada cortando-as ao meio na horizontal. O chão era coberto de carpete vermelho-escuro e as paredes tinham fotos de querubins, anjos na forma de

bebês. Havia um vaso com uma planta morta à direita.

Aproximou-se da recepção. Estava tudo muito empoeirado; sobre o balcão havia uma campainha e vários panfletos de divulgação do hotel. Marina pegou um deles e o iluminou com a lanterna:

Esqueça os problemas, as preocupações e o estresse do dia-a-dia e venha hospedar-se no Hotel Gênesis, na Ilha do Farol dos Anjos.

O primeiro hotel construído em uma ilha.

Dispomos de todo o

conforto para garantir a sua tranquilidade. Faça já sua reserva na nossa sede e dirija-se agora mesmo ao recanto dos seus sonhos.

Hotel Gênesis, seu refugo no paraíso.

Largou o panfleto e iluminou o teto. Havia um pequeno lustre em perfeito estado pendendo lá, coberto de teias de aranha.

Subiu os degraus. O lobby era enorme.

Havia estofados luxuosos estrategicamente espalhados,

móveis de antiquário e algumas obras de arte, todas fazendo alusão a anjos. No chão jazia um luxuoso e gigantesco tapete de cor predominantemente vermelha. Ao fundo, Marina iluminou duas portas de madeira, uma em cada canto da parede. À esquerda, no canto, uma escadaria coberta de carpete levava ao segundo andar.

Acima, uma varanda minuciosamente ornamentada circulava todo o lobby, dando uma visão privilegiada deste a quem estivesse no segundo andar. Tossiu. Havia muita poeira no local. Na parede da direita, maravilhou-se com o afresco que

a ocupava de canto a canto: a pintura de Lúcifer sendo expulso do paraíso por Deus, caindo em um abismo. Gênesis. O hotel era mesmo temático, pensou.

Sorriu. Seu fim seria em um lugar com a temática do início de tudo. O nome do hotel deveria ser Apocalipse, mais apropriado. Humor negro. Andava devagar entre os móveis, como se temendo acordar alguém. Na verdade, por mais que fosse difícil admitir, estava com medo. Ainda não tinha certeza se estava sozinha na ilha - principalmente depois de ver o Husky Siberiano. Embora, pensava, para alguém disposto a

acabar com a própria vida, não houvesse razão para ter medo algum. O pior que poderia acontecer seria sua morte, e esse já era seu intuito.

Destrancou a porta da direita ao fundo, após procurá-la no molho de chaves. Ela dava acesso a um extenso corredor; foi para o lado direito. Havia outro corredor do lado esquerdo de onde estava caminhando, entre dois banheiros e um lance de escadas para o segundo andar, outro para o subterrâneo. Em frente ao corredor havia uma grande porta dupla, com nomes dourados: SALÃO DE FESTAS.

Destrancou.

Era enorme. Várias mesas encontravam-se espalhadas com as cadeiras emborcadas sobre elas. Ao fundo havia um pequeno palco. Imaginou quantos casamentos, formaturas e festas de debutantes ocorreram ali. Seus passos ecoavam enquanto dirigia-se ao centro.

Parou bruscamente.

Um barulho.

Alguma coisa caíra, tinha certeza, em algum outro cômodo do hotel. Havia alguém ali? Surpreendeu os pelos de seu braço se arrepiando e o coração batendo mais forte. Pensou em

gritar um "Tem alguém aí?", mas tinha medo de ser o vigia do local ou algum bandido. O que mais alguém faria em uma ilha isolada e inabitada? Saiu do salão cautelosamente, pensando no que fazer exatamente se esbarrasse com alguém.

De volta ao corredor, andou na direção contrária à que havia caminhado. Passou pelas duas portas de acesso ao lobby e continuou em frente. O corredor dobrava à esquerda, onde havia uma porta dupla de vidro com o nome RESTAURANTE ÉDEN. Trancada. O barulho viera dali?

Abriu-a. Assim como no

salão de festas, as cadeiras estavam emborcadas sobre as mesas, com uma considerável camada de poeira sobre elas. A decoração também fazia alusão ao jardim do Éden, com um enorme afresco de uma árvore com frutos vermelhos e uma serpente em um dos galhos.

Mais à frente havia um portal sem porta, com alguns degraus que davam acesso a um bar, como pôde perceber. Andou até lá; um grande balcão escuro circulava luxuosas prateleiras de vidro repletas de garrafas emaranhadas por teias de aranha.

Ouviu o barulho

novamente.

Vinha de trás do balcão. Focou a iluminação lá. A luz tremia tanto quanto sua mão.

Um vulto saiu das sombras.

Ela o iluminou assim que passou por ela. Levou a mão à boca, de susto, então começou a sorrir.

Era outro cão Husky Siberiano, mas este tinha coloração branca com vermelho-bronze. O cachorro parou e olhou para a luz, curioso. Marinha pôde ver que ele tinha um dos olhos azul claro com a pupila negra no meio e o outro era castanho

avermelhado. Havia lido certa vez que era comum entre cães desta raça haver problemas com os olhos, como catarata, por exemplo.

O cão correu para o restaurante, e então para fora dele. Marina pensou em segui-lo, mas desistiu. Por que ele estava dentro do hotel? Ou alguém o deixara lá ou havia alguma passagem que ele encontrara para dentro.

Voltou ao corredor de acesso ao lobby. Ao fim do corredor que ficava em frente ao do salão de festas havia uma porta dupla. Andou por ele e viu

que havia um corredor à esquerda que dava acesso aos quartos do primeiro andar. Lembrou-se de que não tinha as chaves dos quartos no molho de chaves; elas estavam na recepção.

Voltou à recepção e pegou todas as chaves do primeiro e segundo andares. Ao passar pelo lobby, resolveu subir primeiro na grande escadaria acarpetada.

Circulou a varanda, iluminando o lobby lá embaixo. A visão era mesmo linda. Foi em direção ao corredor de acesso aos quartos.

Abriu a porta do quarto 201, iluminando em seguida seu

interior. Era uma suíte normal, bem decorada, carpete no chão, móveis empoeirados, entre eles uma cama de casal, um criado-mudo e um guarda-roupa. Dois abjures estavam estrategicamente posicionados ao redor da cama. Vasculhou todas as gavetas, todos os papéis que encontrou, mas nada dizia a seu respeito ou despertava seu interesse. Olhou o 203 e o 205 sem sucesso.

Parou no meio do caminho ao ouvir um barulhinho abafado, uma espécie de chiado. O que seria desta vez? Seguiu o som até a porta do quarto 210, ao fundo. Abriu- a, iluminando em seguida

seu interior. A mobília diferia completamente da dos quartos anteriores; era uma suíte de luxo, bem maior que as outras, com móveis mais luxuosos, decoração mais detalhada. Nas paredes havia quadros de paisagens. O barulho aumentara assim que entrara; era um chiado crescente, vindo do banheiro. Abriu a porta.

A torneira da banheira estava ligada, causando o barulho e a água transbordava inundando o chão. Apressou-se em desligá-la. Quem ligara a torneira? Estava ligada há quanto tempo? Não havia janelas no enorme banheiro de mármore, apenas um

basculante. Aquilo aumentava as chances de haver alguém visitando o hotel com frequência.

Voltando ao quarto, só então notou aquela caixa de metal com detalhes dourados nas bordas e nos cantos em cima do criado-mudo. Tossiu enquanto se aproximava do objeto. Havia realmente muita poeira no ambiente.

O cubo de metal tinha cadeado, era uma espécie de cofre. Abriu algumas gavetas do criado-mudo à procura da possível chave da caixa; na terceira gaveta encontrou uma folha de papel. Iluminou-a

estreitando os olhos por causa da claridade excessiva da lanterna tão próxima: era uma carta escrita em inglês. A remetente era Monic Campbell. Uma estrangeira, supôs; o hotel era visitado por muitos gringos. Não entendia uma linha do que estava escrito, mas guardou a carta por pura curiosidade: não fazia muito sentido já que não tinha a mínima intenção de voltar ao continente e procurar um tradutor.

Nos armários e cômodas também não encontrou nada além de algumas peças de roupa empoeiradas. Nada da chave. O que haveria na caixa? Joias?

Dinheiro? Talvez apenas bens materiais do hóspede daquele quarto... Talvez tivesse pertencido aos pais adotivos de sua filha...

Saiu do quarto pretendendo voltar mais tarde para descobrir o conteúdo do cubo de metal. Estava disposta a visitar todos os quartos até encontrar algo que lhe interessasse. No corredor sentiu novamente um calafrio. O fato de só poder ver o que a lanterna iluminava há fazia um pouco paranoica com a sensação de estar sendo observada.

Virou-se sobressaltada

com um barulho vindo da recepção.

Desta vez não eram cães.

Barulho da campainha da recepção.

Vozes.

Gritos.

Gargalhadas?

Seu coração acelerou. Mais de uma pessoa com certeza estava no lobby. Ter o silêncio mórbido da ilha cortado por todo aquele barulho era perturbador. Correu para a varanda e se escondeu atrás de uma coluna, desligando a lanterna, tendo uma visão panorâmica do lobby... e dos causadores do súbito barulho.

— Nenhum funcionário vem mesmo atender a gente? Disse ironicamente um rapaz negro e alto abraçado a uma loira, segurando um lampião. Ambos riam visivelmente embriagados.

Atrás deles um outro casal segurando lanternas sentava-se confortavelmente num sofá, provocando uma nuvem de poeira. Ele era alto e loiro, ela, tinha cabelos pretos e tinha um visual *dark*, coberta de roupas pretas e *piercings*.

Marina estava mais tranquila pelo fato de serem outros humanos. Pensara que o último que veria em sua vida

seria o homem que lhe alugara o barco. Por outro lado, eles significavam o fim de seu sossego e sua busca por respostas. Não poderia se matar com eles por perto.

— Então não tem ninguém mesmo! A ilha é nossa!

— É isso aí, Ernani! O hotel é nosso! A loira apoiou o companheiro.

— Sempre foi o meu sonho perder a virgindade em uma ilha paradisíaca.

— Pra começar você não é virgem, minha filha, segundo, essa ilha não tem nada de paradisíaca. Parece mais um

daqueles cenários dos desenhos do Scooby-Doo — Ernani cortou a de visual dark parceira do loiro.

Todos riram.

O loiro iluminou ao redor.

— Cara, tem anjo em tudo que é canto. Comentou. — Isso me dá arrepios.

— É isso aí, Jota. Concordou Ernani. — Se tivesse uns demoniozinhos eu ficaria mais à vontade.

— Vamos procurar nossos quartos? Sugeriu a loira.

— Eu quero no segundo... Ah!!! Gritou Jota de repente ao iluminar a porta à esquerda dos

fundos do lobby.

Marina estava lá parada, com um olhar frio.

Todos os olhares convergiram para ela.

— O que faz aqui?

— O que vocês fazem aqui? Retrucou secamente.

— Não sabíamos que a ilha tinha dono. A de visual dark inferiu sarcasticamente.

— Procurando um local pra transar? Provocou Marina.

— Sabe como é que é... Motel tá muito caro. Ironizou Ernani. — Quem diabos é você? Procurando um local pra usar drogas?

— Quem você pensa que é? Perguntou a loira em tom ameaçador.

Marina ficou em silêncio. Não era ninguém. Uma pobre coitada que estava ali para se suicidar. Realmente não tinha razão para reivindicar a posse da ilha. Era tão intrusa ali quanto eles.

— Desculpem. Desculpem mesmo. Não quero problemas com vocês. Estou procurando alguém.

Houve um silêncio constrangedor antes que Jota o quebrasse:

— Não, não, relaxa. A

gente não sabia que tinha alguém aqui. Quem você está procurando?

Marina hesitou por um instante. Deveria envolvê-los naquilo?

— Minha filha...

— Como é que sua filha veio parar aqui? A loira perguntou agora com a guarda abaixada.

— Minha filha foi sequestrada.

— Sequestrada?

Marina preferia mentir a entrar em detalhes. Por outro lado, a possibilidade de sua filha ter sido sequestrada não era de

todo remota.

— O sequestrador a trouxe para cá?

— Não, mas esteve aqui quando o hotel funcionava. Estou procurando pistas.

Os quatro se entreolharam. Não sabiam o que fazer.

— Talvez nós possamos te ajudar. Sugeriu Jota.

— Qual é o nome dela?

A pergunta de Ernani foi como uma pontada no peito de Marina. Ela não sabia o nome da filha.

— Ela foi tirada de mim assim que nasceu. Não tinha nome

ainda... Marina sentiu os olhos se encherem d'água Imaginava pela primeira vez como seria seu futuro se tivesse tido sua filha a seu lado.

A de visual dark aproximou-se com pena de Marina.

— Ei, não fica assim. Talvez a gente possa te ajudar. Meu nome é Safira. Estendeu a mão.

Marina apertou sua mão.

— Marina. Disse projetando um sorriso triste.

— Estes são: Jonas, meu namorado, mas pode chamar ele de Jota; o moreno é Ernani e a

loira é sua namorada Lívia.

— Nossa noite de orgias fodeu, né? Ernani murmurou para Jota, que confirmou com uma risada.

Marina fez um rápido resumo de como chegara ali, omitindo o fato de que estava disposta a se matar e de que tivera três apagões em suas memórias. Contou ter recebido a foto com as chaves do hotel. Eles contaram estar na cidade vizinha a passeio quando souberam da ilha e resolveram fazer uma aventura. Todo o sossego mórbido de Marina se esvaíra. A vitalidade e alegria dos casais a

desconcertava. Queria que fossem embora, mas também poderiam ser úteis.

— Olha só, a gente pode dar uma vistoriada nos quartos e procurar alguma coisa. Agora somos cinco.

— Obrigada, Safira. Agradeço a ajuda de vocês.

Deu a Jota, Ernani e Lívia as chaves do primeiro

andar e subiu com Safira para o segundo. Depois procurariam no terceiro.

As duas andavam em silêncio pelo corredor frio e escuro. Marina estava em parte mais tranquila. O medo constante

e incômodo e a paranoia desapareceram. Eram quatro jovens aventureiros, à procura de emoções, curtindo o que a vida lhes oferecera. Eram pelo que pôde observar, felizes.

Os invejava.

— Deve ser horrível, não?

— Hã? Marina foi acordada de seus devaneios.

— Perder uma filha... tirar de nós quem nós amamos.

Marina deu um sorriso triste, mas não disse nada. Destrancou a porta do quarto 202, enquanto Safira destrancava outro. Nada de interessante nem

nele nem nos quartos seguintes que visitou. Os que tinham alguma espécie de documento não tinham nada a ver com ela. Reencontrou-se com Safira no corredor.

— Nada?

— Vem comigo. Chamou Safira indo em direção ao quarto 207.

Abriu a porta e iluminou a parede ao fundo. Nela estava escrito com letras irregulares e grandes: LAMA.

— Lama?

— Estranho, né?

Marina aproximou-se da parede e tocou uma das letras:

— Foi escrita com...

fumaça? Algum material queimado.

— E é recente.

— Estranho. O que será que significa? Por que escreveram isso?

As duas estremeceram ao ouvir um uivo aterrorizante ecoando pela ilha. Safira embasbacou:

— Tem lobos aqui?

Marina riu da surpresa estampada no rosto da outra.

— Não, são cães. Há pelo menos dois aqui. Ambos da raça Husky Siberiano.

— Cães de raça na ilha? Quem os deixou aqui?

— Não tenho a mínima ideia. Tudo é mistério para mim também.

As duas andaram até o corredor.

— Você já encontrou alguma coisa nos outros quartos?

— Mais ou menos... Marina lembrou-se da suíte 210 e andou até lá sendo seguida por Safira. Apontou sobre o criado-mudo a caixa de metal. — O que você acha que é?

Safira aproximou-se, examinou por um instante, sacudiu, depois a pôs no lugar.

— Não tenho ideia do que seja. Talvez não seja nada.

Procurou pela chave?

— Sim. Não achei nesse quarto.

— Talvez o dono da caixa tenha levado a chave consigo. Se houvesse algo valioso aí dentro, teria levado a caixa com certeza. Mas se não havia nada, para que trancar?

Marina levou a mão ao bolso.

— Também achei isso. Mostrou a carta em inglês.

Safira leu a carta por um instante.

— Você lê inglês?

— Mais ou menos. Quem entende mesmo é o Jota. Fez

cursinho e tudo. Mas pelo que pude perceber... Deixa eu ver... É endereçada do Rio de Janeiro para Ohio. Pelo visto a carta nunca foi entregue, mas é estranho que essa Monic tenha trazido a carta para cá. Tem as palavras "*island*", "*black magic*" e "*still-born baby*" repetidas várias vezes. Tem a ver com bebê, ilha e magia negra.

— Magia negra?

— É isso aí. Não acho que tenha a ver com você, já que a carta foi escrita há mais de vinte anos. Sua filha é bem mais nova, certo?

— Será que tem a ver com

esta ilha?

— Vou descer e pedir pro Jota traduzir. Agora eu fiquei curiosa.

Foram para as escadas e desceram até o corredor de acesso o lobby.

Pararam ao ouvir uma voz grave gritando.

Não era de Jota, Ernani, muito menos de Lívia.

— Têm certeza de que não tem mais ninguém na ilha?

— Somos só nós! Era a voz de Ernani.

— Se inventarem alguma surpresinha mato os dois, entenderam? Marlon, dá uma

olhada ao redor. Se houver alguém, mata!

Marina pegou no braço de Safira e a puxou para o corredor em frente ao salão de festas. Iluminou a porta com a placa ENFERMARIA. Desligou a lanterna assim que viu um clarão iluminar o corredor transversal. As duas ficaram imóveis.

Após uns segundos o clarão rumou para outra direção.

Marina iluminou o molho de chaves enquanto procurava desesperadamente a da enfermaria.

Encontrou.

Entraram na sala.

Antes que Marina apagasse a lanterna novamente, viu escrito no teto da mesma maneira que no quarto 207: HORDA.

Mergulharam na escuridão.

Passaram-se cerca de dez minutos até que Marina tivesse coragem de ligar a lanterna novamente.

— Desliga isso, eles vão ver. Sussurrou Safira, visivelmente apavorada.

— Se ficarmos paradas vão nos encontrar. Olha aquilo no teto. Apontou.

—A gente tem coisas mais

importantes para nos preocupar! Ele disse que mataria os dois. Já deve ter matado o Jota ou a Lívia. Ela estremeceu só de imaginar.

— Lama, horda... o que tem a ver uma coisa com outra? Quem teria escrito isso?

— Vão matar a gente se nos encontrarem aqui. Lembrou Safira pegando o rosto de Marina entre as mãos como se a quisesse acordar.

Marina levantou.

Iluminou ao redor. Havia umas estantes metálicas com gavetas, alguns armários, uma geladeira, vários materiais hospitalares e uma maca com um

lençol manchado sobre ela.

— Por que deixaram tudo isso aqui? Indagou Marina iluminando todo aquele material.

— Não me importo! Safira sussurrou alto demais. — Eles vão nos matar!

Não era por isso que ela estava lá? Pelo menos iriam poupar seu trabalho. Mas o medo de Safira, o apego que tinha à vida e a preocupação que tinha com o namorado e os amigos estavam explícitos. Marina de repente começou a se sentir egoísta. Eles tinham um futuro pela frente, não precisavam compartilhar seu triste destino.

— Tudo bem! Vamos precisar encontrar algo pra gente se proteger. Me ajuda aqui.

Safira pareceu mais tranquila com o súbito interesse de Marina em salvar a própria vida. Vasculharam com cuidado as mesas e estantes com materiais cortantes. Safira encontrou alguns bisturis; o olhar para Marina assustou-se. Ela olhava para uma tesoura em sua mão de maneira estranha, como se fosse a primeira vez que visse uma.

— Maravilha, você é uma louca.

Marina pareceu acordar do transe com o comentário de

Safira, que olhava assustada para ela.

— Desculpa. Acho que isso vai ser útil. Mostrou a tesoura.

Marina olhou para as gavetas que deviam ter os registros dos pacientes. Com o histórico em mãos, poderia achar alguma pista sobre sua filha. Mas não podia abrir as gavetas ainda sem fazer grande barulho e atrair os estranhos.

— O que vamos fazer?

— Não sei, mas temos que fazer alguma coisa. Pelo que ouvimos, eles devem estar armados. Podem machucar meus

amigos... meu namorado... O lamento na voz de Safira chamou a atenção de Marina. Pessoas que têm outras se preocupando por elas... Mais uma vez a inveja.

Passos no corredor.

Lentos, sorrateiros.

Indo em direção à enfermaria...

Marina apertou a tesoura e Safira dois bisturis, um em cada mão. Apagaram as lanternas.

A maçaneta girou. A porta rangeu.

Safira avançou sobre o vulto que entrava na enfermaria e cravou-lhe um bisturi nas costas assim que o derrubou.

— Sou eu, sou eu! A voz de Jota estava embargada de dor, mas abafada para não atrair a atenção.

— Jota! Safira abraçou-lhe provocando-lhe outro gemido de dor.

Marina os iluminou.

Ele retirou o bisturi das costas fazendo esforço extremo para não gritar.

— Desculpa, meu amor! Desculpa! Eu pensei que tivesse morrido!

— Eles vão nos matar se não fizermos algo. Acham que só o Ernani e a Lívia estão na ilha.

— Quem são eles?

Indagou Marina aproximando-se.

— Não sei. Estávamos procurando alguma coisa no primeiro andar e encontramos o bar. Aproveitamos para beber um pouco...

Marina imaginou a alegria deles ao encontrarem tantas bebidas caríssimas à sua disposição. Não estavam nem um pouco preocupados em encontrar pistas. Não poderia culpá-los.

— Ouvimos um uivo medonho e um barulho vindo da recepção. O Ernani e a Lívia foram até lá e aí ouvi a voz de dois homens. Espiei pela porta do lobby e vi que estavam armados.

Começaram a perguntar se havia mais alguém e o Ernani e a Lívia juraram ser só eles dois. Me escondi no salão de festas e quando ouvi o barulho de um deles subindo as escadas decidi sair do esconderijo. Eu tinha ouvido vocês virem para a enfermaria, então eu vim.

— E agora? O que a gente vai fazer? O que eles querem aqui?

— Devem ser bandidos, contrabandistas, sei lá. Devem usar a ilha para algum fim. Esconder drogas, talvez.

A teoria de Jota em parte fazia sentido para Marina. Se eles

visitavam a ilha com frequência para guardar lá alguma coisa isso explicaria a existência dos cães.

— Deve haver alguma saída! Safira disse iluminando novamente ao redor. Parou ao iluminar o teto. — Marina...

Marina olhou para o teto. A palavra "horda" havia sumido. Não havia explicação lógica para aquilo. Mas mais uma vez, eles tinham uma preocupação maior do que aquilo.

— No fim deste corredor tem uma porta dupla que dá lá nos fundos, na área da piscina. Informou Marina. — Tenho todas as chaves aqui comigo.

— O que vamos fazer? Fugir? E o Ernani? E a Lívia?

— Podemos chamar a polícia se chegarmos ao continente, Safira.

— O Jota tem razão. Meu barco está atracado no cais ao sul do hotel.

— O nosso está no cais principal, à frente.

— Não vamos perder tempo. Procure logo as chaves, Marina!

Marina obedeceu, iluminando as várias chaves do molho procurando a dos fundos. Encontrou.

— Aqui!

— Temos que ir devagar, sem barulho. Quando ele sacar que a gente não tá nos andares de cima vai procurar a gente aqui embaixo.

Saíram para o corredor de lanternas apagadas. Apalparam as paredes até encontrarem a maçaneta da porta dupla dos fundos. Marina destrancou a porta.

— Vão a algum lugar? Disse uma voz atrás deles. O facho de uma lanterna os iluminou.

Abriram a porta e correram para fora rapidamente. Já do lado de fora, a luz da lua

iluminava deixando tudo na penumbra. Iam o mais rápido que podiam.

Ao chegarem à beira da piscina, um estrondo. Safira caiu pesadamente na piscina, fazendo uma enorme mancha de sangue misturar-se à água suja.

— Safira! Jota gritou a plenos pulmões.

O bandido aproximava-se.

— Vamos, Jota! Vamos!

Os dois sumiram na escuridão entre as árvores.

Jota parou de correr caindo de joelhos, enterrando o rosto nas mãos. Chorava como uma criança.

— Vamos Jota! Vamos! Apressava-o Marina preocupada com a aproximação do bandido.

— Eu tenho que voltar! Ela pode estar viva!

— Ela está morta! Não poderia sobreviver ao tiro da escopeta nas costas. Vamos!

Jota levantou-se ainda desequilibrado. Os dois voltaram a correr. Em pouco tempo puderam avistar o cais, mesmo com a névoa.

Marina estacou, de olhos arregalados.

Seu barco havia sumido.

— Meu barco! Meu barco sumiu!

— Merda! Merda! E agora?

— Vamos nos esconder em algum lugar até ele desaparecer.

O que não faltavam ali eram lugares para se esconder, mas Marina se referia mais a um forte, um local que lhes servisse de proteção.

O Farol.

Agarrou a mão de Jota e o puxou na direção do farol, já que este parecia desconcertado. Subiram uma escadaria esculpida em pedra até a porta da torre. Estava aberta.

A escuridão imperava lá

dentro. Marina ligou a lanterna, sentando-se num dos degraus da escada em espiral que levava ao topo.

— Você precisa se acalmar, Jota.

— Minha namorada morreu! Ele mal conseguia falar.

— Nós seremos os próximos. Eles deram um fim em meu barco, mas o de vocês deve estar no cais principal. Temos que chegar até lá.

Jota calou-se e chorou em silêncio. Marina sentiu pena dele.

Mas só por um breve momento. Precisava dele para traduzir a carta que encontrara.

— Eu preciso que faça algo por mim. Ela disse retirando a carta do bolso. — Pode traduzir isso para mim?

Ela a olhou incrédulo.

— Traduzir? Você está louca? Acha que estou em condições de traduzir um textinho pra você? Não sei se percebeu, mas esta não é a melhor hora!

— Fale mais baixo ou ele vai nos ouvir. Eu sei que não é hora para isso, respeito sua dor, mas isso é muito importante para mim.

— Dane-se! Dane-se você, dane-se tudo! Ele abriu a porta subitamente e saiu do farol.

— Não!

Marina continuou estática onde estava. Ouviu a voz de Jota gritando, assim que sumiu na névoa. Sua voz ecoava pela ilha inteira:

— Maldito! Apareça! Vem me matar!

Uma outra voz se fez ouvir:

— Seu desejo é uma ordem.

Um uivo tão terrível quanto o anterior pegou Marina de surpresa. Não era um uivo comum, como os de cachorros.

Era de algo bem maior.

Gritos.

Marina continuou onde estava, sem ter ideia o que se passava lá fora. Ouviu um rugido bestial, um som que só era acostumada a ouvir em filmes de terror. Nenhum animal comum gelaria sua espinha daquela maneira.

Tiros.

Marina fechou a porta e trancou com o ferrolho enferrujado.

Gritos terríveis. De desespero. De dor.

De algo sendo rasgado...

...como carne...

Marina subiu as escadas em espiral, fazendo o facho da

lanterna movimentar-se violentamente. Parou de repente ao ver algo na parede côncava.

A palavra MINI, como se escrita com fumaça, de forma irregular.

As letras desapareceram diante de seus olhos.

Só podia ser uma mensagem. Aquelas palavras não tinham nenhuma relação umas com as outras. Lama, horda, mini... O que tinham em comum?

Um estrondo na porta.

A coisa aterrorizante que ouvira estava tentando entrar no farol.

Ela continuou a subir.

O uivo novamente.

Marina estacou novamente. Seus olhos fitavam arregalados a imagem iluminada alguns degraus acima.

Havia um velho nu de costas, agachado, movendo a cabeça para cima e para baixo de forma cadenciada.

Como o velho fora parar ali? Não tinha coragem de perguntar, nem mesmo de se mover; continuava estática, com sua razão dizendo que aquilo não fazia sentido, que havia algo muito errado. Aquele velho não estava ali há pouco.

O velho parou de mover a

cabeça.

Girou o pescoço para trás lentamente.

Seus olhos estavam brancos, apagados. Murmurou algo que Marina não conseguiu entender.

— O quê? Ela conseguiu balbuciar.

— A... Mar... Gana... Amar... Gana... Amarga...na! Amargaaana! Amargana! Amargana! O velho aumentava o tom de voz cada vez que falava.

Foi tudo muito rápido.

O velho desfaleceu, desfazendo-se sob a pele, como se seus ossos tivessem se

desprendido todos. O saco feito de pele cheio de órgãos e ossos moveu-se alguns degraus abaixo por causa da queda, fazendo Marina se desequilibrar pelo susto. Ela tropeçou em um degrau e seu corpo rolou para trás.

Abriu os olhos com dificuldade. Sua cabeça doía. Estava deitada sobre os primeiros degraus da escada em espiral sentiu o corpo todo dolorido. Uma fraca claridade passava por baixo da porta. Já havia amanhecido? Quanto tempo ficara inconsciente? Tentou se levantar, sentindo as dores piorarem. Aparentemente não havia

quebrado nada, mas havia vários hematomas espalhados pelo seu corpo. Apanhou a lanterna e a tesoura no chão. Abriu a porta, a claridade invadindo o ambiente. A neblina ainda estava instalada na ilha, deixando o clima tão mórbido quanto na noite anterior.

Olhou no relógio de pulso: cinco e quarenta e seis. Da manhã ou da tarde? Era difícil se situar ali. Perdera a noção de tempo. Ficara tanto tempo desacordada?

Não precisava de lanterna por enquanto. Guardou- a na bolsa tentando recapitular o que houvera na noite passada. O som

de uma fera, o velho no farol, o bandido e Jota...

Fora tudo alucinação?

Bastou dar alguns passos para saber que não. Havia uma poça de sangue enorme no chão, e dela um rastro sanguento indo em direção às arvores. A fera arrastara o corpo da vítima? De quem? Jota? O bandido? Ambos?

Sua cabeça doía. Não sabia em que pensar. Tinha que dar um jeito de voltar para o hotel e vasculhar os armários da enfermaria. Ela sentia que lá haveria alguma pista relevante. Era tudo que lhe interessava. Queria morrer sã e se continuasse

procurando uma razão para aqueles acontecimentos bizarros ficaria louca. Pegou o caminho de madeira novamente, agora tendo uma visão melhor da paisagem, embora embaçada pela neblina.

Chegou aos fundos do hotel. Andou com cautela até a piscina.

Não dava para ver o corpo de Safira ali dentro porque a água estava barrenta, mas sabia que ela estava lá. Andou até a porta dos fundos, que estava entreaberta. Não tinha ideia se os bandidos ainda estavam ali, ou o que teriam feito a Ernani e Lívia. Provavelmente tiveram o mesmo

destino de Safira.

Ouviu um gemido.

Vinha do corredor de acesso ao lobby.

A curiosidade superou seu medo. Talvez fosse um dos jovens precisando de ajuda. Mas não podia arriscar e gritar o nome deles. Poderia ser uma cilada. De qualquer maneira andou naquela direção vagarosamente, tomando cuidado para que seus passos não fizessem barulho.

Ao cruzar com o outro corredor, levou as mãos à boca pelo susto.

Quem estava caído era um homem na faixa dos quarenta,

barbudo, com o pescoço ensanguentado. Sua boca estava transbordando sangue. Provavelmente era o outro bandido. Marina automaticamente deduziu que Ernani havia reagido e conseguido fugir. Sua reação ao ver Marina foi de pânico. Parecia que estava vendo um fantasma.

— Por.. favor... Não... M-Monstros! Monstros!

— Monstros? Vocês quem...

O homem engasgou no sangue, tossiu e parou de se mover. Ernani e Lívia havia realmente apavorado os dois para que ficasse assustado daquela

maneira. Mas por que os chamara de monstros?

Marina sentiu um gosto amargo na garganta. Seu coração acelerou ao chegar a uma fantástica e apavorante dedução...

Ouvira o uivo a partir do momento que os casais apareceram; Jota se enfurecera e quando foi enfrentar o bandido, o uivo voltou a aparecer e havia apenas um rastro de sangue no local; o bandido moribundo estava apavorado chamando-os de monstros...

Lobisomens?

Era ridículo. Não fazia sentido, e ao mesmo tempo era a

coisa mais sensata a se pensar.

E se os dois não fossem bandidos? Se na verdade estivessem caçando os casais por saber que eram lobisomens ou coisa do tipo?

Não vira a criatura, mas tinha certeza que se tratava de uma besta em forma de lobo.

Passos desciam as escadas.

— Marina?

Reconheceu a voz de Ernani. Estremeceu.

Tinha que pensar rápido. Ernani desceu os últimos degraus com uma arma na mão, fitando-a com ar preocupado:

— Onde estão o Jota e a Safira? Conseguiram escapar?

Ela não conseguia falar. Lembrava-se o som de carne sendo dilacerada e do rugido de fera, como o de um lobo, porém distorcido. Apenas olhou para o corpo e depois para Ernani.

— Ele vacilou e eu reagi. Tive de ser violento, ou eu e Lívia estaríamos no lugar dele. Onde estão Safira e Jota?

Ela conseguiu forças para falar, enquanto pensava desesperadamente em uma maneira de escapar:

— A Safira levou um tiro de escopeta. Está caída na

piscina... O Jota... Sinceramente eu não sei.

— Safira está morta!? Ah, droga! Maldição! Ele parecia realmente abalado pela notícia. — O que você quer dizer com "sinceramente não sei?".

Marina estava numa encruzilhada: Contava ou não que uma besta os atacou e que não tinha certeza se essa besta não era Jota?

— Ele correu ao encontro do bandido, e...

Súbito, antes que pudesse continuar Ernani a olhou ameaçadoramente e apontou-lhe a arma:

— Por que só você sobreviveu? Pensando bem é muito estranho o fato de você já estar na ilha, com todas as chaves, os bandidos aparecem e você milagrosamente é a única que sobrevive... Diga a verdade! Você é comparsa desses caras?

Ela o olhou num misto de surpresa e pavor. A acusação de Ernani ao ponto de vista dele fazia sentido.

— Eu contei como vim parar aqui! Defendeu-se.

— Historinha pra boi dormir. Bem que eu achei estranho essa parada de fotografia e filha desaparecida. Vamos!

Desce! Ele apontou escada abaixo.

Ela não tinha argumento. Qualquer coisa que dissesse só pioraria a situação; se sua teoria de que os casais eram lobisomens ficou ainda mais forte.

— Onde está a Lívia?

— Cala a boca! Vamos, anda!

— Vocês não são humanos, eu sei disso!

Ernani não deu atenção à acusação. Assim que chegaram à porta de acesso ao subsolo, Ernani gritou:

— Vamos, abre a merda da porta!

Ela procurou as chaves. O que ele faria com ela lá embaixo?

Encontrou. Abriu a porta.

— Vai me matar?

— Está com medo de que eu faça o mesmo que fiz com seu amiguinho? O que ele era teu? Namorado?

Assim que cruzaram a porta, Ernani tomou dela o molho de chaves e a empurrou. Caiu no chão, machucando seu corpo já dolorido. Esperava que ele lhe desse um tiro, ou que se transformasse numa fera ali, na sua frente.

Mas não.

Ele deu as costas e

trancou a porta por fora. A escuridão ali dentro era total. Marina imediatamente pegou a lanterna dentro da bolsa e iluminou o corredor em que estava. Havia três portas com os nomes: COZINHA, SALA DAS MÁQUINAS, ARQUIVO e ALMOXARIFADO. Além de dois banheiros e do elevador de serviço. Constatou que as três estavam trancadas. Ernani não havia pensado, provavelmente, que ela poderia usar o elevador para sair dali, caso este funcionasse.

Mas algo passou pela sua cabeça. Na sala de arquivos,

poderia encontrar registros e anotações de quem já tivesse estado no hotel.

Pegou a tesoura na bolsa. Mais uma vez teve uma estranha sensação ao segurar o objeto. Até aquele momento não havia utilizado o revólver que trouxera para se proteger. Só havia uma bala no tambor, e aquela bala estava endereçada a seu próprio crânio ou coração. Não mudara de ideia. O único motivo de não ter se matado ainda era que tinha que descobrir onde estava sua filha. Trouxera o veneno e a lâmina só por precaução, caso não funcionasse a arma, mas ela

era sua primeira opção. Morte rápida, indolor.

Golpeou a fechadura da sala de arquivos com a tesoura várias vezes até sua mão doer. Nada. Voltou a golpeá-la, ainda mais brutalmente.

A porta cedeu.

Assim que iluminou o chão, viu a palavra BELA escrita com fumaça se dissipar. Mais uma palavra. Agora eram quatro. Tinham que ter algum significado. Tentou lembrar de todas, ficou repetindo-as, tentando enxergar alguma relação entre elas. A sala era relativamente pequena, mais ou menos o tamanho de uma das

suítes; estava repleta de estantes cheias de papéis e armários de ferro. Deu uma olhada em algumas estantes, não vendo nada de real importância.

Tossiu assim que pegou sobre uma prateleira um jornal local; estava em cima de uma pilha de outros papéis.

Falava do hotel e da ilha.

Era uma edição de quinze anos atrás. Na primeira página estava uma foto da parte frontal do hotel e no canto da foto, uma miniatura mostrando a ilha como um todo. Leu a manchete com atenção:

MORTES

INEXPLICÁVEIS LEVAM HOTEL EM ILHA À FALÊNCIA

O excêntrico hotel Gênesis, construído na Ilha do Farol dos Anjos, a ilha particular tão polêmica na cidade, fecha as portas esta semana. Depois de quase trinta anos funcionando, o hotel foi levado à falência pela mesma razão que atraiu tantos turistas: Seus mistérios. Além da tranquilidade e do sossego de se hospedar em uma ilha, o que atraía mesmo seus hóspedes internacionalmente eram as lendas que a rodeavam. Segundo alguns entrevistados que

estiveram na ilha, o hotel é assombrado e tem uma maldição que data desde sua primeira compra. Fenômenos *poltergeist* (espíritos barulhentos), aparições e visões de demônios são alguns dos apavorantes fatos relatados. Durante anos, inúmeras pessoas quiseram constatar se os boatos eram reais, o que ganhou força quando mortes misteriosas passaram a ocorrer na ilha. Segundo registros, houve vinte mortes na história do hotel, envolvendo acidentes, assassinatos e suicídios.

O dono do hotel, o magnata Robson Boaventura nega

qualquer envolvimento nas mortes. Segundo ele as lendas provêm da imaginação dos visitantes da ilha, mas quantos às mortes, diz não ter nada a declarar. O magnata, porém, foi um dos principais culpados da repercussão da lenda com seu livro O Demônio da Ilha do Farol dos Anjos (havia uma foto da capa do livro no jornal), que conta a origem de todo o mal da ilha. Segundo o livro, o americano Arnold Bridges, que comprou a ilha e nela construiu sua casa, que hoje é o hotel, tinha dificuldades de engravidar e apelou para a magia negra para

ter um filho com sua esposa, a brasileira Eva Sampaio. O casal entrou em contato com uma seita religiosa que lhes prometeu fazer com que Eva engravidasse, se cumprisse um ritual, enterrando na ilha sete bebês natimortos (crianças que já nascem mortas), cujos pais houvessem dado de livre e espontânea vontade. O casal teria conseguido esses natimortos enganando outros pais propondo-lhes a troca de um bebê vivo por seu natimorto. Cumprido o ritual, Eva teria engravidado, porém deu à luz um demônio na ilha. Eva teria se suicidado seu marido, em seguida, tirou a

própria vida também. Desde então este demônio estaria na ilha, segundo o autor, chama-se Belial, demônio citado na bíblia.

Não há nenhum registro que comprove a lenda presente no livro e o autor não revelou suas fontes. Para todos os efeitos, tudo não passa de golpe de marketing, o que funcionou a princípio, mas agora tem efeito extremamente negativo. O fato é que o Advogado Marcelo Fernandes, filho do empresário José Leal Fernandes, que vendeu a ilha para Robson Boaventura, disse que seu pai teria comprado a casa da mulher do americano, que a

vendera para sanar algumas dívidas. Como José Leal morreu antes que seu filho vendesse a ilha para Robson.

Seja verdade ou apenas lenda, ninguém se atreve a passar uma noite sequer na ilha, que provavelmente será vendida em breve.

Marina leu tudo em um fôlego só. Todas aquelas informações bombardeavam sua cabeça com teorias e deixavam-na terrivelmente confusa. Onde ela e sua filha entram na história?

E se...

Ela fora enviada até ali só para descobrir que sua filha fora

uma das vítimas daquela ilha? Ou... Os pais adotivos dela lhe enviaram a foto com as chaves para que descobrisse por si só que sua filha morrera? Não... Eles poderiam muito bem ter mandado tudo por escrito. Então a intenção deles foi de que ela morresse na ilha, assim como sua filha. Mas por que fazer isso? Raiva dela? Se conseguisse se lembrar de algo...

Estava sendo pessimista, pensou. Nem todos os hóspedes morreram.

Mas os hóspedes deixaram o hotel apavorados, isso explica os bens materiais da

maioria deles estarem ainda ali: tinham medo de levar a maldição com eles caso

A cabeça de Marina doía. Muita informação, muita coisa para pensar, muitos problemas... Por que não acaba logo com tudo?, se perguntou. Não... Queria as respostas. Não descansaria em paz enquanto não as encontrasse. Algo lhe dizia que estavam lhe mandando uma mensagem do além com aquelas palavras desconexas: Lama, horda, mini, bela... O que tinham a ver umas com as outras? E o velho do farol... Ele dissera algo várias vezes. Tentava se lembrar da

palavra... Era parecida com amargo... Isso! Amargana! Lembrou.

Continuou procurando por algo nas estantes e gavetas. A maioria dos papéis não tinha nenhuma importância para ela. Havia alguns armários com datas coladas em cada gaveta. Abriu uma. Eram registros de hóspedes. Guardavam tudo ali. Folheou os papéis e retirou um deles da gaveta. Na folha amarelada estava o nome do hóspede, a data em que se hospedou e a data em que deixou o hotel, quantas vezes se hospedou e embaixo, havia um espaço de algumas linhas para

observações. O hóspede em questão não tinha nenhuma observação. Retirou outra folha e nela havia uma: Teve visões de pessoas mortas.

Marina automaticamente retirou outra, indo direto à observação: Foi ferida por um *poltergeist*. Retirou outras folhas, eufórica e viu outras observações escritas. A maioria referente a aparições e pesadelos, outras mais sérias, com ferimentos e até mortes. Por que escreviam aquilo? Era uma espécie de controle das pessoas que tiveram ou não algum contato com o sobrenatural? Para que serviria

aquilo? Qual o objetivo?

Teve uma ideia. As fichas estavam em ordem alfabética. Procurou Monic Campbell. Encontrou.

Havia se hospedado há vinte anos e segundo a observação, fez um escândalo ao encontrar em seu quarto uma carta que havia enviado no Rio de Janeiro para seu marido; desaparecera na ilha.

A carta... Se pelo menos soubesse o que estava escrito...

Lama, horda, bela, mini... Amargana...

Deu outra volta pela sala, procurando qualquer outra coisa

que fizesse sentido, que juntasse as peças do quebra-cabeça. Encontrou em um armário uma pilha de livros. Soprou a poeira da capa de um deles: O Demônio da Ilha do Farol dos Anjos, de Robson Boaventura. Marina leu o prefácio, que falava de maneira breve dos mistérios que cercavam a ilha. Não teria tempo para ler todo o livro, mas pelos nomes dos capítulos, acelerou sua busca. No índice do livro, encontrou os tópicos que lhe interessavam; foi direto em um deles: O Ritual. O capítulo falava do ritual satânico de conjuramento de uma alma feito por Arnold e sua esposa

Eva. Segundo o ritual, sete mães cujos filhos morreram antes de nascer deveriam ceder seus filhos natimortos por livre e espontânea vontade ao casal para que ele os enterrasse em solo livre de qualquer morte. Na ilha até então ninguém havia morrido, então, depois de enterrar o sétimo natimorto, o casal encerrou o ritual e Eva engravidou. Para que a criança nascesse, a mãe não poderia sair da ilha até o nascimento. O que nem Eva nem Arnold imaginavam era que o bebê que carregara nove meses era um demônio, Belial, patrono da seita religiosa que enganou o

casal. Ambos se suicidaram e o bebê foi abandonado. Belial era um demônio hábil, capaz de tomar diferentes formas, manipular seus escravos e fundir o mundo dos vivos com o dos mortos. A seita teria como objetivo fazer nascer Belial em sua forma plena.

Marina não entendia com que objetivo Robson teria escrito tudo aquilo levando a público. Por mais que atraísse os mais céticos, aquilo era repulsivo. Não era o tipo de propaganda que exaltasse um lugar, embora o jornal dissesse que era exatamente esse o motivo de tantas pessoas se hospedarem ali.

O problema era que as peças não se encaixavam...

Abriu o livro em outro capítulo: Aniram. Aquele nome estranho chamou-lhe a atenção. Era um capítulo curto, de um só parágrafo, que dizia apenas:

"Sete vidas que nunca vieram ao mundo; sete vidas que querem deixar o mundo. Cinco se tornam quatro. Basta um espelho sobre a dúvida."

O que era aquilo? Um enigma? Um provérbio? Uma mensagem? Não combinava com o resto do livro que era narrativo, de linguagem clara. Olhou os capítulos seguintes, procurando

uma explicação para aquelas palavras. Não encontrou nada. Um outro capítulo chamou sua atenção: A Besta. Dizia que a seita religiosa que pregava encarnação de Belial em nosso mundo desejava a imortalidade como recompensa. São bruxos e bruxas que há séculos buscavam uma forma de encarnar o demônio, mas todas as tentativas haviam fracassado. O máximo que conseguiam era conjurar sua forma irracional, uma besta feroz e vulnerável, dispondo de apenas alguns dos poderes originais. Durante séculos, a besta foi chamada de vários nomes, dentre

eles, lobisomem, pelo fato de ela tomar um misto de forma humana com a de lobo; e vampiro, por poder tomar qualquer forma animal, inclusive morcego. Sem um ritual perfeito, Belial nunca alcançaria seu objetivo final, desconhecido pela própria seita.

Então a besta lá fora não era Hernani e seus amigos. Eram tão vítimas quanto ela! O pior era que agora não confiavam mais nela.

Marina olhou rapidamente para outro capítulo, intitulado Escravos: Dizia que para que Belial pudesse transformar um filho de Deus em seu escravo,

este deveria saber de sua existência e pedir a ele com suas próprias palavras para entregar-se a ele. Regras do livre arbítrio humano.

Chega! Ela pensou, afastando-se do livro e tentando colocar as ideias em ordem. Estava próxima da verdade, mas não conseguia encaixar as peças! Era muita informação e pouco nexo. Nada se encaixava de forma lógica. Não poderia estar mais confusa!

Um barulho atrás dela a sobressaltou. Virou-se vagarosamente, iluminando o local. Deu alguns passos, parando

em frente a um grande quadro no chão, encostado na parede. Havia muita poeira no quadro, mas alguns contornos no meio dele fizeram o coração de Marina acelerar. Escrito a dedo na poeira do quadro, estava a palavra LEVE. Levar? Levar o quadro? Agachou- se, intrigada e soprou a poeira, tossindo muito antes que ela se dissipasse e pudesse ver a imagem do quadro.

Era um casal abraçado, ao lado de um casal de cachorros. No canto, havia uma legenda: "Arnold e Eva no paraíso."

Focou a lanterna no casal, no casal de cães. Ambos da raça

Husky Siberiano. Um cinzento, outro vermelho-cobre, este com olhos de cores diferentes.

Os cães que vira na ilha!

Saiu da sala e entrou no corredor nervosa. Estava perdendo a sanidade, vendo fantasmas de cães e demônios em forma de bestas. Andou até o elevador e apertou o botão para chamá-lo.

Uma luzinha acendeu. O elevador ainda estava funcionando. A porta abriu-se e Marina entrou, apertando o botão com o nome térreo. Alguns segundos depois e a porta se abriu. Estava no corredor da

enfermaria. Tinha que investigar mais aquela sala. Algo lhe dizia que ali encontraria as respostas que precisava. Ouviu um barulho sobre o teto; estava chovendo.

Um grito.

Vinha de fora. Reconheceu a voz; era de Jota!

Passou direto pela enfermaria, abriu a porta dupla no final.

Havia anoitecido. Chovia forte. Pôde ver dois vultos bem baixos: dois cães. Eram os cães que havia visto antes. Estavam cercando Jota, latindo para ele, na beira da piscina. Trovejava. O céu clareava como se fosse dia

toda vez que um relâmpago aparecia.

— Socorro! A voz de Jota transbordava desespero.

Marina correu naquela direção empunhando sua arma. Estava disposta a disparar a única bala. Jota olhou para ela surpreso, ao mesmo tempo em que os cães se afastavam alguns passos, parando de latir.

Foi quando aquela cena aterrorizante aconteceu.

Os cães andavam um na direção do outro e pararam a um palmo de distância de seus focinhos. Seus pelos começaram a cair com a chuva em grande

quantidade. O vermelho-cobre arreganhou a boca, mordendo o pescoço do outro, porém, sua cabeça fundiu-se com a mordida e seus corpos começaram a unirem-se em um só, num formato grotesco e disforme; não dava mais para distinguir onde estava a cabeça de qualquer um dos dois, até que um focinho medonho emergiu daquela massa de carne e uma cabeça enorme, seguida por uma espinha, uma calda e patas horrendas tomou forma. Os dois cães haviam se fundido em uma criatura demoníaca, quase do tamanho de um homem, mas de quatro patas. Não havia nenhuma

criatura como aquela na terra.

A besta rugiu. E uivou.

Além das presas grandes, no pescoço abriam-se duas mandíbulas para os lados, cheias de dentes, como uma segunda boca.

Marina e Jota não conseguiam sair do lugar. Presenciaram aquela metamorfose perturbadora que durara apenas alguns segundos. A besta olhou para eles, com um dos olhos vermelhos como sangue e o outro azul claro com a pequena pupila no meio.

— Corra! Corra! Marina pegou no braço de Jota, dando um

tiro na fera, fazendo-a recuar um passo.

Os dois não olharam para trás. Apenas correram até a porta dupla e entraram por ela, fechando-a atrás de si.

— Será que ela morreu? A voz de Jota saía com dificuldade devido ao ritmo acelerado de sua respiração.

— Com esse tiro? Duvido muito, mas não vai entrar aqui.

— Como arranjou essa arma?

Marina não podia dizer a verdade.

— Os bandidos estão mortos e Hernani pensa que sou

comparsa deles. Pensa que eu matei você.

— Isso é insano! Onde está ele?

Marina o olhou por um instante intrigada.

— Como fugiu do bandido?

— Aquele demônio lá fora apareceu e devorou o bandido enquanto eu corri. Fui até o cais principal, mas os barcos não estavam lá!

— O que fazia na beira da piscina?

— Estava tentando encontrar a Safira. Tinha esperança de que estivesse viva...

Foi quando os cães apareceram.

Não havia mais razão para desconfiar que Jota era um lobisomem. Sentiu-se ridícula por achar isso. Só tinha algo mais a pedi-lo. Colocou a mão no bolso molhado; estava completamente encharcada, mas a carta em seu bolso não molhara totalmente. Conseguiu desdobrá-la.

— Por favor, Jota, traduza para mim! É muito importante!

Ele pegou a carta após um segundo de hesitação. Não era hora para aquilo, mas já que ela insistia tanto, deveria ser mesmo importante. Pegou a lanterna das mãos de Marina e iluminou a

carta.

— Foi endereçada a um tal de Edward Campbell. A remetente é Monic Campbell, a carta foi escrita por ela no Rio de Janeiro, com destino a Ohio.

— O que diz aí?

Querido Edward, ainda estou à procura de nossa filha aqui no Brasil. Sofremos bastante com o desaparecimento dela, mas acho que tenho uma pista importante agora. Primeiro preciso contar-lhe algo. Estou envergonhada por isso, e mesmo depois de você ter pedido o divórcio por causa da minha

obsessão em encontrar nossa menina, quero que saiba de tudo.

Assim que engravidei pela primeira vez e a criança nasceu morta, recebi a visita de um homem elegante, aparentemente muito rico, que me garantiu que poderia fazer com que eu engravidasse de uma criança saudável em poucos meses, mas para isso eu precisava dar a ele meu bebê natimorto. Sem o seu consentimento, dei a ele o feto, já havia morrido antes de sua alma vir ao mundo. Não era uma vida ainda...

Lembra como ficamos felizes quando nasceu nossa filha? Lembra a nossa alegria? Tinha plena certeza de que o homem de certa forma havia cumprido sua promessa. Quando voltamos a Ohio, nossa criança cresceu saudável e bonita, naquele dia ela fugiu para o Brasil, por alguma razão. Você disse que era por causa da minha super proteção que ela havia ido embora, mas eu sei que não. Continuo em busca dela mesmo depois de você ter desistido e me abandonado nessa procura...

Descobri há pouco tempo um livro que fala de uma ilha aqui no Brasil. Por coincidência ele fala de um casal que não podia engravidar e que pediu ajuda a uma seita satânica. Eles precisavam de sete bebês natimortos enterrados na ilha para poderem engravidar, sendo que este natimorto deveria ser dado de livre e espontânea vontade pela mãe. Amor, tenho certeza de isso tem a ver com nossa filha. Eu não podia mais engravidar e engravidei e o livro fala exatamente de magia negra. Tenho que ir até essa ilha e

tenho certeza de que encontrarei uma pista de nossa filha lá. Desculpe por ter mentido. Estou no Rio e viajo para a cidade próxima à ilha ainda essa semana. Te amo. Monic.

Devolveu a carta a Marina. — Não entendo o que esta carta tem de especial, Marina. Satisfeita agora?

Jota iluminou o rosto de Marina. Seus cabelos molhados escorriam pelo seu rosto, assim como lágrimas de seus olhos.

— Por que está chorando?

— Minha filha... Deve

estar morta assim como a filha dela... Se eu conseguisse lembrar de algo...

— Eu também acabei de perder minha namorada. Temos de ser fortes, Marina, ajudar um ao outro. Vamos encontrar com o Hernani e a Lívia.

— Não... Preciso ver uma coisa aqui primeiro. Você vai atrás deles...

— Vai ficar bem?

— Vou sim...

— Então se cuida. Fica com a arma, tá? Entregou-lhe a lanterna.

— Como você vai no escuro?

— Eu me viro.

Ela apenas assentiu, com um sorriso triste. Jota continuou pelo corredor, gritando os nomes de Hernani e Lívia.

Marina entrou na enfermaria.

Foi direto aos armários de ferro. Abriu uma das gavetas, que demorou ceder por estar emperrada. Nela estava escrito: Óbitos. Retirou uma pilha de papéis, mas deixou todos caírem pelo susto que levou ao olhar para a esquerda.

A maca com o lençol sujo de sangue, que antes estava vazia, agora tinha contornos de um

corpo... Havia alguém sob o lençol!

Seu coração batia forte enquanto se aproximava da maca. O corpo não estava ali antes. De quem era, então? Suas pernas estavam bambas. Seu coração acelerou ainda mais. A luz da lanterna tiritava como sua mão.

Levou a outra mão trêmula até o lençol.

Os pelos de sua nuca se arrepiaram totalmente.

Puxou o lençol.

Deu dois passos para trás e caiu sentada. Se não tivesse colocado a mão na boca, teria gritado. Muito.

Era o corpo de Lívia que estava sobre a maca, com um enorme buraco na cabeça, entre seus cabelos loiros. A lanterna caíra no chão e iluminava os papéis que deixara cair. Uma fotografia três por quatro no canto direito superior de uma folha chamou sua atenção mais do que o corpo da loira sobre a maca.

Era a foto de Lívia. O nome na ficha a deixou mais perplexa do que estava: Lívia Campbell. Outras cinco fichas estavam espalhadas perto daquela, todas as imagens conhecidas. Hernani, Jota, Safira e os dois bandidos, Marlon

Cavalcanti e Pablo Henrique. Havia algo em comum em todas as fichas.

O registro de suas autópsias:

Suicidas.

Cada um dos seis havia se suicidado em épocas diferentes, nunca se encontraram em vida.

Não pode ser real! Não pode ser real!

Marina pegou a lanterna e iluminou a maca velozmente.

O corpo de Lívia estava sentado, de costas para ela. Lívia moveu-se com dificuldade, como se houvesse perdido o total controle dos movimentos. Seus

olhos estavam apagados, sem cor. Sangue escorria de sua boca, molhando o queixo e o pescoço. Marina pôde ver a pele de Lívia apodrecendo diante de seus olhos. Uma morta-viva. Desceu da maca desengonçada, tentando se equilibrar. Seu rosto não tinha nenhuma expressão.

Marina estava apavorada. O tempo todo ela era a única viva naquela ilha. Nunca houve casais nem bandidos; eram todos marionetes de Belial, marionetes daquele demônio. Suicidas escravos. Sentiu o pânico crescer.

O cadáver vinha em sua direção. Para alcançar a porta,

Marina precisaria passar por ela. Puxou uma estante grande com toda sua força, fazendo-a cair sobre a morta-viva. Correu até a porta, dobrou o corredor em direção à porta dupla.

O rugido bestial lá fora a fez parar. O demônio estava guardando a porta, como sentinela. Ela estava presa. Deu meia-volta no corredor. Ao passar em frente ao corredor dos quartos do primeiro andar, estacou.

Todas as portas dos quartos abriram-se uma a uma com violência, do fim do corredor até o início.

Ouviu gritos. Vários gritos de todas as direções. Eram gritos de lamento, de dor.

Uma mão gelada tocou seu ombro.

Virou-se instantaneamente, vendo o corpo putrefato de Safira tentando se equilibrar em pé. Afastou- se dela de costas, sem forças para correr. Atrás de Safira, das paredes e do teto, manchas negras de sangue coagulado surgiram, propagando-se como ferrugem por todo lugar, como se tudo tivesse sido pintado com morte.

Marina tomou forças para correr, vendo o ambiente ter

aquela sinistra transformação. Foi até a porta do lobby. Abriu-a.

Recuou, chocada, levando as mãos à boca.

Até ali, não vira nada tão assustador e bizarro.

Das paredes e do teto do lobby uma horrenda massa de carne humana constituída por partes de corpos como braços sobrepostos, cabeças e pernas muitas vezes coladas umas nas outras se movimentava e emitiam grunhidos e gritos de agonia. Era como uma gigantesca anomalia genética feita por várias pessoas surgindo sobrenaturalmente.

Algo caiu do teto.

Era um pedaço de massa de carne feita de vários braços e quatro cabeças unidas em uma só.

Marina fechou a porta e vomitou. Nunca vira nada tão horrendo em toda a sua vida. Deu outro grito ao ver sobre o que estava vomitando.

O corpo do "bandido" que a chamara de monstro algum tempo atrás. Estava disforme, podre, morto. Levantou-se arreganhando o maxilar ameaçando mordê-la.

Marina correu escada acima. Não havia para onde correr, onde se esconder... Aquele lugar era uma armadilha

gigante. A ilha era uma armadilha em que ela caíra.

Ernani a esperava com sua versão morta no segundo andar. Assim que a viu, andou em sua direção em passos lentos, emitindo sons guturais. Por que só agora eles tomaram aquela forma? Qual era o objetivo daquilo? Por que a trouxeram até a ilha e a deixaram ter acesso a todas aquelas informações? Marina correu na direção contrária de Ernani. Esbarrou em alguém e caiu.

Era Jota. Morto como os outros e tão vivo como eles. A pele branca arroxeada com

aquelas veias às mostra era assustadora. Marina o empurrou, derrubando-o, e continuou a correr à deriva. Tudo estava manchado de sangue enegrecido. Pensou em desistir. Um tiro daria um jeito naquilo rapidamente, mas gastara a única bala. Qualquer outra coisa demoraria e doeria muito mais.

De repente teve um *insight*.

As coisas pareciam fazer sentido. Parou de correr lembrando-se do que lera no capítulo "Aniram" do livro:

Sete vidas que nunca vieram ao mundo; sete vidas que

querem deixar o mundo.

Sete natimortos foram enterrados ali. Seis pessoas se suicidaram.

Ela seria a sétima.

— Então é isso que você quer? Que eu me mate, desgraçado? Não vou me matar! Não vai ter o que quer!

Olhou para os cadáveres de Hernani e Jota vindo em sua direção lentamente.

— Vão para o inferno todos vocês!

Uma porta abriu-se atrás dela fazendo-a virar.

Era o quarto 210, onde encontrara a carta. O quarto de

Monic. Por instinto, correu até lá.

Assim que entrou, as luzes se acenderam. Todas as lâmpadas ali de dentro, todas ligaram. O interior ainda não havia sido contaminado pelo sangue nas paredes. Trancou a porta atrás de si. Como as luzes haviam se acendido? Não importava para ela. Olhou sobre o criado-mudo a caixa de metal que vira antes.

Lembrou-se subitamente das palavras aleatórias que vira na ilha. Lama, horda, mini, bela... E havia uma quinta, a escrita na poeira no quadro: Leve. Cinco palavras. Seria uma mensagem para ela? As almas naquela ilha

deviam ser atormentadas por Belial e poderiam estar tentando avisá-la.

O espelho da cômoda rachou e ela ouviu o mesmo barulho vindo do banheiro. Espelhos rachando. Outro sinal... Aproximou-se do espelho que acabara de rachar; viu seu rosto distorcido pelas rachaduras do vidro.

Basta um espelho sobre a dúvida.

Espelho... Contrário. A palavra Aniram, capítulo do livro, ao contrário fica Marina! Aquelas palavras eram para ela. E... Amargana... Ao contrário é

Anagrama! Anagrama!

Cinco se tornam quatro.

Lama, horda, mini, bela e leve, as cinco palavras eram um anagrama de quatro outras palavras!

Vasculhou as gavetas procurando alguma caneta. Quando encontrou uma, escreveu numa parte não escrita da carta as cinco palavras. Estava nervosa demais para fazer puzzles, mas eles dariam a ela a resposta que procurava. Foi pegando letras aleatórias as cinco palavras tentando escrever novas. Escreveu "Livre", "Medo", "Banal" rearranjando as letras

das cinco palavras, mas além de não fazerem sentido, faltavam as letras A, M, A, H, L, I e E. Com elas, conseguiria ainda a palavra "Mal", mas restariam outras letras.

Recomeçou, trocando "livre" por "livra", criou "medonha", "ame" e "Belial". Quatro palavras perfeitas, mas o que significavam?

Medonha ame Belial livra?

Não...

Trocou o "a" de livra com o "e" de ame.

— Medonha livre Belial ama... Ou: Medonha ama Belial

livre. Sussurrou.

O que diabos era medonha?

Tinha quase certeza de que aquelas eram as palavras... Mas poderia haver outros arranjos?

Tinha certeza da palavra "Belial". Tentou rearranjar as outras. Conseguiu as palavras "alma" e "amor", mas com as outras o máximo que conseguiu foi "vinde" e sobravam as letras E e H.

Mais uma tentativa. Manteve "Belial" e "alma" e criou "minha". O que poderia tirar das letras V, R, D, O, E e E?

Pensou um pouco.

"Devore"

— Belial devore minha alma? Assim que pronunciou aquelas palavras Marina arrependeu-se. Era outra armadilha. Ela acabara de pedir a Belial que devorasse sua alma. Caíra num maldito truque!

As paredes começaram a tomar a coloração de sangue coagulado. Sangue fresco escorria da porta do banheiro. As luzes apagaram-se.

A caixa de metal destrancou-se sozinha.

Apesar de confusa, assustada e revoltada ao mesmo

tempo, Marina conseguiu forças para tentar olhar com a lanterna o que havia dentro da caixa. Seu corpo cambaleava, seu estômago doía; sentia um gosto amargo na garganta.

Abriu a tampa do cubo de metal.

A princípio, Marina não acreditou na imagem que viu lá dentro, mas em seguida, tudo passou a fazer sentido. Tudo.

No fundo do cubo havia um espelho. Mas ela não via seu reflexo; via o reflexo daquela que achou ser sua filha. Aqueles olhos cor-de-mel e aquelas feições eram mesmo familiares, mas não

eram de nenhuma filha sua. Era sua imagem, de vários anos atrás. A foto que recebera tinha sua imagem com seus pais verdadeiros na ilha quando tinha aproximadamente oito anos. Era um espelho mágico ali no fundo, mostrando-lhe a verdade, fazendo-a recuperar suas lembranças. Basta um espelho sobre a dúvida...

Lembrou-se de repente de tudo. De tudo mesmo.

Lembrou-se de quando estava com seus pais na ilha. Eles a levaram lá para passear, disseram a ela que era o paraíso.

Tinha dez anos quando

acordou no meio da madrugada ouvindo o choro da mãe e o consolo do pai. Andara até a porta do quarto deles para ouvir o que falavam. Marina lembrou-se nitidamente de cada palavra.

— Demos nossa filha morta por essa... Mas você sabe que ela não é coisa de Deus...

— Calma, amor. Ela é sim coisa de Deus. Você engravidou, isso é um milagre!

— Eu sei que não, querido. Levamos ela até a ilha uma vez atrás de respostas e nada aconteceu. Você sabe que ela é estranha. Ela não tem alma.

A pequena Marina ficara

arrasada. Ela tinha alma sim. Do que estavam falando?

— Já faz dez anos, amor. Dez anos e não consigo amar essa menina. Ela é linda, educada, mas tem algo nela que me incomoda! É como se fosse uma estranha. Me diz a verdade! Você consegue amá-la?

Ele hesitou e respondeu, de cabeça baixa:

— Não, eu não a amo.

— Vamos dar ela a um orfanato! Vamos nos livrar dela! Por favor!

Ele novamente hesitou e respondeu:

— Vou pensar no caso.

Quer um copo d'água?

— Quero.

Ele saiu para a cozinha.

Demorou. Demorou...

— Querido! Querido!

Ele não respondeu. Ela levantou-se, andou até a cozinha chamando pelo marido.

Deu um grito ao ver o marido ensanguentado caído encostado na geladeira, com um corte profundo no pescoço.

Sentiu uma forte dor nas costas. Algo sendo enterrado lá. Cai no chão e olhou para trás.

Marina estava parada com seu vestido branco com que sempre dormia ensopado de

sangue. Segurava uma tesoura também ensanguentada.

— O que está fazendo? Pare, seu demônio!

Marina se aproximou enterrando-lhe várias vezes a tesoura.

Por isso fora parar no orfanato. Esconderam-lhe a verdade e ela não conseguiu se lembrar de nada antes daquilo. Quando fora adotada pelo casal que quisera chamar de Luíza, a filha que haviam perdido e passaram a espancar-lhe por não agir como ela, ela tocou fogo na casa antes de fugir. Mais esse fato foi apagado de sua mente.

Quando Álvaro a abandonou por não querer assumir a criança que estava grávida, ela fugiu. Sem ter para onde ir nem como se sustentar, sabia que seu filho morreria em sua barriga. Conheceu um homem nas ruas que prometeu-lhe abrigo, comida e algum dinheiro. Claro que não foi de graça, ela teria que se prostituir. Ele era um cafetão e tinha alguns clientes tarados por mulheres grávidas. Marinha transou com um desconhecido, depois com outro, depois com outro enquanto sua barriga crescia. Teve vergonha da criança. Seria literalmente um

filho da puta. Não queria colocar alguém assim no mundo. Quando ele nasceu, ela estava sozinha num beco. A criança não parava de chorar.

Sufocou ela até a morte.

Foi para o hospital e quando acordou não lembrava o que acontecera com o filho. A culpa apagara seus maiores pecados. Estava pagando por eles naquela ilha. Assim como Monic, sua mãe dera um bebê morto por ela, mas como ela dissera, não era coisa de Deus. Era um monstro, nada mais que isso. Aquele hotel era e sempre seria seu lar. Ela sabia de quem fazia

parte.

— Você venceu, seu filho da puta. Ela retirou a lâmina da bolsa e cortou o pulso esquerdo, com o rosto cheio de lágrimas. Abriu o vidrinho de cianeto e bebeu todo o conteúdo. Começou a arder por dentro. Cortou o outro pulso. — Caí na sua armadilha... Pedi pra me levar... pra devorar minha alma... Vá em frente... Se é... que... tenho... uma...

Marina deitou-se na cama e não mudou de posição.

Estava morta oficialmente, pois já se sentia morta há muito tempo.

Lá fora trovejava, chovia

forte. E a besta gigante tomava lentamente uma forma humana...

As luzes do farol giravam trezentos e sessenta graus, chamando guiando todos aqueles barcos até a polêmica Ilha do Farol dos Anjos. Era a grande reinauguração do hotel Gênesis.

Hélio sempre fora intrigado com a história daquele lugar, com as lendas e com as mortes que lá ocorreram. Não perderia aquela reinauguração por nada. O milionário que a comprara, um tal de Bento, nunca ouviram falar dele. Hélio estudara com o filho de Robson Boaventura ex-dono do Gênesis,

Ronaldo. Ronaldo lhe dissera que seu pai enlouquecera antes de morrer, falando que ele e os outros da seita foram enganados. Sua morte fora misteriosa. Hélio havia lido o livro de Robson, O Demônio da Ilha do Farol dos Anjos, e tinha algumas teorias sobre o que poderia ter ocorrido ali. Tinha certeza de que Bento era o demônio Belial citado. Pegando as duas primeiras letras de seu nome, Bento Lima Albuquerque, forma-se a palavra Belial. Como jornalista, Hélio nunca conseguira nenhum destaque, mas se escrevesse aquele artigo com suas teorias...

A ilha era linda, assim como o hotel depois da reforma. Ficara divino! As pessoas pareciam ter esquecido as coisas horrendas que aconteceram ali. No enorme salão de festas estava havendo uma cerimônia de reinauguração, com a apresentação de algumas bandas.

Hélio estava mais interessado em conversar com Bento; tentar tirar alguma informação interessante dele. Para sua sorte, ele estava no lobby cumprimentando os novos hóspedes.

— Senhor Bento!

— Pois não, meu jovem!

Bento era alto, por volta de quarenta anos. Muito atraente, como diziam as mulheres que o conheciam. E educado. Muito polido com todos. Estava de óculos escuros como sempre. Ninguém jamais o vira sem eles; talvez tivesse a visão sensível ou fosse vesgo.

— Podemos conversar por um instante, por favor? Sou repórter do jornal Nação.

— Claro que sim. Já concedi algumas entrevistas, mas não custaria nada mais uma. Acompanhe-me.

Hélio seguiu atrás do homem, vibrando por dentro por

ser tão sortudo.

Lá fora, topou com dois jovens.

— Estes são minhas filhas. Apresentou a Hélio. — Esta é Safira, e esta, Marina.

Hélio cumprimentou as duas, e continuou a seguir Bento. Pararam numa área mais distante das pessoas.

Hélio pegou um bloco de notas e uma caneta.

— Então, Sr. Bento, por que resolveu comprar a ilha?

Um rapaz negro aproximou-se com roupa de garçom antes que Bento respondesse.

— Está na hora.

— Obrigado, Hernani.

O garçom afastou-se e Bento sorriu estranhamente para Hélio.

— Ainda não consigo sair da ilha. Mas aqui tenho plenos poderes.

Hélio estremeceu.

— Do que está falando?

Bento riu, com os dentes perfeitos.

— Sei por que está aqui. Sei que desconfia de mim, e sei que você molestou sua irmã quando tinha dezessete anos.

Hélio entrou em pânico.

— Você... é um demônio?

Você é Belial?

Bento o ignorou.

— Ninguém vai sair desta ilha. Ninguém sai. Preciso me alimentar, ficar mais forte para poder ficar livre.

Hélio mal conseguia falar. Mal conseguia se mover.

— Vai... comer a gente?

— Não. Ele abriu um sorriso sombrio. — Alimento-me de medo. Eles se alimentam de carne. Abriu os braços para as árvores e estalou os dedos.

Todas as luzes se apagaram. Ouviu-se gritos de surpresa.

Hélio viu aterrorizado

dezenas de estranhas criaturas de quatro patas saindo da escuridão das árvores, com os olhos brilhando como gatos, só que num tom avermelhado e correndo em direção ao hotel. Olhando para cima, viu que algumas das criaturas eram aladas. Bestas.

Novos gritos. Desta vez de pânico.

Bento suspirou fundo fazendo uma expressão clara de satisfação. Sentia prazer. Hélio não se movia. Não podia; estava paralisado.

— Bem vindo ao meu mundo! Bento retirou os óculos, revelando um olho azul claro e

outro vermelho sangue.

O grito de Hélio misturou-se com as dezenas de gritos da ilha.

ARLEQUIM

Samuel desceu do carro olhando o letreiro em neon da boate, vendo aquela figura feminina abrindo e fechando as pernas repetidas vezes de acordo com a transição de luzes. Ao lado da figura, o nome da boate: Paraíso da Perdição.

— Te prepara, Sam. Disse seu amigo Elias saindo do volante do carro. — Hoje você vai conhecer o paraíso.

Samuel sorriu para ele meio nervoso. Seria a primeira

vez em que entraria em uma boate de strip-tease e na verdade não estava muito à vontade; viera ali por pura insistência de Elias.

O segurança pediu as identidades dos dois antes que comprassem os ingressos. Samuel mal conseguiu encarar o gigante: tinha mais de dois metros e uma cicatriz enorme no rosto. Ainda bem que tinha dezenove anos, pensou. Não queria ver a reação daquele monstro caso ainda fosse menor de idade. Foram carimbados no antebraço, o ingresso, imaginou Samuel. Mal entraram, já foram dominados pelo jogo de luz e pelo som

psicodélico tocado pelo DJ.

— Eu ouvi falar que esse tipo de música mexe com o organismo e funciona como droga, sabia?

— Nem precisava. Elias mexia-se de acordo com o ritmo da música. — Tem tanta droga rolando por aqui que a música é só um aperitivo.

Havia um enorme palco com um ferro no meio, onde uma *striper* dançava e tirava a roupa peça por peça; ela usava uma fantasia rosa de coelha com orelhas pontudas. Vários homens estavam próximos ao palco gritando com cédulas na mão. A

"coelhinha" agachou-se de costas e um dos homens pôs várias notas na calcinha dela, dando-lhe em seguida um beijo na nádega.

— Olha lá a galera. Mostrou Elias dirigindo-se à mesa onde estavam dois rapazes.

Assim que os dois viram Samuel entreolharam-se incrédulos, depois olharam para Elias.

— Você convenceu o virgem a vir pra Paraíso Perdido? Disse o mais alto e gordo dos dois, Alcides.

— Virgem o caralho, Cidão. Samuel defendeu-se se sentando. — Já tive namoradas.

— Namorada. Singular. Corrigiu Agenor, o de cabelo amarrado em rabo-de-cavalo. — Você teve uma experiência com aquela crentezinha da Renata.

— O Agenor tem razão, Sam. Elias concordou acendendo um cigarro. — Você namorou quase um ano com ela sem absolutamente nada de sexo.

— Ela que não queria. Defendeu-se.

— Ela dizia que não queria. Agora você sabe que ela transou com metade da escola.

— Isso é passado. Eu a levava a sério. Ela que não deu valor. Mas eu transei sim com a

Valéria e a Paula.

Elias riu alto.

— Essas vadias não contam, Sam. E além do mais não foi sexo; foi oral! Elas só te chuparam pra você ajudar elas na prova.

— Eu comi as duas sim, porra!

A música mudou. O jogo de luz cessou, resumindo- se a dois holofotes no fundo do palco. Agenor, Alcides e Elias olharam para o palco agora vazio com uma expectativa que Samuel não entendeu. Olhou ao redor: todos pararam de conversar para olhar para os holofotes ao fundo.

— Eu conheço essa trilha sonora. Alcides disse hipnotizado.

— O que é? Quem vai dançar agora?

Elias olhou para ele e sussurrou com os olhos cerrados:

— A razão pra essa boate ser lotada todos os sábados, meu caro. A Arlequim!

Foi quando ela surgiu. Usava botas negras acima dos joelhos, uma roupa que lembrava os bobos da corte da idade média. Sobre sua cabeça estava um chapéu de várias pontas caídas sobre seus cabelos escuros lisos. Seus lábios tinham uma

pintura preta, exageradamente puxada cerca de dois dedos dos cantos dos mesmos, como um sorriso gigante. Do lado esquerdo de seu rosto descia uma grande lágrima preta, como se descesse das sombras que cercavam seus olhos e do lado direito havia uma pintura de estrela vermelha cuja ponta superior alongava-se até acima da sobrancelha. Ela andava de forma graciosa, como se flutuasse sobre o palco. Agarrou-se ao ferro, dando algumas voltas sensuais ao redor do mesmo antes de tirar a parte superior da roupa, ficando de sutiã. Tinha a agilidade incrível de uma artista

circense. Havia algo de diferente nela... Ela era mais sensual... Provocava mais desejo em quem a via... Prendia a atenção de todos...

Samuel não conseguia parar de olhar para seu rosto; era o único que olhava para esta parte de seu corpo. Estava enfeitiçado e ao mesmo tempo intrigado com a beleza dela. Embora tivesse aquele sorriso enorme, Arlequim tinha o olhar triste, sério. Aquele paradoxo facial talvez fosse seu segredo...

Ou talvez fossem suas curvas... Arlequim era a dançarina de seios mais bonitos,

embora não os maiores. Eram redondos e rijos, fartos, mas não exagerados. Parecia natural, sem silicone ou cirurgias. Ao tirar a parte de baixo da roupa, ela levou todos ao delírio. Não usava fio dental como as outras; usava um short de cinco dedos de largura, muito fino, deixando em relevo suas partes íntimas. O short era metade preto, metade branco, e a divisão das cores passava exatamente no meio dos dois pequenos relevos entre suas pernas. Ela agachava-se e se erguia tendo controle minucioso dos movimentos.

Pulou do palco.

Todos a olhavam com admiração, como se reverenciassem a própria Afrodite diante deles. Nenhum deles se atrevia a tentar colocar cédulas em seu short; ela só tocava em quem escolhia.

— Cara, ela está vindo pra cá. Sussurrou Alcides com o coração acelerado.

Arlequim parou diante da mesa deles.

Apontou para Samuel.

Todos os olhares convergiram para ele.

Ela girou a mão e com o dedo ainda estirado, fez um sinal chamando-o.

Samuel estava estático. Por que ele?

— Caralho, ela te escolheu! Anda, vai logo!

— Como assim? Ir pra onde?

— Segue ela, Mané! Anda, antes que ela mude de ideia.

Samuel se levantou timidamente, dando alguns passos em direção a ela. Arlequim segurou sua mão levemente, com sua pele macia como veludo, puxando-o com ela.

Um homem de terno aproximou-se tocando o ombro dela.

— Meu anjo, eu sou homem de verdade, não esse moleque aí. Lançou um olhar hostil para Samuel. — Pago o que você quiser pra passar a noite comigo.

— Não, obrigada. Ela retirou sua mão de seu ombro, fazendo um sinal com o dedo para alguma parte da boate.

— Não sabe o que está perdendo, querida. Falo de muito dinheiro.

O homem de terno surpreendeu-se com as poderosas mãos agarrando-o. Dois seguranças com cara de presidiários puxaram-no para trás

com violência. A regra era clara: ninguém toca a Arlequim. Ele protestou, sendo ignorado pela brutalidade dos dois.

Arlequim continuava com a expressão calma, enigmática, enquanto guiava Samuel para uma porta atrás do palco. Andaram por um corredor sem dizer uma palavra, passando por outras *stripers* seminuas que os olhava em silêncio e entraram em uma outra porta, de um quarto.

— Deita. Ela apontou para a cama de casal.

Samuel estava extremamente embaraçado, constrangido e confuso. Não

sabia exatamente o que fazer. Não tinha dinheiro para um programa, muito menos com uma dançarina como aquela.

— Prefere que eu tire a maquiagem ou que fique assim mesmo?

— Eu... Desculpa, não acho que meu dinheiro seja suficiente...

— Não sou uma prostituta.

Ele enrubesceu mais ainda.

— Eu... não disse isso...

— Quanto tem aí?

— Cinquenta.

— Mil?

— Não, cinquenta reais...

Ela riu.

— Relaxa, eu sei. Não vou te cobrar nada. A boate me paga uma grana preta pra escolher alguém da plateia toda vez que danço... Ela levou a mão à cabeça de repente, desequilibrando-se.

— O que houve?

Ela recompôs-se, forçando um sorriso.

— Nada... Fico tonta de tanto rodar.

— Você não parece bem.

— Eu estou bem, não se preocupe. Agora deita. E então, tiro a maquiagem ou não?

— Tira.

Ela foi até um banheirinho e lavou o rosto na pia durante algum tempo. Quando voltou, com uma toalha enxugando o rosto, Samuel estava em pé.

— Você é linda. Disse com toda sua sinceridade.

— Por que levantou?

— Vista alguma coisa, vou te levar pra comer alguma coisa.

Ela franziu o cenho, incrédula.

— Comer alguma coisa? Está falando sério?

— Estou.

— Vai recusar uma noite comigo?

— Vou passar a noite com você. Conhecendo você melhor. Você não está bem, não vou me sentir bem sabendo que está apenas fazendo seu trabalho, contra a sua vontade.

— Eu te escolhi.

— Por obrigação. Deixa de ser teimosa. Se vista!

Ela o olhou por um instante, então sorriu com ternura.

— Tudo bem, me dá um minuto.

Foi assim que tudo começou. Aquele era o primeiro dia do resto da vida de Samuel. Aquele convite mudaria pra sempre sua existência, mas nunca

poderia imaginar como.

Samuel estacionou o carro de Elias em frente ao restaurante. Elias o emprestara o carro imaginando que ele a levaria para um motel; estava orgulhosíssimo da atitude do amigo. Iria crucificá-lo se soubesse que ele a estava levando para jantar.

Os dois entraram no restaurante; ela o olhando intrigada. Não sabia qual a intenção dele levando-a até ali. Escolheram uma mesa para eles. O garçom aproximou-se e cada um pediu algo. Assim que se afastou, Samuel percebeu que ela o olhava intensamente nos olhos.

— Fico sem graça com esse olhar. Disse sorrindo.

— Estou tentando descobrir de que planeta veio.

— Nossa, sou tão feio assim?

Ela riu.

— Não, seu bobo. Refiro-me às suas atitudes. Eu olho em seus olhos e não vejo maldade, nem segundas intenções. Posso fazer uma pergunta que está me deixando louca?

— Claro.

— Você é gay?

Primeiro ele riu, depois pareceu ofendido.

— Claro que não. Eu

pareço gay?

— Não. Ela sorriu embaraçada. — É que não consigo pensar em nenhum homem que recusasse passar uma noite comigo de graça.

— Já disse que não recusei. Estamos juntos, não estamos?

Ela sorriu mais uma vez ternamente.

— Você dança muito bem. Ele elogiou.

— É meu trabalho. Ela disse olhando para baixo. Seu olhar tornara-se triste.

Samuel notou claramente que aquele era um assunto

desconfortável para ela.

— Por que "Arlequim"?

— É um personagem da *Commedia Ddfarte*, um gênero de teatro que surgiu na Itália no século XVI. Arlequim é na verdade um personagem masculino.

— Interessa-se por teatro?

— Meu sonho era ser atriz ou bailarina. Sabe, usar o corpo para encantar as pessoas. Deu um sorriso triste. — De certa forma eu faço isso hoje.

Mais um assunto desagradável, pensou Samuel. Ele tentaria fazer ao máximo com que ela não ficasse triste ou

constrangida.

— Lá vem a comida.

Enquanto comiam, ela pediu que Samuel contasse um pouco sobre ele. A conversa então ficou descontraída; Ele contava de forma cômica sua biografia resumida enquanto ela ria. Samuel era estudante universitário, morava com o irmão mais velho Daniel, estudante de direito recém-formado. Samuel amava o irmão como se fosse seu próprio pai; admirava sua força e determinação. Era seu ídolo. Daniel nem imaginava que ele estava em um local como aquele.

O ciclo de amigos dele era bem mais careta que o de Samuel.

Falaram de música, de filmes, de teatro. Neste ponto Arlequim mostrava-se expert. Citava nomes de vários teatrólogos famosos, outros que Samuel nunca ouvira falar. Ele se perguntava como uma mulher brilhante como aquela fora parar numa boate como aquela.

— Quantos anos você tem?

Ele foi pego de surpresa com a pergunta. Não sabia se a decepcionaria com a resposta.

— Dezenove.

Ela sorriu.

— Parece bem mais velho.

— Não precisa acabar comigo assim também, né?

Ela riu mais alto.

— Não foi isso que eu quis dizer, bobo. Quis dizer que é maduro, interessante. Meninos da sua idade normalmente não são.

— E você?

— Eu o quê?

— Quantos anos?

— Isso não é nada educado.

— Nunca disse que era educado.

— Vinte e seis.

— Nossa, você parece

bem mais velha. Te daria uns quarenta e poucos. Vingou-se ele.

— Cretino!

Os dois riram alto. Alto demais para o restaurante. Chamaram a atenção de todos.

— É melhor a gente sair daqui. Sugeriu ela enrubescendo, mas ainda rindo.

— Você disse que eu tinha direito a uma noite com você. Podemos ir a outro local?

Ela sorriu. Estava prestes a perguntar para que motel ele estava interessado em ir, quando ele a interrompeu:

— Já tentou a carreira de cantora?

— Hã?

— Cantora. Nunca pensou em ser uma?

— Sou péssima cantora. Por que a pergunta?

— Vem comigo. Vou te levar a um lugar.

Foram a um bar que tinha Karaokê. Arlequim a princípio resistiu, mas acabou cedendo. Passaram o resto da noite cantando. Samuel cantava muito bem pop rock nacional; ela cantou *The Cranberries* com afinação e inglês perfeitos. Samuel surpreendeu-se com a pronúncia dela. Estudava inglês por três anos e reconhecia quando alguém

falava bem.

Eram duas da manhã

Andaram até o carro rindo. Pararam diante da porta.

— Você não existe. Ela disse parando de rir, olhando-o profundamente nos olhos. — Nunca me diverti tanto.

— Foi a melhor noite da minha vida. Tenho certeza de que a aproveitei de melhor forma possível.

Ficaram por um instante em silêncio, se olhando. Ele aproximou-se um pouco mais, inclinou um pouco o pescoço para frente, ficando a poucos centímetros da boca dela.

Arlequim desviou o rosto.

— Desculpe, tenho que ir.

Ele não entendia. O que fizera de errado? Ela estava disposta a transar com ele e recusava-se a dar-lhe um simples beijo?

— Eu levo você.

— Não, eu pego um táxi. Foi uma noite maravilhosa, eu juro a você. Adeus. Virou-se com a intenção de ir embora.

— São duas da manhã. Não vou deixar você ir pra casa sozinha. Passamos a noite juntos e nem sabemos os nomes um do outro.

— Ossos do ofício.

— Sou Samuel. Mas me chame de Sam.

— Sam. Prazer. Sou Ariel.

Ele nunca esqueceria aquele sorriso. Um sorriso triste, carregado de dor. Ela não estava daquele jeito até ele tentar beijá-la. Era como se ela lutasse com todas as forças para evitar algo. Não pôde impedi-la de ir embora sozinha. Ficou parado assistindo Ariel se afastar.

Sua doce Arlequim.

— Espera um pouco aí. Você não fez nada com ela?

Os olhares de Alcides, Elias e Agenor convergiam para

Samuel incrédula e ameaçadoramente. Estavam na praça de alimentação da universidade.

— Ela não estava se sentindo bem, caras. Defendeu-se acuado.

— Puta que pariu, cara! A Arlequim, a deusa do *strip* escolhe você pra uma trepada além da imaginação, um presente dos deuses e você leva ela pra jantar?

— Porra, Sam, tu queria o quê? Pedir ela em namoro?

— Não precisam me crucificar, caras! Ela é uma mulher, não um pedaço de carne!

— Crucificar? Se aquele cara do Jogos Mortais soubesse de uma parada dessas fariam um filme pra você proibido em mais de quarenta países! Agenor era aficionado por filmes e sempre fazia comparações com algum deles.

— Você é gay, porra? Se abre aí pra gente!

— Claro que não sou gay, Elias! Porra, caras, vocês são foda.

— Foda é uma palavra que não existe no seu vocabulário, frutinha.

— Falou e disse, Cidão!

Samuel levantou-se

irritado. Não ia ficar ali ouvindo aquilo. Não devi ter contado a eles, já havia previsto aquela reação infantil. Mas e se estivessem certos? E se ele devesse mesmo ter transado com ela quando teve a chance? Nunca vira uma mulher tão sensual na vida. E sua beleza chegava a ser hipnotizante. O olhar misterioso, o sorriso... Não conseguia tirar Ariel de sua cabeça. Tinha de falar com ela novamente, saber o que causara aquela reação nela. Talvez estivesse com pena dele e baixou o peso na consciência, por isso não quis deixá-lo se envolver. Pela lógica masculina

deveria mesmo ter transado com ela.

Então por que não se arrependia?

Naquele sábado voltou sozinho ao Paraíso da Perdição. Bebeu duas cervejas esperando chamarem a Arlequim. Como ela não aparecia, os frequentadores começaram a gritar o nome dela em coro. Um homem de terno e gravata subiu ao palco com um microfone e pediu silêncio.

— A musa de todas as noites, a Arlequim não pôde vir hoje. Ela está doente, mas em breve virá, não se preocupem. Mas em compensação, hoje, todas

as dançarinas estão disponíveis a uma noite divina pela metade do preço.

Todas as dançarinas eram lindas e caras. Todos pareciam contentes pela compensação. Todos menos Samuel. Doente? O que houvera com ela?

Samuel esperou o homem descer do palco e foi falar com ele.

— Ei! A Ariel, o que houve com ela?

O homem lançou-lhe um olhar hostil.

— Você foi escolhido por ela sábado passado, não foi? O que você fez com ela? Arlequim

nunca faltou nenhuma noite, mesmo doente.

— Não fiz nada com ela. Juro!

— Aquela vadia é nossa fonte de lucro. Os sábados lotam graças a ela. Reze para que ela melhore logo ou você será o responsável pelas consequências.

— Não pode me ameaçar!

— Dê o fora daqui, seu merdinha, ou mandarei os seguranças espancarem você até te aleijarem!

Samuel deixou a boate sentindo um aperto no coração. Queria rever Ariel. Ela tinha nome de anjo; ela era um anjo. O

que houvera com ela?

Chegou ao apartamento em que morava abatido. Ligou a televisão e ficou mudando de canal sem passar mais que alguns segundos em um só. Seu irmão Daniel chegou. Era mais alto que ele, mais bonito até.

— O que há com você, Sam? Parece que alguém morreu.

— Nada. Não aconteceu nada.

— Acha que não conheço meu irmão? Hum... E acha que não conheço esses sintomas? Quem é a garota?

— Não pode ser tão óbvio assim.

— Está escrito em sua testa.

— O que faria se a mulher mais interessante que você já conheceu desaparecesse?

— Esperaria que ela reaparecesse ou iria atrás dela. Só não deixaria que ela me machucasse. Nunca ame uma mulher mais que a si mesmo, mano.

— Amar é uma palavra forte. Eu mal a conheci e... Digamos que ela não é o tipo de mulher por quem se deva se apaixonar.

— Sabe qual é o tipo de mulher certo para nós?

— Não. Disse após pensar por um segundo.

— Aquela por quem nos apaixonamos e que se apaixona por nós. Se o presente te atormenta, transforme em passado; se o passado te atormenta, não deixe que atrapalhe o presente.

Daniel deu um tapinha em suas costas e foi para a cozinha. As palavras dele fizeram com que Samuel pensasse. Daniel parecia ter sempre um conselho útil. Era como se fosse seu pai. Podia confiar sempre nele.

Mas ainda não sabia o que fazer.

Era uma quarta-feira quando Samuel saía de sua última aula já tarde da noite. A universidade começava a esvaziar naquele horário. Ficava praticamente deserta. Estava indo para o ponto de ônibus com um colega, quando parou subitamente.

Não sabia qual era a reação correta a se tomar.

Ali, encostada em uma coluna estava ela, usando uma saia, de braços cruzados, com um sorriso no rosto.

— Ariel!?

Ela veio em sua direção. Samuel não sabia ao certo o que

dizer, o que fazer, então apenas deu-lhe um súbito e apertado abraço.

— Sentiu minha falta? Eu quase não te encontrava.

— Por onde você andou, sua maluca?

O colega de Samuel afastou-se convenientemente, dando um inaudível "falou!".

— Você estava doente?

— Não, não estava.

— Então por que faltou o sábado na boate?

— Não consegui ir. Nem irei mais.

— Por quê?

Ela demorou um pouco a

responder, olhando-o fundo nos olhos:

— Por que de alguma maneira, desde aquela noite, eu só consigo pensar em você!

Aquilo fora um choque para ele.

Mas não tanto quanto o beijo que veio em seguida. Os lábios dela eram suaves, sua língua era divina; a pele dela era tão macia quanto veludo, e seu cheiro era hipnotizante.

Ela o puxou pelo braço na direção contrária à da parada de ônibus, em direção a um corredor de salas de aula. Samuel ficara sem fôlego com o beijo. Apenas a

seguiu. Entraram numa sala mais isolada que as outras, numa área menos iluminada. Não havia ninguém ali.

Ela o beijou novamente com volúpia redobrada.

Afastou-o, retirando com habilidade o sutiã. Sob a blusa de seda, era possível ver os contornos de seus mamilos. Ariel pegou a mão de Samuel e a pôs sobre seu seio, sobre a blusa.

Era a coisa mais macia que sua mão já tocara na vida.

— Gostou? Quer saber que gosto tem?

Ele mal respondeu; estavam na universidade, alguém

poderia aparecer a qualquer momento. Ela levantou a blusa até que os seios ficassem à mostra e guiou a cabeça dele até eles. Samuel os sugou com desejo, extremamente excitado, não só pelo perigo de alguém surgir, mas de estar com Arlequim. Estava transando com um anjo.

Ela abriu o zíper da calça jeans dele e puxou seu pênis para fora. Quando Samuel menos esperava, ela o pôs na boca, provocando-lhe um prazer que ele nem sabia que existia. Não era como quando suas duas colegas fizeram sexo oral nele. Era melhor. Muito melhor.

Ela sentou-se na mesa do professor, abrindo as pernas e puxando o pano leve da saia para cima.

Dava para ver os contornos da vagina dela sob a calcinha branca, que naquele momento estava molhada. Ela apenas puxou a borda com o dedo e ordenou:

— Chupa!

Ele obedeceu. Ela puxava seus cabelos contendo os gemidos de prazer. Puxou-o para cima.

— Agora me fode!

Ele a penetrou com força, excitado como nunca estivera na vida. Ela virou de costas, ficando

de quatro sobre a mesa. Ela subiu numa cadeira e continuou a penetrá-la. Quando ele anunciou que ia gozar, ela o empurrou, ajoelhando-se de boca aberta:

— Goza em minha boca!

Ele ejaculou na boca aberta de Ariel, mal acreditando que aquela cena fosse real. Parecia uma de suas fantasias de masturbação.

Ela engoliu tudo, lambendo os lábios.

— Gostou?

Ele estava trêmulo, sem forças. Só conseguiu murmurar um "uau", enquanto ela punha a calcinha de volta. Foram para a

parada de ônibus sorrindo um para o outro.

— Você está suado.

— Não tanto quanto você.

— Está tão na cara que a gente estava transando?

— Como me achou?

— Lembrei de nossa conversa no restaurante, juntei as peças e acabei aqui. Ontem te procurei, mas não te encontrei. Alguém me disse que estudava à noite nas quartas e segundas.

Samuel estava confuso. Ela faltara a boate por causa dele e ainda fora à sua procura. Nunca se achara tão especial.

— Eu tinha que vir. Não

pude mais lutar. Você me encantou naquela noite. Nunca conheci nenhum homem como você. Nunca. Não perderia você de vista tão facilmente.

Ele ficou em silêncio por um segundo digerindo o que ela dissera.

— Você faltou mesmo o sábado no Paraíso da Perdição por minha causa.

— Foi. Nunca mais pisarei lá. Ou em qualquer outra boate. Deixarei de ser um objeto de desejo. Estava esperando por alguém que me encorpasse. Como você...

— Nossa! Não imaginava

nada disso... Estava sentindo o mesmo. Não parava de pensar em você... Beijou-a. — Mas e o dono da boate? Vai ficar louco com você.

Ela baixou o olhar e deu um sorriso triste.

— Infelizmente vai ser bem mais do que isso.

— O quê?

— Não poderia ter deixado a boate. Era o trato. Se eu desistir, ele me mata.

— Como? Está falando sério?

— Não se preocupe. Ele não sabe onde moro. Não virão atrás de mim.

— Que trato fez com eles?

— Esqueça. Assuntos pessoais. Não gostaria de compartilhar e ficaria feliz se não tocasse mais no assunto.

Ele não concordou, mas acabou mudando de assunto. Não imaginava que tipo de trato poderia ter feito com o dono da Paraíso da Perdição.

Na parada de ônibus os dois conversaram mais um pouco. Ariel nunca falava nada de seu passado, mas estava interessada pelo de Samuel.

O celular dele tocou.

Era Daniel.

— Alô, Sam?

— Oi.

— Estou com o carro da empresa. Você já saiu da universidade? Posso ir te pegar.

— Só um instante! Tapou o fone e falou baixo para Ariel: — Quer ir a algum lugar?

— Não, na verdade eu preciso ir.

— Meu irmão pode te dar uma carona até sua casa.

— Não, obrigada.

— Que é isso! Não vou deixar você sozinha novamente!

— Sério, não precisa. Vou pegar o próximo ônibus.

— São mais de dez e meia!

— Da outra vez era mais de duas da manhã. Não se preocupe.

Ele pensou por um instante, então falou ao celular:

— Deixa pra próxima.

— Está acompanhado?

— Sim.

Um ônibus parou ali em frente e sem que esperasse, Ariel lhe deu um beijo e subiu no veículo.

— Até amanhã! Ela falou com um sorriso radiante.

Samuel ficou sem ação.

— Alô? Sam? Você está aí?

— Oi. Estou sim.

— Algo errado?

— Não, nada. Não estou mais acompanhado. Pode vir me pegar.

— Ela foi embora? Foi por causa da minha ligação? Ela pensou que era outra mulher? Daniel divertia-se do outro lado da linha.

— Não, seu engraçadinho.

— Quem é ela?

— Um anjo, cara. Um anjo...

Nos dias seguintes Ariel apareceu com frequência, sempre de forma inesperada. Vinha sorrindo, aparecia por trás tapando-lhe os olhos ou lhe dava

um susto. Ficavam juntos nos horários vagos, lanchavam na praça de alimentação, andavam de mãos dadas. Fora uma surpresa para os que conheciam Samuel, tão tímido e sem graça desfilando com uma deusa ao seu lado. A surpresa não poderia ser maior para Elias, Alcides e Agenor. O casal passou pelos três, que ficaram ali, de olhos arregalados. Ele estava com Arlequim! Nunca a viram sem maquiagem, mas a reconheceram no ato. Ela era linda! Samuel não poderia conter o sorriso triunfal por deixar seus amigos embasbacados.

— Cara, não acredito no que eu vi Disse-lhe Elias em uma ocasião em que Ariel não estava por perto. — Era mesmo a Arlequim que você estava beijando?

— Ela mesma.

Alcides e Agenor estavam ali também.

— Você está namorando com ela?

— Acho que sim, Cidão.

Os três caíram na gargalhada.

— Puta merda, Sam, tu tá namorando uma *striper*! Não, uma prostituta! Cara, sabe o que isso significa?

— Ela não é mais prostituta, cara! Ela deixou essa vida, abandonou a boate!

Novas gargalhadas.

— Você só pode estar brincando. Meu filho, sabe quantos paus ela deve ter chupado? Quantas vezes não devem ter gozado na cara dela?

— Se nojento! Você beija ela? Agenor fez cara de nojo. — Deve haver esperma entre os dentes dela!

Samuel levantou alterado:

— Vão tomar no cu, porra! Vocês tão com inveja, isso sim! Fodam-se todos, não preciso dos conselhos de vocês!

— Cara, vai brigar com a gente, seus camaradas por causa de uma puta? Elias parecia realmente decepcionado com a reação de Samuel.

Samuel lhes mostrou o dedo médio. E saiu bufando de raiva. Ainda ouviu a voz de Alcides atrás dele:

— Vai tomar no cu então, seu viadinho! Tomara que pegue uma sífilis dessa vagabunda!

Certo dia Samuel levou Ariel a um parque de diversões. Ela lhe confessara nunca ter andado de roda gigante. Ele queria que a primeira vez fosse com ele ao seu lado. Ela relutou,

mas acabou cedendo.

Bastou que a roda começasse a girar para que ela entrasse em pânico e se agarrasse a ele com todas as forças. Ele se divertia com o medo dela. De certa forma fazia com que ele se sentisse especial. A respiração dela no seu pescoço enquanto gritava, o toque suave de sua pele, seus cabelos lisos tocando seu corpo e deixando-o arrepiado... Tudo parecia um sonho. Para Samuel não importava de onde ela viera ou o que costumava fazer. A única coisa importante era o presente. Carpe Diem. Seguia o conselho

de Daniel, estava deixando o passado para trás. E estava funcionando.

O cheiro dos cabelos dela deixava Samuel entorpecido. Ele nem mesmo se importava com a altura nem com a velocidade com que a roda girava. Que aquele momento fosse eterno. Estava apaixonado. Estava realmente apaixonado.

Naquela noite foram para um motel de taxi. Samuel nunca visitara um, não sabia qual era o procedimento, mas ela sim. Beberam um pouco e fizeram sexo a noite toda.

Mais uma vez Ariel foi

embora sozinha, sem deixá-lo acompanhá-la. Ela era um mistério que valia a pena desvendar.

Mas o mistério passou a incomodar Samuel. E se ela fosse casada ou coisa do tipo? Ou talvez não tivesse onde morar, ou tivesse vergonha do local onde morava... Samuel lembrou-se de seus ex-amigos falando sobre ela. Por mais que tivessem sido uns cretinos, eles estavam certos.

E também mexeram com a cabeça dele quando o ciúme começou a aparecer.

Samuel passou a lembrar do passado de Ariel. Tudo o que

ela fizera com ele, inclusive gozar na boca, deveria ter feito com outros caras. Caras desconhecidos. Isso estava deixando-o louco. Imaginava-a na cama com outro. Para piorar, um dia perguntou a ela se já tinha ido pra cama com mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

A resposta foi sim.

O ciúme estava acabando com Samuel aos poucos. Era terrível a ideia de ter aquele anjo, o seu anjo nas mãos de outros. Confiava nela, de alguma maneira. Sabia que ela não o traía, ou pelo menos acreditava que não. Era realmente o passado

que o incomodava. Às vezes quando a beijava, imaginava-a fazendo sexo oral com duas pessoas. Sentia nojo dela às vezes ao imaginar quantos não haviam ejaculado em sua boca. Imaginou-a com os testículos de alguém entre os lábios. Pior: chegou a imaginar cenas de dupla penetração com ela.

Estava enlouquecendo com aquilo.

Era passado, ele sabia. Um passado sem ele, mas mesmo assim era atormentador.

Deve haver esperma entre os dentes dela!

Balançava a cabeça para

espantar tais pensamentos. Ele a amava. Se aquele era o preço para ter uma mulher como aquela em seus braços, enfrentaria as consequências. Ela tinha que ter algum defeito ou não seria real.

Foi com seu irmão Daniel que encontrou consolo para sua aflição. Contou a ele por alto sua história com Ariel. Não disse a ele que ela era uma prostituta de luxo, mas disse que tivera vários relacionamentos, inclusive alguns casuais.

— O que eu te disse sobre o passado, rapaz? Esquece! Ela agora está com você. A menos que não confie nela, não há

motivo para perder tempo pensando nisso. Ela agora é sua! Imagine que ela passou a existir no momento em que você a encontrou. Esse passado dela pertence ao passado. É o presente que interessa. Só o presente!

Estas palavras bastaram para acalmar Samuel. Percebeu que estava perdidamente apaixonado por Ariel. Os ciúmes eram obstáculos agora superados.

Já fazia dois meses que Samuel conhecera Ariel. Naquela noite ela fora encontrar-se com ele na universidade como de praxe; mas desta vez o surpreendeu na parada de ônibus.

— Gostaria de conhecer minha casa?

— Claro!

— Nunca me convidou pra ir à sua...

Samuel teve que admitir: de certa forma tinha receio do irmão. Não sabia o que ele acharia de Ariel. Mas bastou pensar um pouco nisso para perceber que estava sendo um idiota. Seu irmão não mandava nele, não era seu pai, e não havia motivo para se envergonhar de Ariel. Estava agindo como seus amigos. Mas não era essa a razão dela nunca mostrar o local onde morava. Pelo menos esse mistério

estaria desvendado.

— Você nunca pediu. Retrucou ele.

— Não tem problema. Vem ou não vem?

— Vou sim.

Não havia grandes segredos. Ela morava sozinha em uma quitinete num bairro distante da boate onde trabalhava. Era um bairro pobre, isolado e mal iluminado.

— Você não mora aqui. Você literalmente se esconde. Disse enquanto subiam as escadas. — Não disse que ganhava uma grana preta na boate? Poderia arranjar um local

melhor para morar.

— Estava juntando dinheiro. E além do mais não queria chamar atenção ou seria encontrada facilmente. Aqui nunca pensariam em me procurar.

— Tenho certeza que não.

Por dentro a quitinete era linda. Havia alguns quadros com imagens de peças de teatro conhecidas, algumas delas, de Shakespeare. Outras faziam alusão à *commedia dell'arte*, com imagens do Arlequim, da Colombina e de outros personagens. Em um quadro enorme havia uma imagem de Arlequim segurando um cajado,

com trajes medievais decorados de losangos multicoloridos e uma máscara pintada de preto, com uma expressão animalesca.

Ariel ficou olhando para o quadro.

— Sabia que as máscaras carnavalescas medievais fazem alusão a seres infernais? Falo de demônios, criaturas subterrâneas. Para que houvesse fertilidade na terra era necessário invocar tais divindades. As máscaras denotam esse caráter infernal, pintadas de preto, a cor das trevas. Arlequim seria uma espécie de chefe dos diabos, que os comandava com este bastão do quadro.

— O carnaval então é coisa do diabo?

Ela riu.

— Perspectiva interessante essa sua.

— Por que a temática "Arlequim" para as boates?

Ela olhava ainda para o quadro.

— Ele era imperfeito, ambivalente. Embora suas diabruras e caretas, suas cambalhotas e sua agilidade remetessem ao inferno, ao ruim, ele causava o efeito contrário, benigno. Ele fazia as pessoas rirem. Não tem nada a ver com o poli dancing ou com os

programas. O Arlequim para mim tem significado maior. Uma alegria disfarçada de maldade, ou uma maldade disfarçada de alegria...

— Uau, estou começando a me arrepiar com essa história. Onde aprendeu tanto sobre arte?

Ela apontou para uma estante repleta de livros.

— Fiz três anos de teatro e dois de ballet. Nunca me formei em nenhum. Nem me tornei atriz, nem bailaria.

— Não entendo como foi parar numa boate sendo tão inteligente, Ariel.

— As mulheres que estão

lá não são burras. Elas têm suas razões. É tudo uma questão de princípios, ou de ponto de vista. O que é inaceitável pela sociedade pode ser a única alternativa para alguém, e com o tempo, algo normal, mecânico, não errado.

Ele ficou em silêncio um segundo. Não ia continuar falando do passado, mesmo que a curiosidade estivesse matando-o há muito tempo. Esperaria ela se sentir à vontade para falar.

— Senta na cama, quero te mostrar uma coisa.

Ele esperou sentado na cama por algum tempo, quando

uma música suave começou a tocar vinda da sala- cozinha. Intrigado, andou na direção do som.

Ela estava vestida de bailarina, dançando ballet na ponta dos pés ao ritmo da música. Ele assistiu maravilhado Ariel girar trezentos e sessenta graus com as pernas em formato de quatro. Era como se ela não respeitasse a gravidade, brincasse com ela. Samuel poderia jurar que ela era tão leve quanto uma pluma.

Bateu palmas.

— Nossa, você foi demais! Você fica linda de

bailarina, Ariel!

Ela riu, envergonhada com o elogio.

Os dois foram para a cama. Transaram por alguns minutos. O sexo desta vez foi menos selvagem, mais romântico. Deitados nus, ela sussurrou em seu ouvido:

— É a primeira vez que mostro minha casa a alguém. Ninguém sabe onde moro. Nunca confiei em ninguém.

— Exceto em mim...

Ela o olhou com pesar nos olhos. Tocou seu rosto.

— Eu tenho tanto medo...

— De quê?

— Sei lá... De que você me abandone, de que algo dê errado...

Ele a beijou.

— Você me ama? Perguntou ele olhando fundo em seus olhos.

Ela hesitou antes de responder:

— Nunca amei ninguém antes. Não sei dizer se te amo, não tenho certeza.

— Pois eu tenho absoluta certeza: você é a mulher da minha vida.

Beijou-a novamente. Notou que o rosto dela estava molhado.

Eram lágrimas.

Samuel desceu do ônibus indo em direção à universidade. Mal deu alguns passos, um carro parou em sua frente e três homens saíram, dois deles de óculos escuros.

— Vem com a gente. Disse um deles, um barrigudo de camisa colorida e bermudas.

Samuel teve o ímpeto de correr, mas outro homem, um alto, pelas feições um mexicano, imaginou, levantou a camisa alguns centímetros revelando o cabo de uma arma.

Samuel congelou.

As pessoas que passavam

nem mesmo notavam que havia algo errado. Caso gritasse ou tentasse fugir, atirariam nele sem dúvida.

Entrou no carro.

O terceiro homem, um bigodudo, sentou-se ao volante com o barrigudo ao seu lado; Samuel estava ao lado do outro na parte traseira do carro. Suas pernas tremiam e seu coração estava disparado. Iriam matá-lo, tinha certeza. E a razão era óbvia.

— Onde está a Arlequim?

— Não tenho ideia. Embora apavorado, Samuel respondeu com firmeza.

— Não se faça de idiota,

moleque. A vadia e você têm um caso, não têm?

— Não. Mentiu muito mal.

O barrigudo riu.

— Cara, você teve coragem de beijar aquela boca? Ela te disse quantos paus ela chupou? Sabia que ela prefere que gozem na boca dela sempre?

Os três riram alto. Samuel não.

— Não sei do que estão falando.

O que tinha cara de mexicano retirou a arma e pressionou o cano nas costelas de Samuel.

— Será que vale a pena levar uma bala por causa de uma vagabunda? Se disser onde ela mora, nós te deixamos sair. Se não disser, vamos te torturar até que fale. De qualquer maneira vai acabar falando. E então?

— Eu não tenho ideia de onde ela está. Eu te juro! Eu fiquei com ela naquela noite e depois nunca a vi novamente!

— Você é quem sabe.

O carro entrou numa região baldia, cercada de um vasto matagal. O motorista freou. Os quatro desceram.

Vão me matar! Vão me matar! Vão me matar!

— Sabe como é que a gente te encontrou? Foi o bigodudo quem perguntou.

Samuel meneou a cabeça negativamente.

— Tem visto seus amigos de farra?

Uma imagem veio à cabeça de Samuel: Elias, Cidão, Agenor... Um deles o entregara! Estariam eles com tanta raiva a ponto de entregá-lo?

Como Samuel não falou nada, o barrigudo de camisa colorida disse:

— São amigos relativamente fiéis eles. Não bastou dar uma surra e arrancar

alguns dentes com alicate pra que te entregassem. Foi necessário ameaçar arrancar o saco. Isso funcionou, né? Olhou para os outros e começaram a gargalhar.

— Malditos! O que fizeram com meus amigos?

— Ah, finalmente uma reação! Não fizemos nada que não vamos fazer com você, meu caro. Primeiro te espancamos, depois arrancamos alguns dentes. Retirou um alicate do bolso —, e por fim cortamos fora o saco. Se nada disso funcionar, você realmente não sabe de nada.

Riram.

Samuel imaginou seus

amigos sendo torturados para dizerem onde estava. Sentiu uma náusea. O mesmo aconteceria com ele. Aqueles caras não eram de brincadeira.

— E então, o que vai ser? Onde está a vagabunda da Arlequim?

— Vão se foder!

Samuel nem viu quando levou o primeiro golpe, suficiente para derrubá-lo. Uma sequência de socos e chutes começou. Tentava não se concentrar na dor. Estava tentando se concentrar em Ariel. Nunca a entregaria. Nunca!

— Partam pros dentes que ele fala. Disse o bigodudo.

Agarraram com força os cabelos de Samuel e imobilizaram sua cabeça. O cara de mexicano apertou com força suas mandíbulas forçando-o a abrir a boca. Samuel viu aterrorizado o alicate aproximando-se de sua boca.

— Será que ela vai te querer banguelo?

O celular do bigodudo tocou. Ele atendeu imediatamente.

— Ele está prestes a falar, senhor... não, não arrancamos ainda... tudo bem, tudo bem... Estendeu a mão com o celular para Samuel. — É pra você.

Soltaram a cabeça de

Samuel. Ele pegou o celular ainda confuso, tossindo.

— Alô, garoto. Era uma voz grave, tranquila.

— A.. Alô...

— Entendo e até me admira esse seu gesto de estar prestes a perder os dentes e o saco pela sua amada, mesmo ela sendo uma *striper* prostituta. Isso é comovente. Amor verdadeiro... isso é raro, muito raro. Mas deixe-me alertá-lo de uma coisa: Ela não é quem você imagina. E não me refiro a ser prostituta; isso ela é sim. Refiro-me a algo bem pior. Sabe por que ela trabalha para nós?

— Trabalhava.

— Chegamos a algum lugar. Violência não leva ninguém a lugar nenhum, não é mesmo? Pois bem, já que acaba de confessar que sabe algo sobre ela, vou apenas dizer-lhe algo e prometo que meus homens não o espancarão mais, nem mutilarão nenhuma parte sua... Sua querida Arlequim é uma assassina. Em série, aliás. Ela trabalha para mim por um simples motivo: ela me deve isso. Cada vez que ela escolhe uma vítima, nós o capturamos e ela o assassina com requintes de crueldade. Ela nos paga dançando e satisfazendo

nossos clientes, como satisfez você. Deve ter se cansado de matar, e talvez tenha se apaixonado por você. Mas nada muda o que ela é. Cedo ou tarde vai descobrir quem realmente é Arlequim e vai ligar para nós por livre e espontânea vontade. Devolva o celular.

Samuel obedeceu. O bigodudo ouviu por um instante e então anotou algo em um pedaço de papel que retirara do bolso. Entregou-o a Samuel.

— Se for à polícia nós te matamos e matamos sua família.

Os três homens então afastaram-se deixando o jovem no

chão.

Estavam mentindo, só podiam estar! Estavam blefando para enganá-lo! Ariel seria incapaz de fazer mal a alguém!

Levantou-se com dificuldade até mesmo de respirar. Devia estar com uma costela quebrada, ou mais pela dor infernal que estava sentindo. Andou o máximo que pôde, até uma rua movimentada.

Caiu inconsciente.

O primeiro rosto que Samuel viu no hospital foi o de seu irmão.

—Enfermeira!

Enfermeira! Gritou Daniel

encurvado sobre a cama.

— Da-Daniel... Ei, cara, como vim parar aqui?

— Quem fez isso com você?

Dois policiais entraram no quarto junto com uma enfermeira.

— Por favor, esperem mais um pouco. Ele não está em condições de falar. A enfermeira disse aos policiais, fazendo-os sair do quarto.

Samuel não poderia falar a verdade.

— Acho que me confundiram. Forçaram-me a entrar num carro, me bateram

muito e se deram conta de que não era eu que eles queriam. Então foram embora.

— Meu Deus, Samuel! Você quase foi assassinado!

— Por favor, você também, afaste-se. Pediu a enfermeira examinando Samuel.

Depois de algum tempo, Samuel conversou com os policiais, deu a mesma versão que dera a Daniel, disse não se lembrar dos rostos nem de nenhum detalhe importante. Mesmo não convencidos, os policiais tiveram que sair.

Samuel e Daniel ficaram sozinhos.

— Sua namorada veio aqui — Daniel disse num tom estranhamente frio. — Ligou pro seu celular e eu avisei que estava no hospital.

— Ariel esteve aqui? Onde ela está?

— Foi embora.

— Como assim? Por que ela não ficou? Ela disse o porquê?

— Afaste-se dela, Samuel.

— Do que está falando?

— Ela não é quem você imagina.

O coração de Samuel apertou. Daniel estava falando

como o homem no celular.

— Você a conhecia? O que ela fez? Por que está dizendo isso?

Daniel deu uma volta pelo quarto com as mãos na cabeça.

— Ela é uma prostituta assassina.

Não pode ser! Não pode ser!

— Lamento dizer isso, Samuel, mas é verdade.

— Como você sabe? Por que está dizendo isso?

Depois de algum silêncio, ele revelou:

— Foi ela quem assassinou dois de meus amigos.

Seus corpos foram encontrados mutilados há dois anos. Foi ela quem os matou, com a ajuda de seus cafetões.

— Não faz sentido! Por que ela os mataria?

— Ela é uma doente assassina. Mata por prazer. Alguns amigos meus a contrataram para a despedida de solteiro. Ela pediu que fizessem uma orgia, eles fizeram, depois disso, sem motivo aparente, passou a perseguir um a um e matá-los. Por pura diversão. É como um jogo para ela.

— Como você sabe disso? Seus amigos são uns

caretas, nunca fariam isso. Eles são como você!

— Meus atuais amigos sim. Mudei meu ciclo de amizades. Eles eram mais que má influência, mas nada que justificasse o assassinato deles. Antes de morrer, um deles me mostrou uma foto que tiraram dela, com vários pênis na cara! Haviam gozado nela, Samuel! Afaste-se dessa vagabunda!

Samuel não conseguia acreditar. Era mesmo verdade que ela era uma assassina? O quanto ele a conhecia? Apaixonara-se por uma prostituta cujo passado era um mistério!

— Me escuta, você é meu irmão e eu te amo. Ela mata por prazer. Matou um a um dos que estavam na despedida de solteiro, dois deles, meus amigos! Talvez por isso ela tenha se aproximado de você. Ela deve querer acabar com todos os amigos dos amigos dos que estavam na festa. Ela deve estar querendo me matar, Sam. Escuta, você está em perigo! Afaste-se dela!

Assassina. Não era possível. Conhecia Ariel, sabia como ela era. Não a imaginava torturando ou matando ninguém. Ela matava por puro prazer? Relembrou-se do sexo selvagem

que tiveram e que ela tivera com tantos outros; sua natureza angelical contrastava com aquele ser luxurioso e pervertido. Poderia haver um demônio ali dentro dela que Samuel ainda não conhecera. Mas ele a amava. Muito. Mais do que imaginava ser capaz de amar alguém.

Mas ela nunca dissera que o amava. Nunca.

E se tudo fosse mesmo verdade e ela o estivesse usando para vingar-se de Daniel?

—A enfermeira disse que você quebrou uma costela e sofreu várias fraturas. Eu aposto minha vida como ela tem algo a

ver com isso. Não a acoberte, Sam. Eu tenho que trabalhar. Você vai ficar bem.

Daniel saiu do quarto. Voltou à noite para ficar com Samuel. No dia seguinte havia pedido folga para cuidar do irmão, mesmo que este protestasse dizendo não ser necessário. Ariel não aparecera nem ligara. Cada vez mais Samuel estava convencido de que tudo sobre ela era verdade. Não sabia se sentia raiva ou medo dela.

Raiva com certeza; porque ela ainda a amava.

O médico deu alta a

Samuel com dois outros dias. Ligara para Daniel, mas este não atendera. Pegou um ônibus de volta para casa. Sentia-se melhor, exceto pelo fato de não acreditar ainda por completo que Ariel fosse o monstro que lhe disseram. Mas o fato de ela não ter aparecido ou ligado apenas agravava a situação. Ela realmente não gostava dele.

Mas estaria Daniel realmente correndo risco de vida? Daniel nunca mentiria para ele. Nunca. Era como um pai exemplar. Não faria isso com ele.

Entrou no apartamento.

— Daniel? Daniel?

Nada. Era manhã, devia estar no trabalho. O aparelho de DVD estava ligado; Daniel devia ter saído na pressa. Ligou a TV e foi para a cozinha. Estava faminto.

Abriu a geladeira.

Caiu para trás.

Horrorizado, com todas as suas forças, tentou gritar, mas não expeliu nenhum som.

Levou as mãos à boca, mas vomitou do mesmo jeito.

Aquilo era terrível.

Na porta da geladeira, no lugar onde se colocava os ovos, havia um par de olhos de cor apagada. Nos compartimentos da

geladeira havia um par de braços, outro de pernas e uma cabeça com as órbitas vazias. Havia várias fatias de carne humana na parte inferior da geladeira. Era Daniel. Ou o que restara dele.

Samuel cambaleou.

Ela o matara, com certeza. Seu irmão morrera e a culpa era sua.

Maldita Ariel. Maldita Arlequim!

Pegou o celular. Discou um número.

— Alô? Sua voz estava alterada, embargada pelo choro. — Anota aí o endereço da Arlequim. É. Disse o endereço

duas vezes.

Ouviu uma risada do outro lado. A voz grave de antes disse:

— Obrigado, rapaz. Esperta decisão. Desligou.

Largou o celular no chão, chorando convulsivamente.

Ao passar pela sala, viu que a TV que ligara projetava imagens de um menu do DVD que já estava ligado. Só então notou que sobre o sofá havia uma carta com um grande "A" desenhado.

"A" de Ariel, "A" de Arlequim. Ela deixara algo escrito na cena do crime. Uma confissão, talvez. Abriu a carta.

Apertou o play. Na tela da

TV viu a imagem de uma festa particular só de homens bebendo.

Tentou ler a carta, movido pela raiva, pela revolta.

— Eu estava grávida naquela época, grávida de algumas semanas, mas já tinha uma ideia de quais seriam os nomes da criança. Ariane para mulher, Gabriel para homem. O pai da criança me abandonara quando soubera que não iria abortar. Meu sonho sempre fora engravidar, pôr uma vida no mundo. Não teria como sustentá-lo, então desisti da faculdade para me dedicar à nova vida. Tentei arranjar um emprego, mas

não consegui nenhum. Tinha que ter algum dinheiro quando a criança começasse a crescer em minha barriga. Queria que nascesse em berço de ouro...

— Uma amiga que dançava em bares de *stripers* me convidou para ir à boate; Ela me disse que eu era linda, que iam me adorar. Poderia arranjar algum dinheiro enquanto a barriga não crescesse, então aceitei com relutância. Era muito tímida, recatada. Só havia me entregado ao pai da criança, que caiu fora quando teve que assumir a responsabilidade. Eu só iria dançar...

— Depois da minha estreia, um rapaz me contratou para dançar numa despedida de solteiro. Apenas dançar, eu exigi. Ele me pagaria uma grana alta, não dava para recusar. Além do mais, era só um bando de jovens de classe média alta e riquinhos querendo me ver e beber até cair. Nada mais.

— Como eu era ingênua.

— Não preciso entrar em detalhes, pois o vídeo que um deles gravou diz tudo. Aposto que não conhecia esse lado de seu irmão...

Samuel olhou para a tela da TV. Ariel de biquíni e sutiã

dançava timidamente no meio dos rapazes. Um deles, como só agora pôde notar, era Daniel.

Daniel no meio deles?

Estavam todos bêbados. Eram seis ou sete ao todo. Estavam em um apartamento ou casa, talvez. Um deles tentou beijar Ariel. Ela o rejeitou com educação. Outro a puxou com força e a beijou. Todos riram. Inclusive Daniel.

— Vem cá, gostosa.

— Pare! Eu não concordei com isso! Eu só vim dançar!

— Por favor, querida! Você é uma delícia. É minha despedida de solteiro. Não vai

me fazer essa desfeita, vai? A gente te paga em dobro. Uma orgia, que tal?

Ela parecia apavorada. O que segurava a câmera foi até a porta e a trancou. Samuel pôde ouvir os gritos de Ariel pedindo para que parassem. Quando o câmera filmou Ariel novamente, ela havia sido imobilizada no chão, e um dos homens rasgava sua calcinha e forçava um sexo oral entanto todos riam. Haviam tapado a boca de Ariel. Ela chorava. Todos se despiam. Samuel viu horrorizado seu irmão bêbado ajoelhar-se ao corpo indefeso e penetrá-la. Ariel

tentava livrar-se e esperneava.

— Ai! Gritou Daniel, olhando para a câmera. Essa vadia machucou meu pau, porra! Esmurrou com força o estômago de Ariel. Ela desmaiou.

Foi horrível. Sem se importar que ela estivesse inconsciente, eles se revezavam em estuprá-la. Riam, bebiam mais. O que filmava entregou a câmera para um dos outros e estuprou Ariel também

Ariel acordou e tentou lutar. Apanhou mais ainda. Eles a empurravam de um lado para o outro como se fosse um brinquedo. Deixaram-na

inconsciente novamente. Ejacularam todos na face dela. Para todos os efeitos, parecia um cadáver.

A gravação acabou.

Não dava para descrever a sensação de Samuel quando ele continuou a ler a carta, com as mãos trêmulas:

— Pensaram que eu estava morta e me jogaram em um lixão. Perdi a criança sem nem mesmo saber que sexo teria. Só pude pensar em vingança, e foi por isso que fui ao Paraíso da Perdição propor um acordo: Eles me trariam cada um dos animais que fizeram aquilo comigo, que

acabaram com o que eu era, para que eu os matasse pessoalmente. Em troca, dançaria sempre para eles. Lamento por você, mas não pelo seu irmão. Ele mereceu o que teve, e fiz sozinha, eu o segui. Pensei em poupá-lo em consideração a você, mas não é algo que eu pudesse escolher. Eles me mataram realmente naquele dia; mataram minha inocência e meus sonhos, mataram meu filho. Os médicos disseram que nunca engravidaria novamente.

— Ele foi o último. Sei como deve estar se sentindo. Só queria que soubesse que nunca

senti o que sinto por você. Cheguei a pensar teria uma segunda chance, mas minhas mãos já estão sujas o suficiente e eu não aprendi a perdoar. Não precisa me perdoar também...

— Quem dera tivesse pelo menos a chance de te dizer...

— O Quanto, o quanto eu te amo...

— Adeus, meu amor.

— Ariel.

***

Samuel levantou com as pernas bambas. Ela fora vítima de uma atrocidade. Seu irmão que era o monstro da história... Mas

era tarde demais... Ele a entregara, ligara para os bandidos... Eles deveriam estar a caminho, ou já tê-la matado.

Saiu do apartamento, lembrando-se dos dois no jantar que tiveram...

...ela no Karaokê cantando *The Cranberries* com uma voz divina...

...da primeira vez que fizeram amor...

...ela dançando com a roupa de bailarina...

Tudo em câmera lenta em sua mente, dando ênfase a cada detalhe de seu rosto, do seu sorriso, do seu olhar...

Era tarde, tarde demais.

Pegou um táxi, desesperado, pedindo que fosse ao endereço de Ariel.

Tarde demais! Tarde demais!

O táxi ia o mais rápido que podia, a exigência de Samuel. Parou em um engarrafamento; Samuel desceu do taxi, deu uma nota ao taxista e correu entre os carros desesperado.

Tarde demais! Tarde demais!

Ele só queria ter a chance de chegar a tempo, de vê-la, de dar-lhe um abraço, um beijo, dizer-lhe que a entendia e que a

perdoava, dizer o quanto a amava, e pela primeira vez, ouvir da boca dela um "eu te amo".

Pelo menos uma vez, pelo menos uma vez!

Chegou à rua da casa dela e viu um aglomerado de pessoas.

Não, não, não, não!

Passou pela multidão, mas foi detido pelos policiais.

— Me deixa passar! Me deixa passar!

— Conhecia a vítima?

— É minha namorada!

— Lamento muito...

— Ela... Ela foi assassinada?

— Não. Cometeu

suicídio. Testemunhas dizem que três homens entraram na casa e saíram de maneira suspeita há poucos minutos, mas ela está morta desde ontem aproximadamente.

Ela se matara...

Samuel desvencilhou-se do policial correndo para dentro da casa; tentaram impedi-lo, mas era tarde demais.

Ela estava deitada na cama vestida de bailarina; os olhos estavam abertos, mas o brilho estava apagado. De sua boca escorria uma espuma já ressecada. Envenenamento.

Samuel chorou

ajoelhando-se perante a cama. Um dos policiais chegou à porta do quarto, mas outro o impediu de continuar.

— Eu te amo, Ariel! Eu te amo! Desculpa se te traí! Desculpa! Eu te amo!

Como queria ouvir o mesmo da boca dela... Os policiais aproximaram-se dele.

— Afaste-se, filho, por favor. Disse o mais velho deles.

Samuel foi rápido.

Enfiou a mão no cabo da arma do policial e a puxou.

— Afastem-se dela! Afastem-se dela! Eu a matei! Matei também meu irmão e

coloquei na geladeira! Eu a traí! Eu a matei!

Outros policiais apareceram na porta.

— Largue a arma! Largue a arma!

Não viveria sem ela. Não com a culpa de tê-la entregado, embora ela mesma tivesse acabado com a própria vida. A pessoa que mais respeitava no mundo era um monstro e a que mais amava no mundo agora se fora.

— O que estão esperando? Atirem em mim! Atirem em mim!

— Abaixe a arma! Abaixe

a arma!

Samuel apontou-lhes a arma sem a intenção de atirar.

Os policiais atiraram ao mesmo tempo. Seu corpo caiu sobre o cadáver de Ariel. Ainda teve tempo de olhar para o rosto dela.

Se pudesse dizer algo, diria que se encontrariam em breve.

Mas nada disse.

Nunca mais.

FIM

MENSAGEM DO AUTOR

Dark Gero é meu pseudônimo. Meu nome mesmo é Geraldo Rodrigues. Eu, como milhares de brasileiros, nasci pobre, mas desde criança estava disposto a virar a situação, afinal, sonhar nunca foi proibido, foi? Desde criança acredito que nossas mentes têm um potencial fantástico. Basta desenvolver esse potencial e ser perseverante até que ele seja reconhecido. Não é porque não nascemos em berço

de ouro que somos incapazes de transformar nossos sonhos em realidade.

Foi acreditando nisso que transformei meus sonhos em objetivos de vida. Vivemos por uma razão, e já que temos um milhão de diferentes versões para essa razão, resolvi criar a minha própria.

Riram muito do meu otimismo; fizeram pouco dos meus anseios, mas eu nunca me abalei. Continuei e continuo firme em meu propósito. Se eu cair, me levanto com um sorriso sacana e sigo em frente. Uma hora chego ao topo, assim como acredito que

qualquer um pode chegar.

Sempre fui o único que realmente acreditou em mim mesmo, mas não é assim que tem que ser? E que isso sirva de inspiração a milhares de sonhadores que deixam seus sonhos morrerem nos primeiros obstáculos. Muitos vão longe pisando nas cabeças dos outros, eu vou até o final com bom humor e o talento que Deus me deu.

Para isso, um importante passo tem de ser dado. Com este livro de contos de terror, uma paixão de infância, vou adentrando esse longo e difícil caminho até o sucesso, sempre

com a humildade que herdei de minha mãe e a ambição que eu mesmo criei. Dou minha cara a tapa para levar até você, leitor, um pouco do que povoa minha mente obscura. É por isso que encaro esse mundo burocrático e cheio de "nãos" em busca do que eu acredito. Não importa de onde saímos, mas para onde somos capazes de ir.

Essa ladainha toda é uma mensagem especial para você. Além de ler, reflita um pouco.

Ah, qual é o meu sonho?

Conquistar o mundo, claro.

Dark Gero